



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO – CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

REGINALDO AMORIM DE CARVALHO

**O JORNAL ESCOLAR COMO ESTRATÉGIA PARA
PRODUÇÃO E PUBLICAÇÃO DE DIFERENTES GÊNEROS
TEXTUAIS EM SALA DE AULA:
UM ESTUDO DE CASO DO JORNAL “GALERA ROLDÃO”**

Florianópolis
2011

REGINALDO AMORIM DE CARVALHO

**O JORNAL ESCOLAR COMO ESTRATÉGIA PARA
PRODUÇÃO E PUBLICAÇÃO DE DIFERENTES GÊNEROS
TEXTUAIS EM SALA DE AULA:
UM ESTUDO DE CASO DO JORNAL “GALERA ROLDÃO”**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de “Mestre em Linguística” pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina – PPGLg/UFSC.

Orientador: Prof. Dr. Josias Ricardo Hack.

Florianópolis
2011

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

C331j Carvalho, Reginaldo Amorim de

O jornal escolar como estratégia para produção e publicação de diferentes gêneros textuais em sala de aula [dissertação] : um estudo de caso do jornal "Galera Roldão" / Reginaldo Amorim de Carvalho ; orientador, Josias Ricardo Hack. - Florianópolis, SC, 2011.

1 v.: il., grafs., quadros

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Jornalismo escolar. 3. Gêneros textuais. 4. Língua portuguesa - Estudo e ensino - Santa Catarina. 5. Língua portuguesa - Escrita - Santa Catarina. I. Hack, Josias Ricardo. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

CDU 801

REGINALDO AMORIM DE CARVALHO

**O JORNAL ESCOLAR COMO ESTRATÉGIA PARA
PRODUÇÃO E PUBLICAÇÃO DE DIFERENTES GÊNEROS
TEXTUAIS EM SALA DE AULA: UM ESTUDO DE CASO DO
JORNAL “GALERA ROLDÃO”**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Linguística” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Florianópolis (SC), 29 de setembro de 2011.

Prof.^a Rosângela Hammes Rodrigues, Dra.
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Marcos Antonio Rocha Baltar, Dr.
Membro e Presidente da Banca
UFSC/PPGLg

Prof. Adair Bonini, Dr.
Membro Titular
UFSC/PPGLg

Prof. Jorge Kanehide Ijuim, Dr.
Membro Titular
UFSC/PPGJ

Prof.^a Rosângela Hammes Rodrigues, Dr.^a
Suplente
UFSC/PPGLg

Dedicatória:

Tu me alegras, Senhor, com os teus feitos; as obras das tuas mãos levam-me a cantar de alegria. Como são grandes as tuas obras, Senhor, como são profundos os teus propósitos!

(Bíblia Sagrada. Salmo 92:4-5)

Dedico este trabalho para:

Minha querida mãe, Maria Hercília de Carvalho,

Minha querida esposa, Raquel Barboza E. de Carvalho,

Meu amado filho, Abner Vasconcellos de Carvalho,

por acreditarem sempre na minha possibilidade de aprender mais.

Agradecimento especial:

Ao meu nobre orientador, Prof. Dr. Josias Ricardo Hack, pela sua hombridade, paciência e dedicação, as quais foram fundamentais para a realização desta pesquisa e conquista deste título.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força e sabedoria para superar os obstáculos e chegar à realização deste sonho.

À minha querida mãe, Maria Hercília, pelas suas orações em meu favor e por ter me educado e alfabetizado, despertando em mim o interesse pela leitura desde cedo.

À minha amada esposa, Raquel, pelo apoio, carinho, compreensão e incentivo para que eu pudesse chegar a esta conquista.

Ao meu querido filho, Abner, pela inspiração e descontração diária que me proporcionou durante os intervalos dos meus estudos.

Aos meus irmãos pelo apoio dispensado a mim.

Aos meus queridos sogros Prof. Gleci Vasconcellos e Afoncina Barboza, às queridas cunhadas e ao Maiquel Danzer, pela motivação e intercessão para que eu conquistasse este degrau na minha formação acadêmica.

Ao amado casal Ponciano A. Greff e Benilde P. Greff (*in memoriam* – 2011), pelas suas orações e seu apoio especial, tanto nas minhas frustrações como nas minhas conquistas.

Ao amigo, Pr. José Martins de Sousa (*in memoriam* – 2011) e esposa, pelos conselhos e estímulo para que eu continuasse estudando.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, pelo incentivo na busca e construção do conhecimento.

Aos membros da banca da qualificação do meu projeto, pelas valiosas sugestões.

À CAPES, pelo suporte financeiro durante a realização deste mestrado.

Ao meu amigo, Prof. Dr. Vilmar F. de Souza, pela motivação e assessoria para o exame de proficiência em inglês.

À doutoranda Carla Cristofolini e à mestranda Clarinha Matos, pelo estímulo e suporte dado para a minha aprovação e realização deste mestrado.

Às doutorandas Marta Monteiro e Vanessa Lima, pela leitura crítica e sugestões valiosas para esta dissertação.

À prima Sandra Elizabeth Campos (Noruega), pela tradução do resumo para o inglês.

Ao diretor e ao coordenador pedagógico da Escola Roldão (na época da pesquisa), José C. Camoreto e Fabrício Zimmermann, aos professores, alunos, funcionários e pais de alunos, pela gentileza e interesse em contribuir com este trabalho.

Às organizadoras do Jornal Viegas Animal, da Escola Prof. Viegas, em Biguaçu, pela importante cooperação na coleta de dados para esta dissertação.

Aos jornais biguaçuenses Barriga Verde e JB em Foco, pelos arquivos digitais do nosso objeto de estudo.

À ONG Comunicação e Cultura, pelas informações dadas para esta pesquisa.

A todos os amigos e colegas que de alguma forma contribuíram para a realização deste sonho através de suas palavras de incentivo, do seu companheirismo e cooperação.

A todos vocês: os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Esta dissertação teve a sua origem a partir da preocupação de se estudar alternativas de ensino e aprendizagem da língua materna que tenham como base os gêneros textuais/discursivos. Ao tomarmos conhecimento de que algumas escolas vêm utilizando o suporte jornal escolar como um meio para a publicação dos textos produzidos pelos alunos, elegemos nosso objetivo principal: analisar a relevância do jornal escolar para a produção de textos de diferentes gêneros textuais/discursivos no ensino e aprendizagem da língua materna. Para fundamentarmos o nosso estudo, tomamos como base a teoria dos gêneros do discurso na perspectiva de Bakhtin (1997) e do interacionismo sócio-discursivo de Bronckart (1999; 2006). Dentro desse contexto, fazemos ainda uma breve discussão dos gêneros textuais relacionada ao ensino e aprendizagem da língua materna com base em Marcuschi (2002), Oliveira (2010) e Dolz e Schneuwly (2004). Para compreendermos melhor o nosso objeto de pesquisa, fazemos uma abordagem histórica do jornal escolar, da sua origem ao seu uso na atualidade em escolas brasileiras. Nessa discussão nos apoiamos especialmente na questão relacionada ao jornal escolar defendida por Freinet (1974), na pedagogia de Freire (1981; 2004) e nas experiências com esse suporte vivenciadas por pesquisadores como Santos (1993), Ijuim (2005) e Baltar (2006). Nosso enfoque teórico se encerra com uma concisa classificação de alguns gêneros jornalísticos que podem ser encontrados nos jornais escolares, cuja fundamentação se encontra em Melo (1985), Lage (1998; 2001) e outros autores. Para a concretização deste trabalho optou-se pela pesquisa empírica com a utilização da metodologia do estudo de caso sobre o jornal “Galera Roldão”, produzido por uma escola do litoral catarinense. As técnicas de pesquisa utilizadas foram entrevistas semi-estruturadas e análise de dados secundários. Nesse processo, foram entrevistados educadores e alunos envolvidos com o projeto do jornal e ainda funcionários e alguns pais de alunos. Simultaneamente, foi feita a identificação e classificação dos gêneros de textos publicados nas seis edições do jornal tema deste estudo. Finalizando este trabalho, analisamos os dados coletados à luz do referencial teórico adotado nesta pesquisa e, entre alguns resultados obtidos, constatamos que o uso do jornal escolar propicia ao aluno a possibilidade de contato, produção e apropriação de diversos gêneros textuais, além de posicionamento crítico em relação à escrita, maior interesse pela leitura e preocupação em escrever com mais clareza, além de vários outros resultados que poderão contribuir tanto para o ensino e

aprendizagem da língua materna como para as demais disciplinas do currículo escolar, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da competência discursiva escrita do educando.

Palavras chave: jornal escolar; gêneros textuais; produção de textos; ensino e aprendizagem da língua materna.

ABSTRACT

This essay had its origin from the concern of studying teaching and learning alternatives of the mother tongue that have as basis the text genres / discourses. When we become aware that some schools are using as support the school newspaper as means for the publication of the texts produced by students, we chose our main objective: to analyze the relevance of the school newspaper for the production of texts of different genres textual/discursive in mother tongue teaching and learning. In support to our study, we used as basis the theory of speech genres in the context of Bakhtin (1997) and Bronckart's socio-discursive interactionism (1999, 2006). Within this context, we also have a brief discussion of the text genres related to teaching and learning of mother tongue based on Marcuschi (2002), Oliveira (2010) and Schneuwly and Dolz (2004). In order to understand better the object of our research, we make a historic approach of the school newspaper from its origin to its current use in Brazilian schools. In this discussion we especially rely on the point that relates to the school newspaper defended by Freinet (1974), on the Freire pedagogy (1981, 2004) and on experiences with this support done by researchers as Santos (1993), Ijuim (2005) and Baltar (2006). Our theoretical approach ends with a concise classification of some journalistic genres that can be found in school newspapers, whose fundament is seen in Melo (1985), Lage (1998, 2001) and others. The achievement of this work was chosen by empirical research using the methodology of case study of the newspaper "Galera Roldão", produced by a school of Santa Catarina coast. The research techniques used were semi-structured interviews and secondary data analysis. In this process, we interviewed teachers and students involved with the newspaper project and also the staff and some of students' parents. Simultaneously, the complete identification and classification of texts genres published in six editions of the newspaper, theme of this study. In order to finalize this work, we analyzed data collected in the light of the adopted methodology in this research, and among some of the results obtained, we found that the use of school newspaper gives students the possibility of contact, creation and use of several text genres, besides critical position in relation to writing, greater interest in reading and concern to writing more clearly, and many other results that may contribute to both teaching and learning of mother tongue as for the other disciplines of the school curriculum, thus contributing to the development of discursive competence of the student writing.

Keywords: school newspaper, text genres, text production, teaching and learning the mother tongue.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fachada da Escola Roldão	78
Figura 2 – Capa da 1ª edição do “Galera Roldão”	88
Figura 3 – Capa da 2ª edição do “Galera Roldão”	92
Figura 4 – Capa da 3ª edição do “Galera Roldão”	96
Figura 5 – Capa da 4ª edição do “Galera Roldão”	101
Figura 6 – Capa da 5ª edição do “Galera Roldão”	105
Figura 7 – Capa da 6ª edição do “Galera Roldão”	109

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.1 – Gêneros textuais publicados na 1ª edição do “Galera Roldão”	90
Gráfico 1.2 – Espaço ocupado por cada gênero de texto publicado na 1ª edição do “Galera Roldão”	91
Gráfico 2.1 – Gêneros textuais publicados na 2ª edição do “Galera Roldão”	94
Gráfico 2.2 – Espaço ocupado por cada gênero de texto publicado na 2ª edição do “Galera Roldão”	95
Gráfico 3.1 – Gêneros textuais publicados na 3ª edição do “Galera Roldão”	99
Gráfico 3.2 – Espaço ocupado por cada gênero de texto publicado na 3ª edição do “Galera Roldão”	100
Gráfico 4.1 – Gêneros textuais publicados na 4ª edição do “Galera Roldão”	103
Gráfico 4.2 – Espaço ocupado por cada gênero de texto publicado na 4ª edição do “Galera Roldão”	104
Gráfico 5.1 – Gêneros textuais publicados na 5ª edição do “Galera Roldão”	107
Gráfico 5.2 – Espaço ocupado por cada gênero de texto publicado na 5ª edição do “Galera Roldão”	108
Gráfico 6.1 – Gêneros textuais publicados na 6ª edição do “Galera Roldão”	111
Gráfico 6.2 – Espaço ocupado por cada gênero de texto publicado na 6ª edição do “Galera Roldão”	112
Gráfico 7.1 – Resumo dos gêneros textuais publicados nas seis edições do “Galera Roldão”	113
Gráfico 7.2 – Espaço ocupado por cada gênero de texto publicado nas seis edições do “Galera Roldão”	114

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Títulos dos textos publicados na 1ª edição do “Galera Roldão”	89
Quadro 2 – Títulos dos textos publicados na 2ª edição do “Galera Roldão”	93
Quadro 3 – Títulos dos textos publicados na 3ª edição do “Galera Roldão”	97
Quadro 4 – Títulos dos textos publicados na 4ª edição do “Galera Roldão”	102
Quadro 5 – Títulos dos textos publicados na 5ª edição do “Galera Roldão”	106
Quadro 6 – Títulos dos textos publicados na 6ª edição do “Galera Roldão”	110

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	23
2 OS GÊNEROS DO DISCURSO E O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA	31
2.1 Os gêneros do discurso na concepção teórica de Bakhtin	31
2.1.1 Abordagem teórica do enunciado	32
2.1.2 Os gêneros do discurso: sua natureza e sua constituição	34
2.2 Os gêneros na concepção interacionista sócio-discursiva de Bronckart	38
2.3 O ensino de gêneros textuais/discursivos no ambiente escolar	44
3 JORNAL ESCOLAR: ORIGEM E USO PEDAGÓGICO	49
3.1 Origem do jornal escolar: uma abordagem histórica	49
3.2 O jornal escolar no Brasil	52
3.2.1 A ONG Comunicação e Cultura e o jornal escolar	53
3.3 A relevância do jornal escolar no ensino e aprendizagem da língua materna	55
3.4 Vantagens do jornal escolar	58
3.4.1 Ensino da língua materna	58
3.4.2 Documentário da experiência escolar	59
3.4.3 Ponte entre a escola, a comunidade e os pais	60
3.4.4 Responsabilidade	61
3.4.5 Autonomia	62
3.4.6 Liberdade de expressão	63
3.4.7 Interação	65
3.4.8 Cooperação	66
3.4.9 Curiosidade	67
3.4.10 Incentivo à pesquisa	68
3.4.11 Senso crítico	69
3.5 Alguns gêneros textuais encontrados no jornal escolar	70
4 METODOLOGIA	77
4.1 Metodologia usada na pesquisa	77
4.2 Algumas informações sobre o local da pesquisa	77

4.3 Algumas informações sobre o objeto da pesquisa	79
4.4 Procedimentos da pesquisa	80
4.4.1 Primeiro procedimento: Pesquisa bibliográfica	80
4.4.2 Segundo procedimento: Identificação e análise dos gêneros textuais do jornal “Galera Roldão”	80
4.4.3 Terceiro procedimento: Entrevistas	82
5 ANÁLISE DOS DADOS	87
5.1 Análise das edições do jornal “Galera Roldão”	87
5.1.1 Análise da Primeira Edição	88
5.1.2 Análise da Segunda Edição	92
5.1.3 Análise da Terceira Edição	96
5.1.4 Análise da Quarta Edição	101
5.1.5 Análise da Quinta Edição	105
5.1.6 Análise da Sexta Edição	109
5.2 Conclusão da análise das seis edições do jornal “Galera Roldão”	112
5.3 Análise das entrevistas	117
5.3.1 Entrevista com os educadores da Escola Roldão	117
5.3.2 Entrevista com alunos da Escola Roldão	123
5.3.3 Entrevista com familiares de alunos e funcionários da Escola Roldão	128
5.4 Conclusão da análise da pesquisa empírica	130
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139
ANEXOS	147
ANEXO A – Questionário aplicado aos educadores da Escola Roldão	147
ANEXO B – Questionário aplicado aos alunos da Escola Roldão	149
ANEXO C – Questionário aplicado aos funcionários e pais de alunos da Escola Roldão	151
ANEXO D – Projeto Jornal “Galera Roldão”	152

1 INTRODUÇÃO

A realização deste estudo nasceu da preocupação com o quadro atual do sistema de ensino e aprendizagem da língua materna no Brasil, que embora esteja passando por algumas mudanças, estas ainda acontecem de maneira lenta. Apesar dos avanços relacionados ao ensino da língua escrita ocorridos nos últimos anos, em muitas escolas, essa prática ainda permanece centrada na gramática tradicional. Como consequência dessa prática pedagógica, há em nossas escolas um grande número de estudantes com dificuldades de produzir textos escritos que sirvam de uso efetivo da linguagem nas suas relações cotidianas. O que se pode concluir que, aprender a gramática normativa de maneira descontextualizada não resulta em bons produtores de textos, que é uma competência que se espera do aluno.

Segundo Bonini (2002, p. 24, 26), a reflexão sobre o ensino da produção textual na escola enfrenta dois processos de formação. O primeiro acontece na discussão acadêmica onde se confrontam várias tendências e, o segundo, na prática docente nas escolas, no que diz respeito às “[...] dificuldades de reciclagem dos profissionais”. De acordo com o autor, ainda que na esfera acadêmica haja divergências quanto às teorias, há um consenso na tentativa de superar as práticas tradicionais de ensino da língua que ainda são muito fortes na escola brasileira. Conforme analisa Bonini, mesmo com o desenvolvimento da teoria da enunciação e da teoria polifônica de Bakhtin, a Análise do Discurso e a Linguística Textual, a esperada mudança pragmática no ensino da língua ainda está longe de acontecer, pois os estudantes continuam chegando ao vestibular com os mesmos problemas de redação observados por Pécora (1981).

Apesar de nas últimas décadas ter surgido a proposta de se trabalhar os gêneros textuais/discursivos¹ como unidade de ensino da língua materna, ainda se nota certa resistência da parte de alguns professores e de algumas escolas para tal mudança. Bonini (2002, p. 26), apoiando-se em Fregonezi (1999), salienta que o problema maior está na

¹ Nesta dissertação adotamos a nomenclatura “gêneros textuais/discursivos”, na maioria das vezes. No entanto, temos ciência que tal nomenclatura varia devido às vertentes teóricas sobre os gêneros, que ora os tratam como “textuais” ora como “discursivos” (ou “do discurso”).

“[...] formação deficiente dos professores (mesmo dos que estão saindo das faculdades) e a adoção do livro didático, ainda prescritivista, como guia de conduta”.

A respeito da produção escrita na escola, Antunes (2005, p. 24) afirma que tem se verificado a falta de participação decisiva do sujeito aprendiz, além de ser usada apenas de forma mecânica e voltada para as habilidades motoras de se produzir sinais gráficos. Tem sido, muitas vezes, artificial, inexpressiva, não visando a interação do sujeito, além desta ser “[...] improvisada, sem planejamento e sem revisão”. Lopes-Rossi (2002, p. 135), ao tratar dessa mesma questão, aponta vários problemas verificados nessa área do ensino e aprendizagem, os quais ela acredita serem os mais comuns na produção textual praticada na escola, como:

- 1) Falta de uma função de comunicação dos textos produzidos pelos alunos;
- 2) Omissão do papel do aluno como sujeito;
- 3) Temas superficiais;
- 4) Falta de objetivo da escrita pelo aluno;
- 5) Falta de um leitor real (que não seja o professor);
- 6) Ausência do professor nas várias etapas da elaboração do texto – e até a falta dessa elaboração, como: planejamento, organização das idéias e revisão do texto pelos alunos;
- 7) Falta de comportamento do professor como ‘leitor participativo na construção do texto’;
- 8) Desânimo do professor na correção de um texto que não terá utilidade interativa, e ainda;
- 9) Dependência do livro didático pelo professor, devido às “deficiências de formação e de infraestrutura do ensino no país”.

Embora a autora apresente vários problemas relacionados à produção de textos no ambiente escolar, o que mais nos chama a atenção é a falta da função comunicativa e social dos textos produzido pelos alunos em sala de aula. É justamente sobre essa temática que procuramos dar maior ênfase neste trabalho.

De acordo com Britto (2003), em todas as situações em que uma pessoa fala ou que escreve faz-se para um interlocutor. Ninguém escreve para ninguém. Quando falamos ou escrevemos temos um interlocutor definido; pode ser genérico ou virtual, mas de alguma maneira precisamos tê-lo. Sob esse ponto de vista, a produção textual na escola parece ser uma contradição: o aluno escreve para alguém que não existe e, quando existe, esse leitor é o professor, que na verdade não interage,

mas apenas procura erros no texto do aluno. A própria ausência de um interlocutor definido já constitui um entrave na hora de se produzir algo escrito. Nesse caso, conforme Britto (2003, p. 118), não é a falta do interlocutor, mas sim, “[...] a forte presença de sua imagem que representa a dificuldade”. O aluno, ao imaginar que o possível leitor do seu texto será o professor, procurará um vocabulário ideal e nessa tentativa poderá não alcançar resultados desejáveis, já que ele poderá usar uma linguagem que não é do seu dia a dia. Possenti (1981 *apud* Britto, 2003, p. 120) afirma que, “[...] indiretamente, é a imagem do interlocutor que comanda a decisão [...]”. Britto reforça que “[...] é a própria imagem que o estudante cria de seu interlocutor (a escola, o professor) que determina a criação da imagem de língua e, conseqüentemente, define os procedimentos linguísticos utilizáveis”. Como esse interlocutor representa alguém de natureza fortemente repressiva o aluno se sente na obrigação de mostrar que sabe. Segundo Britto (2003), esse aluno nega a sua capacidade linguística para usar uma linguagem que possa impressionar o seu leitor e que mais se aproxima da linguagem desse seu interlocutor.

A questão abordada por Britto (2003), apresentada no parágrafo anterior, é retomada na obra de Baltar (2006, p. 16-17), que propõe “[...] uma reflexão sobre a prática do ensino da escrita em sala de aula, centrada na *redação escolar*²[...]”. Para o autor os textos escolares são textos monológicos escritos pelos alunos e destinados ao professor de Português, com a única finalidade de ganhar uma nota. Segundo Baltar, esse tipo de atividade escolar é uma produção distanciada do uso real da linguagem e sem a finalidade de promover o diálogo com um interlocutor, de interagir em uma determinada instituição social. É uma produção em que o seu autor não tem “[...] uma posição assumida e defendida pelo aluno-sujeito-produtor, a partir do seu texto, neste mundo discursivo”.

Por outro lado, o mesmo autor afirma que:

Um usuário competente discursivamente é aquele que pensa a produção de textos situando-os dentro de um gênero com sua estrutura relativamente

² Nesta dissertação serão respeitados os grifos dos autores das citações. Portanto, todas as palavras grifadas que forem encontradas em citações de ora em diante devem ser consideradas como grifos dos autores citados.

estável, que pertence a um ambiente discursivo, como produção escrita dialógica, que busque atingir objetivos sociodiscursivos específicos. É aquele sujeito-produtor que pretende interagir com outros sujeitos dentro de uma instituição dada, de acordo com as situações de uso real da língua, que compreenda o mundo discursivo e as possibilidades de expressão, de acordo com a variedade de gêneros textuais que esse mundo discursivo possibilita (BALTAR, 2006, p. 17).

Ao contrário da realidade do ensino da produção textual discutida por Britto (2003) e Baltar (2006), o quadro apresentado nesta última citação deve ser, sem dúvida, um dos objetivos principais a serem atingidos com o ensino da língua materna – *a competência discursiva oral e escrita* do aluno.

Outro obstáculo para a produção de textos em sala de aula como aponta Lopes-Rossi (2002) é a adoção da tipologia textual da narração, descrição e dissertação que também atrapalha a mudança necessária do ensino da língua. Para a autora, isso constitui um obstáculo na implantação de propostas modernas para o desenvolvimento da escrita de acordo com as concepções de ensino da atualidade. Lopes-Rossi (2002, p. 136) salienta que persistir num modelo de ensino que não leva em consideração a circulação da escrita fora da escola contribui para que a capacidade comunicativa do aluno fique prejudicada. A tipologia textual clássica da narração, da descrição e da dissertação, que ainda é usada em algumas escolas como um modelo de texto, refere-se apenas à organização do texto em si.

Mas, de que maneira as mudanças no ensino da língua voltado para o desenvolvimento da competência discursiva do educando podem ser alcançadas? Lopes-Rossi (2002, p. 137-138) enfatiza que poderão surgir melhores resultados na produção escrita dos alunos, “[...] se o professor souber criar situações de redação em sala de aula que envolvam o aluno com algum objetivo ou leitor hipotético [...]”. A autora destaca ainda que esse avanço depende também do planejamento de “[...] atividades que organizem o processo de produção do texto, como: discussão e busca de informação sobre o tema (geração de idéias), planejamento das idéias, planejamento do texto, revisão colaborativa do texto”. Lopes-Rossi salienta que escrever bem não é uma questão de pura inspiração, mas, sim, um trabalho que requer planejamento e organização.

De acordo com Meurer (1997, p. 18),

O primeiro passo para a produção de um texto acontece a partir de uma determinada motivação. A motivação humana é um fenômeno altamente complexo e, em grande parte, ainda desconhecido, mas de maneira geral, a motivação para o surgimento de um texto acontece como resultado da interação dos seguintes componentes: 1) desejos, necessidades ou conflitos gerados a partir da *história discursiva individual* de cada pessoa e, 2) necessidade, conflitos ou diferenças gerados dentro dos diferentes *discursos institucionais*.

Meurer (1997, p.19) ressalta também que “[...] a partir da motivação espontânea ou imposta para criar um texto, o escritor inicia o percurso da produção textual, formando uma *representação mental* do(s) aspecto(s) dos *fatos/realidade* a que quer se referir”.

Embora ainda haja certa insistência em continuar usando a gramática tradicional como unidade de ensino da língua materna na escola, por outro lado, temos professores de língua portuguesa que estão receptíveis para uma mudança pragmática, estão dispostos a trabalhar com a produção textual a partir dos gêneros textuais/discursivos. Porém, muitos desses professores não mudam a sua prática pedagógica por não saberem como fazer³. Por esta e outras razões é que ainda permanece em uso o modelo de ensino da língua baseado apenas na gramática tradicional, distante das situações reais e concretas em que a língua é usada. Vale ressaltar que algumas mudanças têm surgido nesta área do ensino a partir de alguns documentos oficiais – no plano nacional, estadual e municipal –, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina, a Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Biguaçu – SC que apresentam os gêneros textuais/discursivos como unidade de ensino da língua materna. Além desses documentos norteadores, podemos observar a ênfase no trabalho com gêneros nas últimas publicações de livros didáticos da língua portuguesa (do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e do 1º ao 3º ano do ensino médio) de autores como

³ Fregonezi, 1999, p. 28, *apud* Bonini, 2002, 26: “O que fazer? Abandonar o material didático? E o que colocar em seu lugar? Mesmo aqueles professores que conhecem novas teorias de estudo da linguagem sentem-se inseguros diante dessa realidade”.

William Cereja e Thereza Cochar. No entanto, isso não garante que na prática essa mudança tenha ocorrido e que seja suficiente para substituir as antigas práticas pedagógicas com a gramática tradicional pelo uso definitivo dos gêneros como componente de ensino da língua.

As teorias desenvolvidas na área da produção textual no ambiente escolar são importantes e podem trazer grandes contribuições ao professor e ao educando no trabalho com gêneros textuais/discursivos, no entanto, os questionamentos em torno dessa problemática são: “O que fazer?” e “Como fazer?”. Em outras palavras: “Que gêneros textuais o professor deve trabalhar?”, “De que maneira o professor vai trabalhar com os gêneros?”, “Que estratégias podem ser usadas no trabalho com gêneros textuais em sala de aula?”.

Ressaltamos que, para haver uma mudança mais efetiva no ensino da língua portuguesa, não basta apenas mudar o objeto de ensino em si, isto é, trocar a gramática tradicional pelos gêneros textuais/discursivos, mas procurar também meios para que o material produzido pelos alunos possa ser usado como instrumento de interação dentro e fora do ambiente escolar.

Uma estratégia adotada por alguns educadores para que os textos dos alunos ultrapassem os limites da sala de aula e até mesmo da escola e sirva de interação entre os alunos e a própria comunidade é o jornal escolar. Em uma reportagem da revista Carta na Escola, Daoun (2007, p. 62-63) relata as experiências de alguns professores que estão adotando esta prática de ensino, os quais defendem que o objetivo não é produzir um jornal padrão, mas usar este tipo de mídia como um instrumento de motivação “[...] para o aluno se preocupar mais com a sua escrita, se interessar por assuntos que acontecem ao seu redor e desenvolver o senso crítico”. Daoun cita o Colégio Ítaca, da cidade de São Paulo e o Centro de Ensino Cícero Dias, no Recife, como exemplos de escolas que usam o jornal escolar como estratégia para produção e publicação dos textos dos alunos e que também tem colhido bons resultados.

Outro exemplo de jornal escolar que nos chama a atenção é o “Galera Roldão”⁴, produzido desde 2006 por professores e alunos da Escola Básica Municipal Prof. Manoel Roldão das Neves, do município de Biguaçu, Estado de Santa Catarina. Devido às facilidades de acesso e

⁴ No tópico 4.3 apresentamos informações mais detalhadas sobre esse jornal escolar.

ao destaque que esse meio de comunicação tem ganhado no município, escolhemos esse jornal como objeto de nossa investigação.

Neste trabalho, foi estabelecido como objetivo geral para este nosso estudo de caso: analisar a relevância do jornal escolar para a produção de textos de diferentes gêneros textuais/discursivos no ensino e aprendizagem da língua materna, tomando como base de pesquisa uma escola do litoral catarinense.

Estabelecemos também alguns objetivos específicos para esta pesquisa, os quais descrevemos a seguir:

- Investigar qual o conhecimento que professores e alunos envolvidos na produção do jornal escolar tinham a respeito dos gêneros textuais/discursivos, especialmente os da área jornalística, como artigo de opinião, editorial, crônica, reportagem, notícia e demais textos dessa área;
- Identificar quais os gêneros textuais/discursivos são mais comuns nas publicações do jornal “Galera Roldão”;
- Investigar como os professores envolvidos na produção do jornal escolar motivavam os alunos, também envolvidos nesse processo, a conhecerem e a produzirem diferentes gêneros discursivos;
- Identificar quais as possíveis contribuições do jornal escolar no ensino e aprendizagem da língua escrita para o aluno;
- Verificar a existência de repercussão social da experiência do jornal escolar no contexto da Escola Municipal Professor Manoel Roldão.

No decorrer desta dissertação procuramos esclarecer quais as estratégias adotadas para alcançarmos estes objetivos. Procuramos também explicar o quadro teórico que fundamenta a nossa pesquisa. Portanto, a seguir apresentamos uma síntese de cada capítulo que compõe este trabalho.

No capítulo 2, “Os gêneros do discurso e o ensino da língua materna”, na primeira parte, abordamos a teoria dos gêneros defendida por Bakhtin (1997) e o seu círculo de estudos. A nossa discussão se inicia a partir da concepção bakhtiniana do enunciado como unidade real da comunicação verbal até chegarmos aos gêneros do discurso, tipos através dos quais os enunciados se realizam. Num segundo momento, tratamos a concepção de gêneros segundo a vertente interacionista sociodiscursiva de Bronckart (2006). Por último, discutimos a respeito dos gêneros discursivos como unidade de ensino da língua materna. Para isso nos apoiamos nos estudos de Marcuschi (2002), Oliveira (2010), Dolz e Schneuwly (2004).

No capítulo 3, “Jornal Escolar: Origem e Uso Pedagógico”, fazemos uma abordagem histórica do jornal escolar, focando especialmente a sua origem no início do século XX, em três países europeus, bem como o trabalho realizado pelos seus respectivos representantes. Nesse estudo incluímos também, embora resumidamente, algumas informações sobre o jornal escolar no Brasil, entre a década de 1970 e a atualidade, destacando tanto o seu uso no ensino e aprendizagem dos alunos como também algumas pesquisas realizadas a respeito desse tipo de mídia. Nesse capítulo, discutimos a importância do uso do jornal de sala de aula no ensino e aprendizagem da língua, destacando as possíveis vantagens do uso dessa mídia como prática de letramento. Para tal discussão, ancoramos especialmente em Freinet (1974), Freire (1981; 2004), Demo (1998) e alguns autores que têm estudado ou trabalhado com o jornal escolar.

No capítulo 4, “Metodologia”, relatamos como ocorreu o processo de nossa pesquisa. Primeiramente, informamos qual o método adotado para a realização deste estudo. Depois, descrevemos a instituição de ensino onde foi realizada a pesquisa, a Escola Municipal Professor Manoel Roldão, destacando um pouco de sua história, bem como a sua evolução desde a sua fundação até a atualidade. Apresentamos a estrutura física e administrativa da escola, o seu corpo docente o seu alunato. Nesse capítulo, abordamos também o objeto de nosso estudo, o jornal escolar “Galera Roldão” e a sua trajetória desde a sua fundação até a sua última edição. Num terceiro momento, descrevemos as três fases da realização da nossa pesquisa e quais estratégias utilizadas para se obter os resultados estabelecidos como objetivos no nosso projeto de pesquisa.

No capítulo 5, “Análise dos Dados”, estudamos detalhadamente o objeto-tema desta pesquisa. Nesse espaço, fazemos uma análise quantitativa e qualitativa de todas as edições do jornal “Galera Roldão”, através de quadros, gráficos e respectivos comentários, com o objetivo de proporcionar melhor compreensão ao leitor. Em seguida, indicamos as conclusões a que chegamos com as nossas análises. Na segunda parte desse capítulo, tratamos da pesquisa empírica dos três grupos de entrevistados e depois destacamos as conclusões obtidas através da nossa pesquisa de campo.

No capítulo 6, “Considerações Finais”, trazemos uma síntese da realização desta pesquisa esclarecendo como os objetivos estabelecidos para este trabalho foram alcançados e quais as contribuições que este estudo trouxe para o ensino e a aprendizagem através dos gêneros textuais/discursivos, especialmente da língua materna.

2 OS GÊNEROS DO DISCURSO E O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Neste capítulo, apresentamos parte⁵ do quadro teórico em que esta pesquisa está fundamentada. Na primeira seção, fazemos uma discussão ancorada especialmente na concepção teórica dos gêneros do discurso de Bakhtin (1997) e seu círculo de estudos. Para melhor discorrer sobre essa teoria, usamos os estudos de Rodrigues (2001) e Sobral (2009), que há alguns anos vêm pesquisando sobre o pensamento bakhtiniano. Na segunda seção, discutimos algumas questões relacionadas aos gêneros na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo de Bronckart (2006). Nesse espaço, nos apoiamos em Baltar (2006) para melhor elucidarmos a concepção bronckartiana dos gêneros. Na terceira e última seção, abordamos os gêneros textuais/discursivos no ensino e aprendizagem sob o olhar de alguns pesquisadores brasileiros como Marcuschi (2002), Oliveira (2010) e dos suíços Dolz e Schneuwly (2004).

2.1 Os gêneros do discurso na concepção teórica de Bakhtin

A abordagem teórica dos gêneros do discurso nasceu a partir dos estudos do Círculo de Bakhtin, cujo principal representante é o próprio Bakhtin, além de seus companheiros Voloshinov e Medvedev, na primeira metade do século XX na Rússia.

De acordo com Bakhtin (1997, p. 279), todas as atividades realizadas pelo ser humano estão relacionadas ao uso da língua, o qual se dá através de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos. Para o autor, “[...] o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [...]” pelo seu conteúdo, por seu estilo e por sua construção composicional. Segundo a teoria bakhtiniana, “[...] cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados [...]”, denominados de “*gêneros do discurso*”.

Para se ter uma compreensão melhor do enunciado e dos gêneros do discurso, dois elementos chaves que compõem a comunicação verbal, apresentamos a nossa discussão nas duas subseções seguintes.

⁵ No capítulo 3 continuamos apresentando a nossa fundamentação teórica, por isso, este capítulo, 2, é apenas “parte” do nosso quadro teórico.

2.1.1 Abordagem teórica do enunciado

Para entendermos os gêneros do discurso e a sua natureza, é necessário entendermos, antes de tudo, o enunciado que, na abordagem bakhtiniana, é a unidade real da comunicação verbal. De acordo com Bakhtin (1997, p. 293), “[...] a fala só existe, na realidade, na forma concreta dos enunciados de um indivíduo: do sujeito de um discurso-fala. O discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma”.

Na interpretação de Sobral (2009), o enunciado tem caráter concreto, porque é resultado de uma relação concreta entre sujeitos concretos. A ação real do enunciador é que faz com que uma frase/texto seja tomado como enunciado. Segundo o autor, o Círculo de Bakhtin apresenta dois critérios estruturais para identificação do enunciado em oposição à oração ou à frase. No primeiro, todo enunciado implica a alternância de sujeito entre sujeitos falantes. No segundo, todo enunciado tem um todo, um acabamento, chega ao seu fim. A alternância e o acabamento são o que permite a resposta do outro. Para o pensamento bakhtiniano, “[...] as fronteiras do enunciado concreto, [...], são determinadas pela *alternância dos sujeitos falantes*, ou seja, pela alternância dos locutores” (BAKHTIN, p. 293-294). Em outras palavras, o acabamento do enunciado se dá sempre a partir da troca dos sujeitos falantes.

Ainda sobre este tema, Bakhtin (1997) afirma que,

O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro (1997, p. 294).

Nesta discussão sobre a conclusividade do enunciado, Bakhtin (1997, p. 294) apresenta o diálogo como um exemplo clássico da comunicação verbal, pois segundo ele, “[...] cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a *posição do locutor*, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação, uma *posição responsiva*”. O autor acrescenta que o que determina o “[...] acabamento do enunciado é a *possibilidade de responder* – mais exatamente, de adotar uma atitude responsiva para

com ele” (BAKHTIN, 1997, p. 299), e isso se dará sempre através da alternância dos locutores envolvidos numa dada comunicação verbal.

A essência constitutiva do enunciado, de acordo com Bakhtin (1997), é o fato de existir um destinatário, de se dirigir a alguém. Segundo Rodrigues (2001, p. 20), o que constitui o enunciado é a sua “[...] natureza dialógica e social: é o ‘produto’ da interação social verbal de dois ou mais indivíduos socialmente organizados”. Portanto, em qualquer circunstância, o enunciado tem pelo menos um destinatário, nem que seja o próprio emissor da mensagem. Não se trata de um simples destinatário passivo que apenas ouve ou lê sem uma reação responsiva, mas de um autêntico interlocutor que interage, concordando ou não, com o discurso do outro.

Segundo a perspectiva bakhtiniana,

Ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e não poderia haver enunciado. As diversas formas típicas de dirigir-se a alguém e as diversas concepções típicas do destinatário são as particularidades constitutivas que determinam a diversidade dos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997, p. 325).

Portanto, a existência de um destinatário-interlocutor é uma condição indispensável para que haja a alternância dos sujeitos do discurso, para que o enunciado seja considerado como tal.

Quanto às características particulares dessa unidade de comunicação, Rodrigues (2001, 29) afirma que,

Por mais variados que sejam os enunciados no que se refere a sua extensão, conteúdo, composição [...], em função das diferenças sócio-ideológicas das diversas esferas da comunicação social, todos os enunciados possuem propriedades composicionais comuns e fronteiras bem definidas (determinadas pela alternância dos sujeitos discursivos (falantes)). Essas propriedades, junto com as fronteiras, formam as características constitutivas específicas do enunciado que lhes asseguram o lugar da unidade real da comunicação discursiva contínua.

Rodrigues (2001, p. 29) afirma também que tais características fazem com que o enunciado seja diferente das unidades da língua (sistema), como a oração, a palavra, que são apenas unidades convencionais da língua. Segundo a autora, as características que constituem o enunciado – a alternância dos interlocutores, o seu acabamento e a sua expressividade –, fazem deste “[...] a unidade real da comunicação discursiva”.

Portanto, com base na discussão teórica apresentada nesta seção, podemos afirmar que o enunciado é a unidade real da comunicação porque ele possibilita a alternância dos sujeitos do discurso, pois a sua natureza é dialógica. Não depende de um contexto para ser compreendido, porque, por si só, é capaz de responder, de comunicar algo, pois é dotado de conclusividade. Se o sujeito pode se comunicar através do enunciado, logo pode se expressar, manifestar suas ideias, suas opiniões e, conseqüentemente, provocar a resposta do outro.

2.1.2 Os gêneros do discurso: sua natureza e sua constituição

Retomando o que já citamos no início deste capítulo, segundo Bakhtin (1997, 279), “[...] cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados[...]”, denominados de “*gêneros do discurso*”. Ora, Sobral (2009), tomando como base os estudos do Círculo de Bakhtin, afirma que o gênero é estável porque conserva características que lhes são próprias e, mutável porque está em permanente transformação e se modifica sempre que é usado, podendo até mesmo se transformar em outro gênero. Para Voloshinov (1992 *apud* Sobral, 2009), os gêneros são “[...] ‘formas e tipos da comunicação discursiva’”. Segundo Sobral (2009, p. 116), esta comunicação discursiva é o lugar no qual a significação dá lugar ao sentido, portanto, essas formas e tipos estão sujeitas a mudanças, a novas avaliações, ressignificações etc. Por outro lado, essas formas e tipos são também normativas, uma vez que o ambiente sociohistórico precisa de formas (e fórmulas) consolidadas para não ter que reinventar os modos de se falar todas as vezes que o indivíduo tiver que se expressar. Sobral (2009, p. 119), com base em Bakhtin, afirma que o gênero pode ser definido como “[...] certas formas ou tipos relativamente estáveis de enunciados/discursos[...]” com uma “[...] lógica própria, de caráter concreto e recorrem a certos tipos estáveis de textualização [...], mas não necessariamente a textualizações estáveis”, isto é, frases ou organizações frasais que sempre repetem, pois os gêneros são tipos ou formas de enunciados.

Quanto à multiplicidade dos gêneros do discurso, Bakhtin (1997, p. 279) afirma que,

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Essa heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos) incluem “a curta réplica do diálogo cotidiano [...], o relato familiar, a carta [...], a ordem militar padronizada [...], o repertório bastante diversificado dos documentos oficiais [...], o universo das declarações públicas” (BAKHTIN, 1997, p. 279-280). Em outras palavras, podemos afirmar que a diversidade dos gêneros do discurso engloba desde o gênero mais simples, como uma conversa informal, até o mais rebuscado, como uma obra literária de grande complexidade. No entanto, apesar da heterogeneidade dos gêneros que os diferenciam uns dos outros, todos possuem uma característica comum que é a sua natureza verbal (RODRIGUES, 2001).

Bakhtin (1997) destaca que os gêneros do discurso se apresentam em duas classes distintas, conhecidas como gêneros *primários* (simples) e gêneros *secundários* (complexos). De acordo com o autor, os gêneros primários se originam nas esferas cotidianas, são menos complexos e surgem das interações verbais espontâneas, os quais são compreendidos como o diálogo cotidiano, a carta, o relato familiar e outros gêneros dessa mesma natureza. Os gêneros secundários, segundo Bakhtin (1997), aparecem em situações de comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente na escrita, como o discurso científico, o discurso ideológico, o romance, o teatro etc.

Bakhtin (1997, p. 281) afirma que “[...] durante o processo de formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação espontânea”. Podemos tomar como exemplo a transcrição de um diálogo cotidiano (simples) em uma obra literária ou científica (complexo). Neste caso, o gênero primário passa a fazer parte do gênero secundário, perdendo “[...] a sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios” (BAKHTIN, 1997, 81). Embora tenha a sua forma conservada, só é

integrado à realidade a partir do gênero secundário em que está inserido, que no seu todo é um enunciado.

Sobral (2009), baseando-se na perspectiva bakhtiniana, afirma que os gêneros podem ser híbridos, isto é, quando são caracterizados pela união de duas linguagens, de ambientes social e/ou historicamente diferentes, no espaço de um mesmo enunciado. São duas vozes, duas linguagens e duas consciências sociolinguísticas individuais se confrontando e, ao mesmo tempo, fundidas no mesmo enunciado. O autor destaca que,

Os gêneros nascem de uma inserção socioistórica de discursividade ou conjunto de discursos, de sua relação com outros gêneros da mesma ou de outras discursividades, por oposição ou assimilação, diretas ou indiretas (SOBRAL, 2009, p. 127-128).

De acordo com a teoria bakhtiniana, o gênero é constituído de conteúdo temático (ou tema), composição (ou forma composicional) e estilo. O conteúdo temático, ou simplesmente tema, diz respeito ao objeto discursivo do gênero, à “[...] sua orientação de sentido específica para com ele [...]” (RODRIGUES, 2001, p. 43). Conforme Sobral (2009), para o Círculo de Bakhtin, os atos humanos são o conteúdo e a língua – no caso dos discursos verbais –, é o material dos gêneros do discurso. A composição (ou estruturação), segundo Rodrigues (2001, p. 44), refere-se aos procedimentos composicionais do gênero, “[...] determinados para a organização, disposição, combinação, acabamento da totalidade discursiva e para levar em conta o autor e os outros participantes da comunicação discursiva”. Sobral (2009) ressalta que, quando se fala em forma, está se referindo a duas formas: a primeira diz respeito à materialidade do texto – que é a forma composicional, e; a segunda trata-se da superfície discursiva, da organização do conteúdo, que se manifesta através da matéria verbal – que é a forma arquitetônica. Já a terceira dimensão constitutiva do gênero, o estilo, para Rodrigues (2001, p. 44), refere-se à “[...] seleção *típica* dos recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais da língua [...]”. Sobral (2009, p. 64), baseando-se em Bakhtin (1997), afirma que o estilo é interativo, dialógico, vem da relação entre o autor e o grupo social ao qual pertence. Está relacionado à forma do conteúdo e como este é organizado. O seu uso não se limita à obra literária. “O estilo é

determinado pelas inter-relações entre a escala avaliativa do evento descrito e seu agente [...]”, enfatiza Sobral (2009, p. 64).

Para Bakhtin (1997, p. 282-283), “o estilo está dissoluvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, isto é, aos gêneros do discurso. O enunciado – [...], em qualquer esfera da comunicação verbal – é individual [...]”, pois pode refletir a individualidade de quem se expressa através da fala ou da escrita. No entanto, como o próprio autor esclarece, nem todos os gêneros são capazes de evidenciar a individualidade do enunciado, especialmente “[...] os gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada, tais como a formulação do documento oficial, da ordem militar, da nota de serviço etc.”. Do lado oposto, encontramos os gêneros literários que são os mais propensos a apresentarem um estilo individual.

Segundo Sobral (2009, p. 129), a materialização dos gêneros se dá através da composição, do tema e do estilo os quais “[...] são mobilizados e determinados pelo projeto enunciativo, o ‘endereçamento’ do enunciado que é assim o principal elemento definidor do gênero”.

A função do gênero do discurso na linguagem verbal bem como o seu papel na comunicação discursiva pode ser compreendida em Rodrigues (2001, p. 40), quando esta pesquisadora afirma que, “[...] para o interlocutor, o gênero funciona como um horizonte de expectativas, indicando, por exemplo, a extensão aproximada da totalidade discursiva, sua determinada composição, bem como aspectos da expressividade do enunciado”. O interlocutor ao deparar-se com o discurso alheio, logo, percebe qual o gênero em que “[...] o enunciado se encontra moldado, e dessa forma, as propriedades genéricas em questão já se constituem em índices indispensáveis à compreensão (interpretação) do enunciado”. Assim, podemos afirmar que os gêneros do discurso modulam o enunciado de acordo com a necessidade de comunicação do enunciativo.

Segundo Bakhtin (1997), mesmo que as pessoas não conheçam os gêneros na teoria, na prática elas usam com segurança e habilidade. Segundo ele, aprendemos a usar os gêneros do discurso quase que com a mesma naturalidade que aprendemos a usar língua materna, a qual dominamos facilmente mesmo antes de estudarmos a sua gramática. Não aprendemos a língua materna através de gramáticas normativas e dicionários, mas, sim, através do seu uso concreto, em situações reais, ouvindo e reproduzindo na comunicação discursiva real com as pessoas à nossa volta. Não falamos por meio de orações, frases ou palavras isoladas, mas através de enunciados, que por sua vez, se manifestam por intermédio dos gêneros do discurso.

2.2 Os gêneros na concepção interacionista sócio-discursiva de Bronckart

O pensamento bronckartiano tem como fundamento principal o quadro da psicologia da linguagem. Segundo Baltar (2006, p. 67), Bronckart se inspira “[...] na proposição interacionista da ação da linguagem, pensamento e consciência de Vygotsky [...]”, se baseia “[...] na tese do agir comunicativo de Habermas, na interação verbal de Bakhtin, nas formações discursivas de Foucault, na ideia de linguagem como produto de interação social e do uso de Wittgenstein”. A partir dessas bases teóricas, Bronckart (1999 *apud* Baltar, 2006, p. 67) apresenta a proposta do chamado interacionismo sociodiscursivo, no qual defende que: “[...] as ações humanas devem ser tratadas em suas dimensões sociais e discursivas constitutivas”. Segundo Baltar (2006, p. 67), Bronckart (1999) considera a linguagem como uma característica da atividade social do ser humano, que interage com o objetivo se comunicar, através das atividades e de ações de linguagem. Dentro desse quadro teórico é que Bronckart (1999; 2006) se posiciona em relação à concepção bakhtiniana dos gêneros do discurso.

De acordo com Bronckart (2006, p. 143-144), “os gêneros de textos⁶”, como o autor prefere nominá-los, “[...] são produtos de *configurações de escolhas* entre esses possíveis, que se encontram momentaneamente ‘cristalizados’ ou estabilizados pelo uso”. Essas escolhas dependem das situações sociais de linguagem em que o locutor se encontra, “[...] para que os textos sejam adaptados às atividades que eles comentam, adaptados a um dado meio comunicativo, eficazes diante de um desafio social etc.”.

Bronckart (2006) considera que os gêneros sofrem mudanças com o tempo ou com a história das formações sociais da linguagem. Ou seja, um gênero pode cair em desuso com o passar do tempo ou pode ser modificado para outro suporte de comunicação. Ele afirma que os gêneros podem deixar os motivos para os quais foram originados, para se tornarem autônomos e se disponibilizarem para a expressão de outras finalidades. Para Bronckart (2006, p. 144), os gêneros são avaliados

⁶ Segundo Baltar (2006, p. 68), “Bronckart (1999) utiliza o termo *gênero* associado a texto (gêneros textuais) e usa o termo *tipo* associado a discurso (tipos de discursos)”.

[...] por diversas *indexações*: referencial (qual atividade geral o texto pode comentar?); comunicacional (para que tipo de interação esse comentário é pertinente?); cultural (qual é o ‘valor socialmente agregado’ ao domínio de um gênero?) etc.

Bronckart (2006, p. 144) afirma que é impossível fazer uma classificação definitiva e estável dos gêneros, pois segundo ele, “[...] ou tentamos classificar os gêneros em função de suas finalidades sociais [...]” e enfrentamos alguns conflitos, “[...] ou adotamos critérios referentes aos mecanismos estruturantes mobilizados pelos gêneros e suas possíveis combinações [...]”. Neste caso, de acordo com Bronckart (2006), tais classificações podem variar em função do estatuto hierárquico adotado pelos pesquisadores para esses mecanismos. O autor ressalta que essa impossibilidade de classificação se deve à heterogeneidade e ao caráter geralmente facultativo dos subsistemas que ajudam na construção da textualidade. No entanto, mesmo que a identificação e a classificação dos gêneros seja uma tarefa problemática, Bronckart (2006, p. 145) enfatiza que “[...] os gêneros de textos existem, ou melhor, coexistem no ambiente da linguagem e se acumulam historicamente num subespaço dos ‘mundos de obras e de culturas’ (ou ‘pré-construídos humanos’)”.

Bronckart (2006, p. 145) apresenta a noção de arquitextualidade defendida por Genette (1979) para tratar da organização dos textos preexistentes e a noção de intertextualidade para se referir à indicação dos vários processos de interação existentes implícita ou explicitamente entre textos. Entretanto, acima dessa questão terminológica, o autor procura diferenciar duas ordens de fenômenos relacionados aos gêneros: 1) “[...] a preexistência de *gêneros de textos* no espaço estruturado do *arquitexto* [...]”, e; 2) “[...] os mecanismos de interação entre *todo texto* (qualquer que seja o seu gênero) [...]”, que levam a uma problemática completamente diferente: “[...] a da capacidade de auto-reflexividade ilimitada da linguagem humana, da qual esses fenômenos são uma das manifestações empíricas”.

Em se tratando de produção textual, Baltar (2006) afirma que, na visão de Bronckart (1999), três parâmetros precisam ser analisados para se entender o processo em que um agente, através de uma ação de linguagem, produz um texto; os quais são: 1) *a situação de ação de linguagem*; 2) *a ação de linguagem*; e 3) a noção de *intertexto*. Para Bronckart (2006, p. 146), o agente produtor de um novo texto se

encontra em uma situação de ação de linguagem, que só pode ser operante através das representações construídas pelo agente para si mesmo. O autor argumenta que nesse caso podem ser identificados três conjuntos, a saber: “[...] a) as representações referentes ao quadro *material ou físico* [...]”, como, “[...] identificação do emissor, de eventuais co-emissores e do espaço/tempo da produção; b) as representações referentes ao *quadro sociossubjetivos da ação verbal* [...]”, como, “[...] o tipo de interação social, em jogo, o papel social que dela decorre para o emissor [...], o papel que dela decorre para os receptores [...]”, e por último, “[...] as relações de objetivo que podem se estabelecer entre esses dois tipos de papel no quadro interativo em jogo; c) as outras representações referentes à situação e também *os conhecimentos disponíveis no agente* [...]”, os quais se referem “[...] à temática que será expressa no texto”.

No esquema geral da arquitetura textual, proposto por Bronckart (2006, p. 148), são representados três níveis estruturais. O primeiro, o mais profundo é chamado de *infraestrutura*, “[...] é definido pelas características do *planejamento geral* do conteúdo temático [...] e pelos tipos de discursos mobilizados e suas modalidades de articulação”. Segundo o autor, “[...] os *tipos de discursos* podem ser definidos como configurações particulares de unidades e de estruturas lingüísticas, em número limitado, que podem entrar na composição de todo texto”. O segundo nível, de acordo com Bronckart (2006, p. 148), é composto pelos mecanismos de textualização, os quais “[...] contribuem para dar ao texto sua coerência linear ou temática, para além da heterogeneidade infraestrutural, pelo jogo dos processos isotópicos de conexão, de coesão nominal e de coesão verbal”. A função dos mecanismos de coesão nominal é “[...] introduzir os temas e/ou personagens novos e assegurar sua *retomada* ou a sua *continuidade* na sequência do texto, sendo realizados pela organização de unidades e estruturas *anafóricas*”. Já os mecanismos de coesão verbal são responsáveis pela “[...] organização temporal e/ou hierárquica dos processos (estados, eventos ou ações) verbalizados no texto e são essencialmente realizados pelos *tempus verbais*”. O terceiro e último nível, considerado por Bronckart (2006, p. 149) como mais superficial, “[...] é o dos mecanismos de *tomada de responsabilidade enunciativa* e de modalização, que explicitam o tipo de engajamento enunciativo em ação no texto e que conferem a ele a sua coerência interativa”.

Para a teoria bronckartiana, os textos de um gênero são unidades comunicativas globais, em articulação com um agir da linguagem e os tipos de discurso são unidades lingüísticas infra-ordenadas, são

segmentos que por si só não se constituem textos, mas que fazem parte da composição dos textos em modalidades variáveis (BRONCKART, 2006).

Retomando uma questão tratada em um parágrafo anterior, nesta seção, Bronckart (2006) afirma que os gêneros não podem ser classificados de maneira estável e definitiva devido à sua heterogeneidade. No entanto, segundo Baltar (2006, p. 74), há uma regularidade na composição interna dos gêneros textuais. "Trata-se de formas de semiotização ou de colocação/ativação de discurso que as línguas naturais possuem, [...], formas observáveis através de marcas lingüísticas de superfície [...]", que segundo esse mesmo autor, "[...] contribuem para caracterizar os diversos textos empíricos que constituem os gêneros". Portanto,

[...] Qualquer que seja o gênero a que pertençam, os textos de fato são constituídos, segundo modalidades muito variáveis, por segmentos de estatutos diferentes (segmentos de exposição teórica, de relato, de diálogo, etc.). E é unicamente no nível desses segmentos que podem ser identificadas regularidades de organização e de marcação linguística (BRONCKART, 1999, p. 138 *apud* BALTAR, 2006, p. 74).

Essas formas ou segmentos, segundo o pensamento bronckartiano, "[...] são chamados de *tipos de discurso*, e os mundos em que estão ancorados são os *mundos discursivos*" (BALTAR, 2006, p. 74-75), sobre os quais trataremos nos parágrafos seguintes.

No seu estudo, Bronckart (2006, p. 151) apresenta as operações subjacentes aos tipos de discurso, nas quais intervêm duas decisões binárias. Para a primeira, (disjunção/conjunção), ou as coordenadas que são responsáveis pela organização do conteúdo temático verbalizado "[...] são explicitamente colocadas à distância das coordenadas gerais da situação de produção de agente (ordem do NARRAR⁷), ou elas não o são (ordem do EXPOR)". Na segunda, "[...] ou as instâncias de agentividade verbalizadas são colocadas em relação com o agente produtor e sua situação de ação de linguagem (linguageira)

⁷ As palavras escritas em letras maiúsculas foram escritas conforme o autor usou no seu texto.

(implicação), ou elas não o são (autonomia)”. Segundo o autor, o cruzamento dessas decisões resulta em “[...] quatro ‘atitudes de locuções’”, as quais ele chama de mundos discursivos, denominados de: “NARRAR implicado, NARRAR autônomo, EXPOR implicado, EXPOR autônomo”. Baltar (2006), baseando-se no pensamento bronckartiano, afirma que através da bipartição dos mundos discursivos do NARRAR e do EXPOR, fazendo uso dos parâmetros de implicação e/ou de autonomia, pode-se chegar a quatro tipos de discursos defendidos por Bronckart (1999)⁸, a saber: discurso interativo, discurso teórico, relato interativo e narração.

Quanto às sequências textuais (narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, dialogal) defendidas por Adam (1990, 1992), segundo Bronckart (1999 *apud* Baltar, 2006), elas estão à disposição dos tipos de discurso, os quais se baseiam nas operações que constituem os mundos discursivos. Bronckart (1999 *apud* Baltar, 2006, p. 79) afirma também que as sequências que aparecem nos tipos de discurso são originadas no intertexto e fundadas, assim como as demais propriedades do intertexto, “[...] em dimensões práticas e históricas, podendo modificar-se permanentemente de acordo com a interação verbal entre os indivíduos de uma língua natural”. Baltar (2006, p. 79) afirma, com base em Bronckart (1999), que “[...] as sequências são fruto de uma reestruturação do conteúdo temático, organizado na mente do produtor do texto de forma lógica em macroestruturas semânticas [...]”, as quais devem ser organizadas de maneira linear “[...] para formar um todo coerente que vai expressar o efeito de sentido que o agente produtor do texto pretende atingir diante do seu interlocutor”. Sob esse ponto de vista, levando-se em consideração que as sequências são resultados “[...] de uma tomada de decisão de acordo com o gênero de texto e o tipo de discurso em questão, Bronckart (1999) assevera que as sequências têm um estatuto dialógico [...]”, levando-se em conta que estas são instrumentos que estão a serviço da interação verbal.

De acordo com Bronckart (2006, p. 153-154), um dos argumentos principais do interacionismo sociodiscursivo é o de que “[...] a prática (na produção e na recepção/interpretação) dos gêneros de textos e de tipos de discurso é a principal ocasião de desenvolvimento de *mediações formativas*”. O autor destaca que, no momento de qualquer nova

⁸ Esta informação se encontra em Bronckart (2006, p. 151).

produção de gêneros de textos, esse produtor deve realizar um processo duplo de adoção e de adaptação. Para executar tais mecanismos, esse agente consequentemente amplia o seu conhecimento dos gêneros, adaptando-os de acordo com a situação de interação e com as restrições lingüísticas do momento, ao mesmo tempo, esse agente aprende administrar as indexações sociais próprias de cada gênero. Em contrapartida, à medida que essa adaptação se traduz na criação de variantes, resultado de uma *estilística* pessoal ou social, “[...] tais variantes são candidatas a uma restituição ao arquitepo, tonando-se, assim, capazes de provocar uma modificação mais ou menos importante nas características anteriores dos gêneros”.

Para Bronckart (2006, p. 154), “[...] os processos de mediação que contribuem para o desenvolvimento das propriedades principais das pessoas [...]” não acontecem no mesmo nível que “[...] a prática dos gêneros constitui-se como um espaço importante da aprendizagem social”, mas sim, “nos níveis infra-ordenados em relação à unidade-texto e, em particular, no nível dos **tipos de discurso**”.

Bronckart (2006) finaliza o seu texto⁹ reconhecendo a importância dos efeitos da mediação causados pela aprendizagem e pelo domínio dos mecanismos de textualização enunciativa que se dá de maneira progressiva. O autor enfatiza que a aprendizagem, tanto em leitura como em produção textual, é uma oportunidade de se conhecer as várias formas de posicionamento e de engajamento enunciativos produzidos em grupo, cuja reformulação faz com que tal processo venha contribuir para o desenvolvimento da identidade de seus praticantes. De acordo com Bronckart (2006), a aprendizagem dos mecanismos de coesão verbal e a capacidade de dominar o seu uso parecem acontecer decisivamente sobre as formações psicológicas evidentemente complexas as quais representam o tempo e sua organização.

A abordagem do interacionismo sociodiscursivo de Bronckart (1999; 2006), como pode se observar, não se limita aos gêneros de textos em si, do ponto de vista formal ou estrutural. A sua investigação vai desde os processos intra-subjetivos até a interação social do indivíduo. O autor analisa cada passo dado pelo sujeito enquanto este processa a linguagem até chegar ao texto, unidade de comunicação e interação entre os humanos.

⁹ “Os gêneros de textos e os tipos de discurso como formatos das interações propiciadoras do desenvolvimento”.

2.3 O ensino de gêneros textuais/discursivos no ambiente escolar

Apesar de o foco dos estudos de Bakhtin não ser a escola, encontramos embasamento na sua teoria dos gêneros discursivos tanto para o ensino da língua materna no espaço escolar como também para as demais áreas das atividades de ensino e aprendizagem, uma vez que os gêneros estão presentes em todas as práticas da linguagem verbal. Por esta razão consideramos relevante uma abordagem do ensino da língua através dos gêneros textuais no ambiente escolar.

No Brasil, a partir da década de 1970, começaram a surgir os primeiros estudos voltados para o texto enquanto objeto de análise linguística. Na década de 1980 encontramos vários pesquisadores brasileiros como Pécora (1981), Geraldi (1984) entre outros, que enfatizam tanto a importância como os problemas relacionados ao texto produzido em sala de aula.

No ano de 1997, o Governo Federal brasileiro, através do Ministério da Educação – MEC, lança os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN com o objetivo de servir como um documento norteador dos conteúdos a serem trabalhados na escola, entre eles, os da disciplina de língua portuguesa. Uma das propostas dos PCN para o ensino e aprendizagem para essa disciplina é o trabalho de produção de textos com base nos gêneros textuais – orais ou escritos –, com o intuito de possibilitar ao aluno a ampliação da sua “[...] competência discursiva na interlocução” (BRASIL, 1998, p. 23).

Considerando a variedade dos gêneros e a necessidade do seu uso adequado em diferentes contextos ou situações, Marcuschi (2002, p. 35) defende que o trabalho com gêneros na sala de aula pode “[...] levar os alunos a produzirem ou analisarem eventos linguísticos os mais diversos, tanto escritos como orais, e identificarem as características de gênero em cada um”. Ele argumenta que o trabalho com gêneros textuais na escola é uma oportunidade importante para se lidar com a língua nos seus variados usos autênticos do cotidiano. Pois qualquer ação linguística que fizermos será feita sempre através de algum gênero. Marcuschi (2002) ressalta que o trabalho com gêneros será uma maneira de se dar conta do ensino dentro da proposta oficial dos PCN que insistem nesta perspectiva.

Dolz e Schneuwly (2004) defendem que a comunicação oral e escrita devem ser ensinadas sistematicamente e esse ensino deve se organizar em sistema de módulos de ensino, visando melhorar determinada prática de linguagem. Para os autores, os instrumentos usados para facilitar essa apropriação da linguagem são os gêneros

textuais, que são práticas de linguagem historicamente construídas, que dão a possibilidade de reconstruí-las e de se apropriá-las. Essa reconstrução, conforme Dolz e Schneuwly (2004, p. 51), se dá pela interação de três fatores: “[...] as especificidades das práticas de linguagem que são objeto de aprendizagem, as capacidades de linguagem dos aprendizes e as estratégias de ensino propostas pela sequência didática [...]”. As práticas de linguagem, na abordagem interacionista, são o principal instrumento de interação social e essa interação se concretiza através dos gêneros. Os autores enfatizam também que o trabalho escolar, na área da produção da linguagem, realiza-se sobre os gêneros, independentemente de concordarmos ou não. Os gêneros, segundo Dolz e Schneuwly (2004), são o instrumento de mediação de toda estratégia de ensino e o material de trabalho, indispensável e inesgotável, para o ensino da produção textual.

O tema *gêneros textuais e ensino*¹⁰ é tratado por Oliveira (2010) com certo cuidado. A autora afirma que ainda há falta de consenso nas abordagens teóricas sobre os gêneros textuais e esses vários posicionamentos pouco esclarecem ou ajudam o professor na tarefa didática. “Essa dispersão teórica”, segundo Oliveira (2010, p. 338-340), “indica a necessidade de novos questionamentos e posicionamentos a respeito da relação gênero e ensino [...]”, pois, segundo a autora, “[...] as diferentes concepções de gêneros e de letramento¹¹ resultam em diferentes práticas”. Ela destaca que, se no letramento cultural se defende que o aluno domine o maior número possível de gêneros para que esse indivíduo circule nas várias esferas discursivas, no letramento crítico, o objetivo é que o aluno se aproprie de determinados gêneros que atendam às necessidades comunicativas do seu usuário. A autora salienta que sendo os gêneros os elementos que estruturam a vida social, no letramento crítico, o trabalho didático é norteado pela prática social. Sob esse ponto de vista, são levantadas algumas questões, como: “os gêneros podem ser ensinados?” Se a palavra ‘ensino’ é entendida como ‘instrução’, “não poderemos ensinar os gêneros”. O que se pode ensinar é a sua dimensão textual, e agir nessa perspectiva, segundo a autora, é

¹⁰ Grifo nosso.

¹¹ Britto (2003) apresenta dois conceitos de letramento: o primeiro refere-se às competências de ler e escrever que o sujeito dispõe para participar nos ambientes sociais organizados em função da escrita e; o segundo está associado à ideia de alfabetizado, letrado, educado, e pressupõe ser aquilo que uma pessoa pode fazer com os seus conhecimentos de escrita.

ter uma visão parcial dos gêneros. Por outro lado, a autora enfatiza que quando o termo ‘ensino’ é entendido como ‘imersão’, estamos assumindo que “[...] os gêneros podem ser objetos de ensino, uma vez que a sua apropriação ocorre de modo orientado por propósitos reais”. Oliveira (2010, p. 340) enfatiza que “‘ensinar’ *com* os gêneros e não *sobre* os gêneros requer inserir os alunos numa verdadeira ‘etnografia’ das práticas de linguagem”. Nesta perspectiva, o trabalho com os gêneros na sala de aula é visto não como um fim, mas como um meio para que o educando chegue ao letramento crítico.

Para se adotar os gêneros textuais como unidade de ensino da língua materna, é importante que esse trabalho seja articulado por meio da estratégia chamada *sequência didática*. Segundo Dolz e Schneuwly (2004, p. 51), esse método trata-se de

[...] uma sequência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem. As sequências didáticas instauram uma primeira relação entre um *projeto de apropriação* de linguagem e os *instrumentos* que facilitam essa apropriação. Desse ponto de vista, elas buscam confrontar com práticas de linguagem historicamente construídas, os gêneros textuais, para lhes dar a possibilidade de reconstruí-las e delas se apropriarem.

Segundo os autores, tal reconstrução se dá mediante a interação de três fatores, a saber, “as especificidades das práticas de linguagem que são objeto de aprendizagem, as capacidades de linguagem dos aprendizes e as estratégias de ensino propostas pela sequência didática” (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004, p. 51).

De acordo com Amaral (2011), as sequências didáticas são todo o conjunto de atividades encadeadas entre si, planejadas com a finalidade de se trabalhar um determinado conteúdo “etapa por etapa”. Elas são organizadas segundo o objetivo que o professor pretende alcançar para a aprendizagem do aluno.

Neste capítulo foi apresentada parte da nossa fundamentação teórica, tendo como base as concepções dos gêneros do discurso a partir de Bakhtin (1997) e do interacionismo sociodiscursivo de Bronckart (1999; 2006). Para finalizar este capítulo dedicamos a última seção a uma rápida discussão sobre os gêneros textuais e o seu ensino no ambiente escolar. No entanto, o nosso quadro teórico ainda continua no

capítulo seguinte, onde dedicamos mais especificamente ao estudo do jornal escolar, que é o tema geral de nossa pesquisa.

3 JORNAL ESCOLAR: ORIGEM E USO PEDAGÓGICO

Para melhor entendermos a relevância desse veículo de comunicação no processo de ensino e aprendizagem do aluno procuramos investigar a sua origem, o seu contexto histórico, em que circunstâncias e com que finalidade o jornal escolar surgiu. Fazemos também uma abordagem a respeito do seu uso na atualidade como instrumento de apoio pedagógico no ensino de diferentes gêneros textuais/discursivos e como prática de letramento, tomando como base as ideias de Freinet (1974), Freire (1981; 2004), Demo (1998) e outros autores. Neste capítulo fazemos também referência às pesquisas realizadas por Ijuim (2005) e Baltar (2006) a respeito desse suporte midiático. Por último, apresentamos alguns gêneros textuais que podem ser encontrados nos jornais de sala de aula, onde, entre os autores usados como base, destacamos Melo (1985) e Lage (1998; 2001).

3.1 Origem do jornal escolar: uma abordagem histórica

O uso do jornal escolar como apoio pedagógico não surgiu nos últimos dez ou vinte anos. Não se trata de uma “onda” ou de uma “inovação” na educação, mas de uma prática que é usada desde o início do século XX no mundo. Temos os primeiros registros de uso do jornal escolar nos anos iniciais do século passado, na Bélgica, Polônia e França.

Na Bélgica, temos, como pioneiro do jornal escolar, o médico neurologista Ovide Decroly (1871-1932), que, em 1907, fundou, em Bruxelas, a *École de l'Ermitage* (Escola da Ermida). Essa escola possuía três oficinas: tipografia, marcenaria e tecelagem. Segundo a obra *Ciclo de Estudos Pedagógicos nº 4* (2010), a tipografia dessa escola publicava o jornal “O Correio da Escola”, que no início era produzido com uma máquina de escrever e um mimeógrafo, porém, mais tarde a escola conseguiu montar uma oficina de tipografia com as máquinas automáticas de Freinet, que eram muito usadas na época. O próprio Freinet (1974, p. 17) faz referência a esse jornal escolar, quando declara o seguinte: “[...] só reconhecemos um ‘antepassado’: é a realização, depois da guerra de 1914-1918, pela *Escola Decroly* (Bélgica) do *Correio da Escola*, impresso na própria escola”.

Na Polônia, temos, como precursor do jornal escolar, o médico polonês Henryk Goldszmit (1878-1942), conhecido pelo pseudônimo de Janusz Korczak. Segundo Sobreiro (2010), paralelo às atividades exercidas como médico, Korczak nutria uma preocupação com a

educação, sendo, uma delas, a existência de métodos pouco democráticos de ensino da época. Em 15 de abril de 1912, fundou o orfanato Lar das Crianças numa área habitada por judeus pobres de Varsóvia, na Polônia. Porém, somente em 1918, quando reassumiu essa instituição, ele pôde pôr em prática as suas idéias, fazendo-o conhecido nacionalmente. Conforme Sobreiro (2010), nessa instituição, as crianças viviam em uma verdadeira república, organizada sob os princípios da igualdade de direitos e deveres, da fraternidade e da justiça e o jornal produzido por essas crianças era um dos instrumentos mais importantes para se alcançar esses princípios.

A instituição fundada e dirigida por Korczak, segundo Sobreiro (2010), tinha dois jornais: o primeiro, “A Pequena Supervisão”, era patrocinado pelo seu próprio fundador, que pagava às crianças pela sua produção. Além da participação dos membros do Lar, o jornal recebia cartas de crianças de toda a Polônia. O segundo era o jornal oficial chamado “O Semanário”, que noticiava todos os acontecimentos importantes ocorridos durante a semana na república e as colaborações dos professores e alunos, o qual era lido em uma sessão pública todos os sábados.

De acordo com Tomkiewicz (1984, p. 12), o médico polonês apresenta na obra “[...] *Momentos Pedagógicos*, um breve estudo dedicado aos jornais escolares, fruto de dez anos de experiência, onde Korczak já dá a descrição do jornal redigido inteiramente pelas crianças”. Em 1920, atendendo ao convite do jornal popular da Polônia *Nasz Przegląd* (Nossa Revista), prepara uma edição infantil chamada *Maly Przegląd* (Pequena Revista), o qual teve repercussão em todo o país. Segundo Tomkiewicz (1984, p. 13),

[...] Em 1926, funda talvez o primeiro semanário no mundo, de grande tiragem, escrito, redigido e realizado por crianças e adolescentes. A *Petite Revue*, graças aos jovens redatores e à sua rede de 2000 correspondentes, conta tudo o que passa com os escolares da província e de Varsóvia. Ela deu toda a importância que os fatos da vida cotidiana das crianças mereceram [...]. Ler todas as sextas-feiras era um prazer para dezenas de milhares de crianças.

No entanto, apesar do destaque alcançado, esse trabalho realizado por crianças e adolescentes era ironizado pelos jornalistas da imprensa adulta.

Em 1930, Korczak passa o seu posto de redator-chefe para o seu secretário Newerly, “[...] mas continua a animar a *Petite Revue* até o seu último número, aparecido em 1939, na véspera da invasão nazista” (TOMKIEWICZ, 1984, p. 14). O trabalho do médico polonês foi encerrado no dia 10 de agosto de 1942, quando foi conduzido e morto na câmara de gás em Treblinka juntamente com os 200 órfãos sob os seus cuidados durante a 2ª Guerra Mundial. No entanto, o legado deixado por Korczak para a educação, em geral, e para o jornal escolar, em particular, permanece atual e servindo de embasamento para novas experiências no trabalho com a escrita.

Na França, temos o pedagogo Célestin Freinet (1896-1966), outro pioneiro e um dos maiores defensores do jornal escolar. De acordo com Elias (1997), Freinet, inconformado com o modelo tradicional de ensino, introduz a imprensa escolar em 1924, considerando essa alternativa como um novo *instrumento* pedagógico, capaz de promover grande rendimento humano e escolar e de despertar o interesse de eminentes pedagogos da época, resultando numa mudança de comportamento dos professores e dos alunos. Segundo Elias (1997, p. 27),

[...] Rompia-se, assim, o círculo do individualismo em que vivia o professor [...]; lançam-se as bases de um movimento pedagógico fortalecido, integrado e espontâneo, no qual todos participam de alguma forma, contribuindo para a produção de um conhecimento gerado a partir da experiência.

Em 1928, Freinet é transferido para uma escola em Saint-Paul de Vence com péssimas estruturas. Diante da recusa de ajuda e o descaso do governo para com as escolas humildes das aldeias, “[...] improvisa uma mesa e ali monta a sua imprensa, símbolo de um novo material escolar e de uma nova organização da sala de aula” (ELIAS, 1997). Em 1929, o Ministério da Educação da França faz perseguição direta a Freinet e à sua maneira de ensinar. Porém, no mesmo ano, pelo menos cem escolas francesas já tinham o seu próprio jornal e usava o texto livre como mecanismo de aprendizado (SOBREIRO, 2010). Em 1933, segundo Elias (1997), o pedagogo francês é banido da escola pública e em 1935 ele inicia uma escola livre, sendo esta a primeira escola proletária particular, onde aperfeiçoa e cria novas técnicas, aprimorando, assim, suas concepções sobre a *educação do trabalho*. Em 1939, durante a 2ª

Guerra Mundial, é preso (sob a acusação de ser terrorista por ter ideais marxistas) e conduzido ao campo de concentração Saint-Vichy-Maximim, onde permaneceu até 1941 e escreveu os livros *Educação do Trabalho e Ensaio da Psicologia Sensível Aplicada à Educação* (ELIAS, 1997, p. 30). Com o fim da guerra, o pedagogo francês continuou cobrando um novo modelo de escola, “[...] voltado para o povo e marcado por uma nova arquitetura pedagógica [...]” (SOBREIRO, 2010, p.7). Freinet veio a falecer em 1966, deixando um movimento pedagógico “[...] com vinte mil adeptos, uma cadeia de jornais com uma tiragem de quinhentos mil exemplares, distribuídos em mais de vinte países [...]”, o que, segundo Elias (1997, p. 31), vem confirmar “[...] que seu trabalho não era isolado, que só através da cooperação é possível educar as novas gerações”. Segundo esta mesma autora,

Freinet sugeria o uso de jornal (mural, escrito ou falado) como substituto dos manuais didáticos, da lição de casa imposta pelo adulto, antevendo as vantagens de seu uso para abordar a realidade e os programas escolares. Ele permitia aos alunos se apoderassem de diferentes formas de linguagem e dos diferentes gêneros do discurso (1997, p. 2).

Embora o jornal produzido por crianças tenha sido muito usado por Decroly e Korczak, foi através de Freinet que essa mídia impressa ganhou grande destaque, pois foi esse educador quem primeiro introduziu esse meio de comunicação como instrumento de apoio pedagógico no ambiente escolar.

O nosso objetivo, aqui, é apenas apresentar alguns aspectos históricos do jornal escolar que poderão dar mais credibilidade a este instrumento de comunicação enquanto ferramenta de ensino e aprendizagem. Concordamos com Freinet (1974, p. 17) quando afirma que “[...] o que conta, antes do mais, para a Escola, para as crianças e para os professores, não é o aspecto histórico das técnicas e dos métodos, mas sim a sua adequação às necessidades pedagógicas”. Esta é, portanto, a motivação principal desta pesquisa.

3.2 O jornal escolar no Brasil

Não temos dados precisos sobre o início do uso do jornal escolar no Brasil, apenas ouvimos relatos de que desde a década de 1950, esse

meio de comunicação já era usado por alguns professores brasileiros. Vale mencionar o trabalho da professora Maria Lúcia dos Santos entre as décadas de 1970 e 1980, que adotava a Pedagogia Freinet no ensino de Língua Portuguesa, inclusive o uso do jornal escolar, em escolas públicas de São Paulo, cuja experiência é relatada em sua obra (SANTOS, 1993). Por outro lado, é importante informar que na década de 1980 já temos estudos acadêmicos realizados com o jornal escolar no Brasil, como é caso de Ijuim¹² que realizou uma de suas primeiras pesquisas sobre esse tema entre os anos de 1986 e 1989, porém, não descartamos a existência de estudos anteriores abordando essa mesma temática. No entanto, salientamos que não é a nossa intenção apresentar a história do jornal escolar através de uma investigação aprofundada. Apresentamos apenas algumas informações pontuais sobre esse meio de comunicação que acreditamos ser relevantes para este trabalho.

O que pretendemos, aqui, é reforçar a ideia de que o uso dessa mídia na educação não é nenhuma novidade, mas um instrumento que já foi provado em outros contextos educacionais e que poderá servir de apoio pedagógico em nossas escolas tanto no ensino e aprendizagem da língua escrita – em particular –, como na prática do letramento – em geral.

3.2.1 A ONG Comunicação e Cultura e o jornal escolar

Atualmente, no Brasil, entre as instituições que trabalham com o jornal escolar, destacamos o exemplo da Organização Não-Governamental (ONG) Comunicação e Cultura, que iniciou um trabalho pioneiro com produção de jornais, em 1987, em Fortaleza, Estado do Ceará. A ONG foi fundada oficialmente em junho de 1991, quando “[...] foi lançado o programa Jornais Comunitários Associados, com o objetivo de facilitar a publicação de jornais populares editados nos bairros da Região Metropolitana de Fortaleza”. Em 1994, esta instituição não-governamental passou a dar prioridade ao “trabalho no contexto escolar, considerando a comunicação e a liberdade de expressão como ferramentas importantes para o aprimoramento dos

¹² Essa pesquisa de Ijuim resultou em sua dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Libero, sob o título “Jornal de classe como instrumento de integração disciplinar no ensino de 1º grau – Estudo de caso: Bauru, defendida no ano de 1989.

processos pedagógicos e para a própria mudança institucional da escola pública” (COMCULTURA, 2010). Esta ONG trabalha em parceria com o MEC/SECAD¹³ e o Instituto C&A¹⁴, além de algumas empresas e outras instituições como a UNICEF¹⁵.

Segundo informações disponíveis em um dos sites¹⁶ da ONG Comunicação e Cultura, essa instituição desenvolve três programas, a saber: 1) Primeiras Letras, que contempla 502 escolas de 35 municípios dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Piauí, Pernambuco, Rondônia e São Paulo, auxilia na publicação de jornais editados pelos professores das séries iniciais do ensino fundamental, com textos e desenhos de seus alunos. Os jornais têm circulação dentro e fora da escola, servindo “[...] como instrumento de dinamização das aulas e de valorização social da escrita”. O material para a publicação é produzido nas escolas e depois é enviado para a ONG Comunicação e Cultura fazer a impressão do jornal. 2) Fala Escola, que é executado em nove municípios dos estados do Ceará e Paraíba, com 277 escolas envolvidas, trabalha com a publicação de jornais escolares produzidos por alunos do 6º ao 9º do ensino fundamental, pode ser implantado também no segundo segmento da Educação de Jovens e Adultos - EJA. O conteúdo do jornal pode ser produzido pelos alunos em sala de aula, sob orientação do professor ou em atividades extraclasse, individuais ou coletivas. Em todos os casos, a produção, a diagramação e a editoração eletrônica do jornal são realizadas integralmente na escola. 3) Fala Escola Mais Educação, que atende 32 escolas dos estados da Bahia, Ceará, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, trabalha em parceria com o programa Mais Educação, do Ministério da Educação. Para atender a esse programa, a ONG desenvolveu o Guia do Jornal Escolar, o Tutorial de Diagramação Eletrônica e “[...] cinco sequências didáticas para a produção de jornais escolares com base em gêneros textuais” (COMCULTURA, 2011).

¹³ MEC/SECAD significa Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

¹⁴ O Instituto C&A é uma instituição sem fins lucrativos mantido pela rede de lojas C&A, conforme informações do próprio site <www.institutocea.org.br>.

¹⁵ UNICEF significa United Nations Children's Fund (Fundo das Nações Unidas para a Infância).

¹⁶ <www.jornalescolar.org.br>.

A ONG Comunicação e Cultura trabalha também com o programa Clube do Jornal, que em 2010 era executado em 42 municípios dos estados do Ceará e Pernambuco, com 61 escolas envolvidas, foi criado para atender especialmente estudantes do ensino médio. O seu objetivo principal é produzir jornais em que o jovem possa difundir o seu pensamento e suas opiniões através de seus textos e formando assim cidadãos críticos, que contribuam com o desenvolvimento social e político a partir das escolas onde estudam e da comunidade em que estão inseridos. O programa procura valorizar socialmente a escrita e a leitura realizada pelos jovens, já que os jornais abordam temas de interesse dessa faixa etária. Outro objetivo do Clube do Jornal é levar os participantes a compreenderem a importância da comunicação e da mídia para se pensar caminhos e possibilidades da informação na sociedade atual.

É importante ressaltar que a maioria das informações apresentadas aqui, sobre a ONG Comunicação e Cultura, foram obtidas diretamente através do seu próprio *site*¹⁷ e de pessoas ligadas a essa instituição. Ainda não tivemos acesso a informações de outros pesquisadores, professores, alunos ou de quaisquer pessoas que conheçam de perto o trabalho com o jornal escolar promovido por essa ONG. Acreditamos que para essa finalidade seria necessária uma pesquisa específica que investigasse a eficiência desse trabalho do ponto de vista do ensino e aprendizagem da língua escrita e do letramento em geral através desse suporte midiático.

3.3 A relevância do jornal escolar no ensino e aprendizagem da língua materna

Os documentos oficiais como os PCN e propostas curriculares estaduais e municipais (que já mencionamos neste trabalho), seguem o pensamento bakhtiniano, defendendo que a unidade de ensino da língua deve ser, portanto, os gêneros textuais/discursivos. No entanto, a nossa inquietação sempre foi encontrar estratégias que facilitasse o trabalho do docente no ensino e aprendizagem da língua e que esse trabalho representasse alguma importância para o aluno, ou seja, que a produção

¹⁷ Maiores informações sobre o trabalho com o jornal escolar podem ser encontradas no *site* <<http://www.comcultura.org.br>> da ONG Comunicação e Cultura.

de diferentes gêneros pudesse ser uma atividade significativa também para esse educando.

Segundo Freire (2004), o docente precisa saber, desde a sua formação, que ensinar é criar condições para a produção e a construção do conhecimento. Nessa perspectiva vimos no jornal escolar um instrumento midiático capaz de suprir parte da lacuna do trabalho com os gêneros textuais/discursivos em sala de aula. Pois essa mídia impressa possibilita a produção e a publicação de textos de uma grande variedade de gêneros, dando condições de circulação dos textos produzidos pelos alunos e consequentemente favorecendo a interação desses educandos com outros leitores, que muitas vezes são desconhecidos para esses alunos-escritores.

O jornal escolar, além de poder incentivar a produção de textos de diferentes gêneros, é em si um instrumento de empoderamento do aluno. A produção de textos na escola passa a ter sentido, pois através dessa prática o educando pode expressar o seu pensamento, os seus anseios, as suas angústias, ou seja, esse meio de comunicação dá voz e vez ao aluno na sociedade. Como afirma Santos (1993), o jornal escolar promove uma situação de comunicação real através da escrita, ou seja, esse instrumento de comunicação permite que o aluno faça o uso social da escrita, que ele se comunique “graficamente”, como muito bem ressalta Freire (1981).

No método do jornal escolar defendido por Freinet (1974, p. 21), “[...] a criança conta primeiro e, mais tarde, escreve livremente aquilo que sente necessidade de exprimir, de exteriorizar, de comunicar aos que com ela convivem ou aos seus correspondentes”. Não se trata de uma escrita aleatória, de qualquer maneira, cujo interesse se restringe a quem escreve. Segundo o autor, a criança escreve aquilo que ela acredita, em seu pensamento, que é capaz de interessar aos seus correspondentes. Em outras palavras: a criança procura escrever aquilo que ela acredita ser interessante ao seu possível leitor.

A possibilidade de existência de um leitor do texto pode alterar o posicionamento de quem escreve. Ao contrário do trabalho tradicional com a redação escolar, que segundo Freinet (1974, p. 19-21), só serve para ser corrigida e classificada pelo professor, no jornal escolar “[...] a criança que compõe um texto sente-o nascer enquanto trabalha; dá-lhe uma nova vida, torna-o seu”. Nesse caso, “Deixa de haver um intermediário no processo que vai do pensamento balbuciado e depois expresso ao jornal”. O texto, no jornal escolar, tem a função de comunicar o que o seu produtor pensa a respeito de um determinado tema e de interagir com o seu leitor.

Freinet (1974, p. 37) enfatiza que o jornal escolar não é uma cópia e nem um substituto dos jornais de adultos. Trata-se de uma produção original, com suas normas e suas leis, com imperfeições, “[...] mas que apresenta a vantagem histórica de abrir uma nova via de conhecimento da criança e da prática pedagógica de que o futuro mostrará a fecundidade”. Nessa mesma perspectiva, Baltar (2006, p. 137) afirma que “[...] escrever um jornal escolar é uma atividade legítima de produção escrita, mas isso não significa que seja equiparada à escrita de um jornal comum da grande mídia”. O autor revela que em sua pesquisa de doutorado, além de destacar o desenvolvimento da competência escrita, ele percebeu que a configuração própria de alguns textos indicava o surgimento de gêneros específicos do jornal escolar. Esses “gêneros textuais novos”, segundo Baltar (2006, p. 138), “[...] poderiam ser denominados de *gêneros textuais jornalísticos novos*”. Com base em Freinet (1974) e nos estudos de Baltar (2006), percebe-se que o jornal escolar tem identidade e características próprias e o seu objetivo principal não é ser “perfeito” ou seguir o mesmo padrão de um jornal dirigido para o público adulto¹⁸, mas servir de apoio para o desenvolvimento da competência discursiva escrita do aluno.

Segundo Freinet (1974, p. 55-57), o jornal escolar não precisa imitar os jornais de adultos, mas pode ter um valor próprio e um conteúdo que possa justificar o seu sucesso. O jornal escolar, segundo o autor, é afetivo, enquanto que um jornal adulto é impessoal e objetivo. Esse caráter afetivo predomina nos jornais de sala de aula produzidos por crianças com até dez ou doze anos de idade. O autor ressalta que “[...] a criança, mesmo quando descreve, associa intimamente as suas reações, as suas sensações e seus sentimentos à narrativa que destina ao seu jornal”. Já nos jornais dos alunos mais velhos parte da informação é objetiva. No entanto, Freinet (1974) salienta que não é desejável que essa característica seja predominante, porque rapidamente tais produções podem se tornar um produto escolástico e frio, perdendo rapidamente as virtudes do jornal escolar.

De acordo com Ijuim (2005, p. 25), educadores que têm adotado a linha sócio-histórica têm progredido nos projetos de produção de jornais, principalmente quando se valoriza a recomendação de Vygotsky

¹⁸ Ressaltamos que o jornal convencional não deve ser tomado como um modelo. O jornal escolar pode, inclusive, ser melhor do que o jornal produzido por profissionais da área, considerando-se nível de conhecimento dos seus respectivos produtores.

(1991), de que se deve analisar “[...] processos e não objetos”. Quando se enfatiza mais o “[...] processo de produção, o educador consegue vislumbrar uma maior dimensão do jornal escolar”. O autor destaca também que o educador não deve se limitar apenas à produção textual do aluno, mas “[...] analisar as várias etapas dessa elaboração e, mais, as condições e as interferências que deram origem a esse texto”. Bentes (2008, p. 254) salienta que “[...] considerar as condições de produção e de recepção dos textos significa, então, passar a encarar o texto não mais como uma estrutura acabada (produto), mas como parte de atividades mais globais de comunicação”. Em outras palavras: o texto deve ser visto não como um produto acabado, mas como um “processo de planejamento, verbalização e construção” (BENTES, 2008, p. 254).

Bonini (2011, p. 159) alerta sobre a possibilidade de o jornal escolar ser simplesmente uma mídia dos alunos, sem nenhuma relação com as práticas da sala de aula, ou, no sentido oposto, ser apenas um instrumento de ensino e aprendizagem sem levar em conta a interação dos alunos. A questão, segundo o autor, “[...] é exatamente a de se conseguir refletir e tomar posições quanto a esse duplo papel do jornal (de ser meio de interação e, ao mesmo tempo, objeto de ensino-aprendizagem) de modo a tirar proveito dessa dupla face”. Portanto, a interação entre os alunos e o ensino e aprendizagem da linguagem precisam acontecer simultaneamente na produção de um jornal escolar.

3.4 Vantagens do jornal escolar

Freinet (1974) apresenta uma série de vantagens pedagógicas, psicológicas e sociais que ele acredita que a prática do jornal escolar pode proporcionar. No entanto, procuramos adaptar tais aspectos desse instrumento educacional ao nosso contexto sócio-histórico e cultural, reduzindo a quantidade e ampliando a discussão com outros autores, como Ijuim (2005) e Baltar (2006) que também têm pesquisado sobre este tema e, ainda, tomando como base os estudos de Freire (1981; 2004) e Demo (1998).

3.4.1 Ensino da língua materna

Uma primeira vantagem da utilização da metodologia do jornal escolar, que podemos citar, após o estudo de alguns autores (FREINET, 1974; SANTOS, 1993; IUJIM, 2005; BALTAR, 2006), é a potencialização do ensino da língua. Freinet (1974, p. 81-82) acredita que usando um método natural, sem redações puramente formais e sem

a forte ênfase nos aspectos gramaticais, o estudante poderá atingir: a) “[...] uma expressão correta e viva [...]”; b) “[...] uma ortografia natural, livre de todas as crises de dislexia [...]”; c) “[...] um desejo, uma necessidade de escrever, de experimentar e calcular que estão na base de uma formação de cultura [...]”. O autor enfatiza que o jornal escolar é o melhor suporte para se praticar exercício de redação, de ortografia e de gramática vivos (FREINET, 1974). Santos (1993, p. 67), baseando-se na pedagogia freinetiana, afirma que no jornal escolar,

O aluno, de maneira natural, acaba percebendo que os textos contidos no jornal, por serem atraentes e agradáveis à leitura, precisam estar legíveis, limpos e bem apresentados. Essa constatação desperta o interesse e favorece a aprendizagem de conceitos básicos de diagramação, de diferentes elementos de composição, do emprego dos sinais gráficos, da ortografia.

Para Baltar (2006, p. 23-24), quando se propõe a produzir o jornal em sala de aula com o objetivo de praticar a língua escrita, pretende-se possibilitar aos alunos “[...] o contato com textos legítimos de circulação na escola, e como escritor, dialogar com o seu leitor, do mesmo modo que ele faz quando lê sua seção preferida de jornal”. Não tem como preocupação principal “[...] acertar ou errar a gramática da língua”, mas expressar o que se pensa através do suporte do jornal.

3.4.2 Documentário da experiência escolar

Nossa pesquisa identificou que uma segunda vantagem do jornal escolar é a possibilidade de documentação da experiência da própria escola. Para Freinet (1974, p. 83), “[...] uma escola que edita um jornal escolar só não pode continuar a trabalhar segundo as normas habituais. Pela força das coisas, está na via da modernização e do progresso”, ou seja, segundo o autor, as suas atividades dificilmente cairiam em rotina, pois alguma novidade seria apresentada em cada edição do jornal.

Através do jornal escolar, alguns momentos da vida da classe são grafados definitivamente desafiando o próprio tempo. O educador francês afirma que, tanto para o professor como para o aluno, “[...] cada página do jornal é como um degrau na lenta escalada da educação e da cultura: ela se materializa e idealiza o esforço” (FREINET, 1974, p. 83-84).

No contexto das profissões da sociedade ocidental contemporânea, grande parte dos trabalhadores pode apresentar qual foi o resultado do seu trabalho, mesmo que não o mantenha consigo. No entanto, segundo Freinet (1974), o professor não tem na aula o que possa servir de testemunha à sua ciência e devoção. O autor enfatiza que a escola deve afirmar a sua fecundidade, produzindo uma obra que não seja somente abstrata e nem somente material. Para Freinet (1974, p. 85-86), “[...] a página da vida¹⁹ e o jornal escolar constituem exatamente essas obras-primas quotidianas que são ponto de ligação entre a destreza manual e o pensamento sutil e profundo”. O autor acrescenta também que “[...] o jornal escolar é uma ‘produção’, uma obra ao alcance das nossas classes e que toca profundamente no essencial da nossa função educativa”.

Para o educador francês, o jornal escolar é um porta-voz da escola. Freinet (1974, p. 88) enfatiza que,

Certamente será a expressão das crianças que terão sido os seus principais artesãos. Mas o valor dos seus textos, o cuidado e a arte postas na apresentação, a humanidade e espiritualidade que dele se libertam, são justamente os produtos da escola, os frutos da nossa pedagogia.

Em outras palavras, pode se afirmar que o jornal de sala de aula é a representação de uma parte do que se que se constrói na escola.

3.4.3 Ponte entre a escola, a comunidade e os pais

Outro aspecto positivo do jornal escolar, segundo Freinet (1974), que apontamos aqui como a terceira vantagem, é a possibilidade desse suporte midiático ser uma ponte entre a escola, a comunidade e os pais. O autor defende que,

Mesmo se não virmos a necessidade, por enquanto, de uma exploração pedagógica do jornal escolar, temos necessidade, no nosso bairro ou na nossa aldeia, de um boletim de intercomunicação e de ligação. O jornal escolar

¹⁹ Textos produzidos pelos alunos na escola de Freinet.

constitui a solução prática desejável (FREINET, 1974, p. 88).

O trabalho realizado pelos alunos, neste caso, ultrapassa os limites físicos da própria escola e passa a ser conhecido principalmente nas suas proximidades. Por outro lado, os problemas, conquistas ou atividades da comunidade podem ser denunciados ou divulgados pelo jornal. O jornal de sala de aula, sob esse olhar, é visto como um instrumento de comunicação capaz de interagir e aproximar a escola com a sua própria comunidade.

Para Freinet (1974), a ligação escola-pais se dá tecnicamente através do jornal escolar, o qual leva às famílias aspectos da própria comunidade e do ambiente educativo sob o ponto de vista das crianças. O autor ressalta que se acrescentarem algumas páginas destinadas especialmente aos pais, o jornal escolar poderá ser um jornal da comunidade, sem prejudicar as vantagens pedagógicas. Freinet ressalta também que o que os pais esperam do jornal escolar não são as notícias da região, mas a originalidade do trabalho de seus filhos. Para Baltar (2006), no jornal escolar, o que vale não é a atualidade das notícias, mas o que esses pequenos escritores têm a dizer sobre essa notícia ou sobre o tema que eles se propuseram a escrever.

3.4.4 Responsabilidade

A quarta vantagem que percebemos no jornal escolar é o incentivo à responsabilidade. Segundo Freinet (1974, p. 89), entre as conquistas mais importantes de uma boa educação está o trabalho bem feito, que sinaliza a existência “[...] de um equilíbrio feliz, de uma concentração sempre benéfica, de hábitos preciosos de medida e ordem da inserção da atividade encarada num complexo de vida e segundo uma filosofia”. O autor acredita que a imprensa na escola e o jornal escolar são “[...] o melhor treino para a atividade metódica e cuidadosa dos bons trabalhadores”, pois o texto impresso só é valorizado se este satisfizer “plenamente ao mesmo tempo a inteligência e os sentidos”.

Quando o escritor produz um texto que será dirigido a um público que vai além do seu círculo de amizade é natural que ele seja mais cuidadoso com a organização das suas ideias e com a reação que o seu leitor terá quando ler o seu texto. Freinet (1974) afirma que o jornal escolar deve ser perfeito, pois é por ele que os textos ali publicados serão julgados e todos gostam de ser julgados positivamente. Ijuim (2005, p. 91), baseando-se em Morin (1998) – quando este aborda a

questão do sujeito responsável –, afirma que no jornal escolar “[...] cada um é responsável por seus atos e palavras, mas não é responsável como seus atos e palavras serão interpretados. Em suma, cada um é 100% responsável e 100% irresponsável”. O aluno-escritor não é responsável pelas interpretações que o leitor fará do seu texto, mas é responsável pelas informações que escreveu para ser publicadas no jornal escolar, assim como qualquer outro escritor da grande mídia.

3.4.5 Autonomia

Ao estudarmos alguns autores (FREIRE, 2004; DEMO, 1998; FREINET, 1974; IJUI, 2005), identificamos uma quinta vantagem do uso do jornal escolar: o desenvolvimento da autonomia do educando. Freire (2004, p. 96-107) enfatiza que “[...] o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a invenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia”. Ou seja, a educação do indivíduo deve estar voltada para a formação de um sujeito independente. Ele acrescenta que é necessário que o filho assuma a sua decisão eticamente e responsabilmente, que é o fundamento da sua autonomia. Para Freire (2004, p. 107), “ninguém é autônomo primeiro para decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas”. Essa autonomia, na visão freireana, deve ser incentivada pelos pais, desde criança, pois ninguém adquire maturidade de repente, aos 25 anos. O amadurecimento, para o autor, pode acontecer diariamente, ou não. Freire (2004, p. 108) ressalta também que,

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade.

Demo (1998, p. 29), por sua vez, salienta que,

O aluno precisa ser motivado a, partindo dos primeiros passos imitativos, avançar na autonomia da expressão própria. Isto não se reduz a texto, por mais importante que seja. Inclui também a capacidade de se expressar, de tomar iniciativa, de

construir espaços próprios, de fazer-se sempre presente e participativo.

O discurso destes dois autores (FREIRE, 2004; DEMO, 1998) aponta a necessidade do aluno ser “motivado” ou envolvido em “experiências estimuladoras” no sentido deste poder adquirir, paulatinamente, a sua autonomia.

O jornal escolar, segundo o método Freinet (1974), consistia no recolhimento de textos livres, realizados e impressos todos os dias e reunidos mensalmente numa encadernação especial para os assinantes e os correspondentes. Para Freinet (1974 *apud* Ijuim, 2005, p. 18), “[...] com essas atividades, ao despertar a espontaneidade e a livre-expressão, o professor desenvolvia em seus alunos o ‘potencial do pensamento’ e o desejo de exteriorização desse pensamento”. Simultaneamente, “[...] estimulava o educando a situar-se no mundo, exprimir suas ideias, sentimentos e observações, inseridos num contexto, que permitia tornar o processo mais educativo possível [...]”, com o objetivo de aplicar essa técnica na própria vida. Ijuim (2005, p. 18), baseando-se em Freinet, afirma que a possibilidade de exteriorização e socialização do pensamento do aluno através do jornal contribui para a sua própria autonomia.

Portanto, podemos afirmar, com base nos autores citados aqui, que o jornal escolar pode ser uma experiência estimuladora para a formação de um sujeito autônomo, uma vez o jornal de sala de aula possibilita a prática da liberdade de expressão, a busca do conhecimento através de variadas fontes de pesquisas e a responsabilidade pela informação publicada no jornal, principalmente quando esse texto é assinado pelo próprio aluno-escritor, além de outras contribuições para a autonomia do indivíduo.

3.4.6 Liberdade de expressão

A sexta vantagem do uso do jornal escolar, que identificamos através de nossa pesquisa, é a possibilidade de liberdade de expressão do educando. Para Freire (1981, p. 93), a educação que não promove ao estudante “[...] as experiências do debate e da análise dos problemas e que não lhe propicie condições de verdadeira participação [...]” é contraditória e compromete a emersão popular. De acordo com Demo (1998, p. 28),

É fundamental que os alunos escrevam, redijam, coloquem no papel o que querem dizer e fazem, sobretudo alcancem a capacidade de formular. *Formular, elaborar* são termos essenciais da formação do sujeito, porque significam propriamente a competência, à medida que supera a recepção passiva de conhecimento, passando a participar como sujeito capaz de propor e contrapor.

A escola precisa dar condições aos seus alunos para a sua livre expressão, e uma alternativa, que acreditamos ser viável, é o jornal de sala de aula. Para Freinet (1974, p. 81), o jornal escolar é uma motivação eficaz para a produção do texto livre. O autor justifica que “a criança sente a necessidade de escrever” pelo fato de saber que o seu texto poderá ser lido, caso seja publicado no jornal. Quando o autor tem consciência de que a sua produção escrita será lida por alguém, ele tem uma postura diferente daquela em que o texto é usado apenas para o professor atribuir uma nota. Quando o texto exerce a sua verdadeira função, que é a comunicação, ele é melhor elaborado por seu escritor. De acordo com Freinet (1974, p. 81), quando uma pessoa escreve um texto para ser lido, ela “sente a necessidade de expandir o seu pensamento por meio de uma forma e de uma expressão que constituem a sua exaltação”.

Freinet (1974) acredita que parte das perturbações de caráter deve-se ao fato de que a criança na escola não poder expressar os seus pensamentos, suas opiniões, necessidades, sentimentos e tendências. Segundo o autor, o jornal escolar contribui para a criança exteriorizar os seus problemas no ambiente coletivo e social, e esperar soluções favoráveis, o que permite ao educador reagir mais sensatamente. Ele acrescenta que “[...] é mais especialmente do ponto de vista afetivo que os textos livres e o jornal escolar permitem obter revelações de um alcance pedagógico considerável” (FREINET, 1974, p. 99).

Para Ijuim (2005, p. 89-90), o trabalho dos alunos e dos professores pode ser bem mais interessante e a “[...] produção de um jornal escolar humanizado [...]” pode oportunizar uma vivência prazerosa. O autor acrescenta que “[...] o conjunto de atividades exigidas pelo jornal leva à ação conjunta e solidária”. No jornal de sala de aula o aluno é reconhecido por sua autoria e isto lhe causa prazer. Ijuim ressalta também que “[...] o relacionamento entre os participantes, com alegria e afeto propostos pela produção de jornais escolares tem propiciado mais que bons jornais, mas a atitude de prazer e amor”.

A liberdade para expressar o seu pensamento, para expor as suas ideias através da escrita, a possibilidade de ter o seu texto lido por seus colegas da escola e por outros leitores, a possibilidade de interagir com outras pessoas, tudo isso pode dar ao aluno uma sensação de prazer, de realização, enquanto sujeito participante da sociedade da qual ele faz parte.

3.4.7 Interação

A sétima vantagem que o jornal escolar pode promover é a interação. Segundo a concepção sócio-interacionista defendida por Vygotsky (2000), o indivíduo precisa interagir com o outro para se apropriar do objeto. O sujeito aprende quando há interação e essa aprendizagem se dá através da linguagem. De acordo com o pensamento bakhtiniano, a função essencial da linguagem é a interação verbal do sujeito. Falamos ou escrevemos para interagir, independente desse interlocutor ser real ou hipotético.

Ijuim (2005, p. 25), pautando-se nas ideias de assimilação e acomodação, de Piaget (1978), afirma que “[...] ao aprender a linguagem jornalística e o seu funcionamento, a criança reorganiza seus conhecimentos e incorpora esse universo, assimilando assim novos objetos e reajustando-se a cada variação exterior, interagindo com o discurso do ‘outro’”. Por outro lado, Freire (2004, p. 133-134) afirma que “[...] o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História”.

Para Freire (1981, p. 104), a posição normal do sujeito deve ser,

[...] a de não apenas estar no mundo, mas com ele. A de travar relações permanentes com este mundo, de que decorre pelos atos de criação e recriação, o acrescentamento que ele faz ao mundo natural, que não fez, representado na realidade cultural. E de que, nestas relações com a realidade e na realidade, trava o homem uma relação específica – de sujeito para objeto – de que resulta o conhecimento, que expressa pela linguagem.

Com base nessas discussões teóricas percebemos que o jornal escolar é um suporte que possibilita também a interação dos alunos entre si, entre os professores e demais funcionários da escola e também com

as pessoas de fora do círculo escolar, uma vez que o jornal produzido pelos alunos circulará pelo menos na comunidade onde essa escola se encontra. No entanto, não se descarta a possibilidade dessa mídia ter um alcance maior, como todo o município ou até mesmo a sua microrregião. Portanto, a interação através do suporte jornal escolar não tem limites predeterminados, pois depende do alcance que esse veículo de comunicação pode atingir.

3.4.8 Cooperação

A oitava vantagem que identificamos na metodologia de ensino e aprendizagem com o jornal escolar é a cooperação de alunos com alunos e de alunos com professores. Esta afirmação se fundamenta nos estudos de alguns autores como Demo (1998), Freinet (1974) e Ijuim (2005), os quais tomamos por base para a nossa argumentação neste espaço.

Na atualidade tem-se enfatizado muito a importância do trabalho em grupo, seja no ambiente escolar, seja na vida profissional. Segundo Demo (1998), trabalhar em equipe é uma necessidade cada vez mais insistente dos tempos atuais, por diversos motivos muito convincentes. O autor afirma também que,

O trabalho em equipe, além de ressaltar o repto da competência formal coloca a necessidade de exercitar a cidadania coletiva e organizada, à medida que se torna crucial argumentar na direção dos consensos possíveis. Neste sentido, pode-se trabalhar a solidariedade e a ética política de maneira mais objetiva, lançando sobre o conhecimento o desafio da qualidade política (DEMO,1998, p. 18).

Diante desta realidade a escola não pode perder a oportunidade de desenvolver essa habilidade na criança.

De acordo com Freinet (1974), sendo a produção do jornal de sala de aula um trabalho realizado em equipe, essa atividade é uma preparação prática para o trabalho de cooperação social dos alunos. Ele afirma que “[...] em todas as fases do seu processo, a edição e a difusão do jornal escolar são a melhor das preparações para as responsabilidades sociais” (FREINET, 1974, p.108). Para Ijuim (2005, p. 88), o processo de produção do jornal na escola supõe-se uma atividade realizada em grupo e, conseqüentemente, supõe-se “[...] a negociação constante, o

contato pessoal, o embate, o conflito [...]”, que na verdade, são desafios comuns no trabalho em equipe.

Freinet (1974, p. 109) ressalta também que a edição e a administração do jornal escolar são atividades essencialmente cooperativas. A composição e a tiragem do jornal, no todo, é, por natureza, coletiva, o contrário das atividades escolares tradicionais que na maioria das vezes são individuais e antiooperativas. O educador francês salienta que para existir o jornal é necessário que haja uma organização, que “[...] tem um nome, uma técnica, estatutos e uma tradição: é a cooperação e, neste caso, a cooperação escolar”.

Para Ijuim (2005, p. 88), “[...] o estudo dos assuntos, a definição de pautas, o trabalho de reportagem, as entrevistas, o momento da edição, a diagramação são vivências que estimulam a cooperação”. Quanto aos conflitos inerentes ao processo, neste caso, podem ser compreendidos como desafios que devem ser superados com convívio em grupo. Segundo o autor, “[...] a postura de cooperação, portanto, é fruto da vivência, da convivência, das relações humanas intensas – que podem ser exercitadas na produção de jornais escolares”. Essa ação em conjunto faz cada aluno participante se sentir responsável por si e por cada integrante do grupo, não somente nos trabalhos relacionados à produção do jornal, mas também nas demais atividades da vida do educando.

3.4.9 Curiosidade

Com base em alguns autores (FREINET, 1974; FREIRE, 2004; IJUIM, 2005), na revisão da literatura, identificamos a curiosidade como a nona vantagem do jornal de sala de aula. O desejo de conhecer, de descobrir é uma qualidade inerente ao ser humano. Toda criança, desde os seus primeiros dias de vida, já demonstra esse fascínio pelo novo. Para Freire (2004, p. 38), a curiosidade ingênua é a mesma que, após se passar pelo exercício da criticidade se torna curiosidade epistemológica. Portanto, “[...] muda de qualidade mas não de essência”. O autor afirma também que,

A curiosidade, como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta, faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos

move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos (FREIRE, 2004, p. 39).

Como podemos observar através de Freire (2004), a curiosidade leva o sujeito ao questionamento, à indagação, à busca de novidade, ao esclarecimento dos fatos. Quanto mais se descobre, mais se busca novas descobertas. Mais se aprimora.

A escola deve criar um ambiente em que a curiosidade de seus educando seja constantemente despertada e, um instrumento que pode fazer desse exercício uma realidade na escola é o jornal de sala de aula. Freinet (1974) acredita que através do jornal escolar é possível despertar, no aluno, a curiosidade e o interesse de conhecer e de agir. Para Ijuim (2005, p. 89), a produção de jornais escolares proporciona “[...] situações de vivência de curiosidade, de motivação para a busca”. Portanto, com base nestes autores, podemos afirmar que o jornal escolar contribui para a curiosidade do aluno através do seu interesse em descobrir o desconhecido, em buscar respostas para as suas inquietações, o que inevitavelmente o levará à prática da pesquisa.

3.4.10 Incentivo à pesquisa

Através deste nosso estudo, percebemos que o uso do jornal escolar pode promover o incentivo à pesquisa, sendo esta, portanto, a décima vantagem desse meio de comunicação usado no ambiente escolar. Segundo Freire (2004, p. 36), “[...] não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. O autor destaca que a prática da pesquisa não pode estar separada da prática docente. Demo (1998), por sua vez, ressalta que se quisermos uma educação que promova a emancipação do aluno ela deve ter a pesquisa como método formativo. Para o autor, o sujeito competente em termos formais é determinado pela sua capacidade de fazer elaboração própria, ou de fazer reformulação pessoal (DEMO, 1998). Portanto, a escola deve incentivar o aluno a cultivar, desde cedo, o hábito de pesquisar, investigar, questionar, argumentar, descobrir, fazer a sua leitura de mundo. Pois, através dessa prática o educando poderá despertar cada vez a sua curiosidade e desenvolver o seu senso crítico e a sua criatividade.

Segundo Demo (1998, p. 21), “[...] a *procura de material* será um início instigador. Significa habituar o aluno a ter iniciativa, em termos de procurar livros, textos, fontes, dados, informações”. Ao invés do aluno receber tudo pronto, ele vai atrás da informação, construindo

assim o seu próprio conhecimento. O professor é apenas o mediador desse conhecimento.

Sob esse olhar, podemos afirmar que o jornal escolar é uma alternativa que pode atender ao desafio da prática da pesquisa no ambiente escolar. Pois, a busca de informações através de entrevistas, pesquisas nas bibliotecas, na *internet*, pesquisas de campo, entre várias outras maneiras, são também meios para se coletar dados para a produção de um jornal, inclusive, do jornal escolar. Sendo assim, podemos afirmar que para se produzir textos para um jornal escolar é necessário buscar informações, consultar fontes diversas. É preciso *pesquisar*.

3.4.11 Senso crítico

A décima primeira e última vantagem que identificamos no uso do jornal escolar é o desenvolvimento do senso crítico do aluno. A criticidade do indivíduo é parte integrante da educação. De acordo com Freire (2004, p. 47),

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos, em suas relações uns com os outros e todos com o professor, ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.

Nessa perspectiva, o aluno deve ser visto como sujeito ativo capaz de se assumir e se posicionar e não como objeto ou mero espectador. Freire (1981, p. 44) enfatiza que a permanente atitude crítica é o “[...] único modo pelo qual o homem realizará a sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, apreendendo temas e tarefas de sua época”. Demo (1998) também afirma que o indivíduo só pode deixar a sua condição de objeto (massa de manobra) quando ele se conscientiza criticamente da situação em que se encontra e contesta com iniciativa própria, fazendo do questionamento uma via de acesso para a mudança. Portanto, se a educação visa à emancipação do sujeito, esta deverá criar oportunidades cotidianamente para a prática do questionamento e do pensamento crítico pelo aluno.

De acordo com Freinet (1974), o jornal escolar poderá preencher essa lacuna na educação, pois, segundo ao autor, esse meio de comunicação estimula o senso crítico da criança em relação ao conceito de verdade absoluta da imprensa, uma vez que a criança produz cada página do seu jornal, que, como qualquer outra criação humana, está sujeito a erros e incertezas. Com essa prática, o estudante sabe, a partir daí, como as reportagens são conduzidas, como se prepara e se deforma a profissão de escritor ou de jornalista. O mito de verdade inquestionável da imprensa é desfeito à medida que o aluno, com a prática do jornal escolar, vai descobrindo como funciona um jornal da grande mídia, em que as informações podem ser manipuladas ou distorcidas. Segundo Freinet (1974, p. 111),

Utilizando o texto livre e o jornal, habituamos os nossos alunos a uma crítica da imprensa, à aceitação e procura dessa crítica. Aprendem a detectar, com um bom senso recuperado, a presença incorrigível da verborreia e da 'leitura', escondidas sob o clamor de certas páginas. Aprendem, por experiência, a julgar as obras que lhe são apresentadas, e rapidamente se tornam aptos a descobrir o que se esconde de falso e contraditório nas imponentes rubricas dos jornais.

Freinet (1974, p. 112) argumenta também que esse senso crítico, estimulado pela prática do jornal escolar, acontece também do ponto de vista histórico e científico. A partir da observação feita pelos próprios alunos eles percebem que nem tudo que os livros informam é verdadeiro.

Portanto, para se ter uma educação de qualidade é indispensável a formação do senso crítico do aluno e, de acordo com argumentos apresentados aqui, acreditamos que esse objetivo pode ser alcançado através do jornal escolar, como instrumento de mediação pedagógica.

Estes aspectos positivos, obviamente, não são as únicas vantagens do jornal de sala de aula. Acreditamos que essa mídia pode proporcionar aos estudantes várias outras vantagens que podem ter a mesma relevância das que foram citadas nesta dissertação.

3.5 Alguns gêneros textuais encontrados no jornal escolar

Nesta seção tratamos de alguns gêneros textuais da esfera jornalística que podem ser encontrados em jornais de sala de aula. O

nosso objetivo neste espaço não é fazer uma classificação dos gêneros jornalísticos, pois temos ciência de que isso não é uma tarefa simples até mesmo para os mais entendidos no assunto, como muito bem destaca Melo (1985). Porém, apoiando-se nos estudos de Melo (1985), Lage (1998; 2001) e outros pesquisadores, queremos apenas apresentar uma rápida definição de cada um desses gêneros textuais para um melhor entendimento do leitor.

Segundo Medina (2001, p. 50), os gêneros jornalísticos servem para orientar os leitores na leitura do jornal, possibilitando-lhes a identificação das formas e dos conteúdos dos mesmos, “[...] servem, também, como diálogo entre o jornal e o leitor, pois é através das exigências dos leitores que as formas e os conteúdos se modificam”. O autor acrescenta que “[...] os gêneros servem ainda para identificar uma determinada intenção, seja de informar, de opinar, de interpretar ou de divertir”.

De acordo com Baltar (2006), alguns autores (CIPRA e HERMELIN, 1981; MELO, 1992; FARIA, 1996), que têm analisado tanto os gêneros textuais que aparecem na grande mídia como os que aparecem nos jornais escolares, afirmam que os gêneros jornalísticos são classificados em dois tipos: gêneros opinativos e gêneros informativos. Baltar (2006, p. 129), baseando-se nas informações de Pedro Gilberto Gomes (MELO, 1992), afirma que “[...] os gêneros informativos são: *nota, notícia, reportagem e entrevista*. Os gêneros opinativos são: *editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, charges e carta*”. Com base nestas informações, apresentamos, em ordem alfabética, nos parágrafos seguintes, uma síntese de alguns desses gêneros. A nossa discussão apoia-se em Melo (1985), Lage (1998; 2005), Baltar (2006) e outros autores.

Artigo (de opinião) – É um gênero em que o autor expõe a sua opinião sobre um determinado tema, o que não precisa ser exatamente a opinião do jornal, por isso se diferencia do editorial. É um texto que sempre é assinado e pode ser escrito em primeira pessoa. Para Melo (1985, p. 92), o artigo é “[...] uma matéria jornalística onde alguém (jornalista ou não) desenvolve uma ideia e apresenta sua opinião”. Segundo Baltar (2006, p. 131), nesse gênero “[...] predomina o discurso teórico da ordem do expor, com sequências explicativas e argumentativas ou esquematização”.

Charge – é uma ilustração que retrata um personagem ou uma situação, de forma cômica, humorada, irreverente e com uma certa moral, numa mistura da linguagem imagética com a linguagem verbal (BALTAR, 2006, p. 132). Esse gênero jornalístico é apresentado por

Melo (1985, p. 123) como um subgênero da caricatura. De acordo com o autor, a charge é uma “[...] crítica humorística de um fato ou acontecimento específico. É uma reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público, segundo a ótica do desenhista”. Segundo Miranda (2011), a charge é um desenho humorístico de natureza política que não depende de um texto para explicá-lo, cuja inspiração do seu autor está no noticiário do dia. Conforme Baltar (2006, p. 132), esse gênero textual está sempre assinado e associado à linha editorial do jornal. Quanto ao discurso, esse gênero se molda na “[...] ordem do expor, teórico-interativo, com sequências descritivas, expositivas e argumentativas”.

Crônica – “[...] é um gênero híbrido que oscila entre a literatura e o jornalismo, resultado da visão pessoal, particular, subjetiva do cronista ante um fato qualquer, colhido no noticiário do jornal ou no cotidiano” (ASESBP, 2011)²⁰. De acordo com Melo (1985), a crônica é um produto do *jornal*, porque depende desse meio de comunicação para a sua expressão pública, vinculada à atualidade e porque se inspira nos acontecimentos do dia a dia. No entanto, a sua veiculação não se restringe ao jornal impresso. Ele pode ser encontrado também em outros meios de comunicação como revistas, rádio, televisão e *internet*. Melo (1985) afirma também que a crônica requer as três condições fundamentais de qualquer manifestação jornalística, as quais são: atualidade, oportunidade e divulgação coletiva. Nesse gênero opinativo, segundo Baltar (2006, p. 131), “[...] predomina o discurso do expor, mesclado com o discurso de argumentar com sequências expositivas, argumentativas e descritivas”.

Crítica – Segundo Melo (1985, p. 97), esse “[...] gênero jornalístico que se convencionou chamar de *resenha* corresponde a uma apreciação das obras de arte ou produtos culturais com a finalidade de orientar a ação dos fruidores ou consumidores”. De acordo com Baltar (2006), trata-se um gênero em que o autor, autorizado pelo jornal, expressa a sua opinião sobre uma determinada produção artística ou cultural, como um filme, um espetáculo, um livro, um CD etc. A informação dada ao leitor, além de descritiva, é também avaliativa. Assim como o artigo, é escrita em primeira pessoa e assinada. Nesse gênero “[...] predomina o discurso teórico com sequências expositivas, descritivas, argumentativas e injuntivas” (BALTAR, 2006, p.132).

²⁰ ASESBP significa Associação de Escritores de Bragança Paulista.

Editorial – É o gênero em que a direção do jornal manifesta a sua opinião sobre o acontecimento considerado como o mais relevante no momento. Segundo Melo (1985, p. 79), “[...] nas sociedades capitalistas, o editorial reflete não exatamente a opinião dos seus proprietários nominais, mas o consenso das opiniões que emanam dos diferentes núcleos que participam da propriedade da organização”. Ele ressalta que além da natureza político-social, o editorial tem características textuais próprias enquanto gênero jornalístico. De acordo com Melo (1985, p. 82), Bond²¹ trata esse gênero como “[...] um ensaio curto, embebido do senso de oportunidade”. Beltrão (1980 *apud* Melo, 1985) aponta quatro atributos específicos do editorial, a saber: 1) *impessoalidade*²², já que se trata de uma matéria escrita em terceira pessoa do singular ou do plural e não é assinada pelo seu autor; 2) *topicalidade*, por ser um tema com delimitação bem definida; 3) *condensalidade*, pois são apresentadas poucas ideias e; 4) *plasticidade*, que faz parte da natureza dos fenômenos jornalísticos. Segundo Baltar (2006, p. 129), o editorial é “um gênero de expressão de opinião, em que predomina o discurso teórico da ordem do expor, com sequências explicativas e argumentativas ou esquematização”.

Entrevista – De acordo com Lage (2001, p. 73), “a entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e reconstituição de fatos”. Segundo Baltar (2006, p. 135), esse gênero jornalístico é caracterizado por sua estrutura dialogal, com perguntas e respostas, precedidas por um texto explicativo no início. Para o autor, “[...] o discurso predominante é o interativo com sequências dialogais e expositivas”.

Notícia – Para Lage (1998, p. 16), a notícia é “[...] o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante”. O autor afirma também que “a notícia trata de um fato, acontecimentos que contém elementos de ineditismo, intensidade, atualidade, proximidade e identificação que o tornam relevante; corresponde, frequentemente à disfunção de algum sistema [...]” (LAGE, 2001, p. 114). De acordo com Baltar (2006, p. 133), a notícia é o gênero básico do jornalismo, no qual se relata um acontecimento do cotidiano que seja relevante. Como se

²¹ BOND, Fraser. *Introdução ao jornalismo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

²² Os grifos referentes aos atributos do editorial são de nossa autoria.

trata de um gênero informativo, o que mais vale é o fato. Na notícia predomina-se o “[...] discurso narrativo estruturado em sequências narrativas e descritivas”.

Nota informativa – Trata-se de uma notícia resumida cuja finalidade é prestar uma informação rápida. Esse gênero textual é caracterizado pela sua extrema concisão. De acordo com Baltar (2006, p. 135), a nota informativa é um “[...] subgênero da notícia, que difere apenas pela extensão do texto”.

Nota de serviços – Esse gênero tem características semelhantes às da nota informativa, devido à sua brevidade. Segundo Baltar (2006, p. 135), a nota de serviços é também um “[...] subgênero da notícia que traz informações de utilidade pública, como endereços e telefones de cinemas, teatros, órgãos públicos etc.”. Alguns autores (MELO, 1985; MEDINA, 2001) não fazem distinção entre nota informativa e nota de serviços, usam apenas o termo “nota” para se referir a qualquer um destes dois gêneros. Melo (1985, p. 49) afirma que a diferença entre nota, notícia e reportagem está “[...] na progressão dos acontecimentos, sua captação pela instituição jornalística e a acessibilidade de que goza o público”. O autor acrescenta que “[...] a *nota* corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e por isso é mais frequente no rádio e na televisão”.

Reportagem – De acordo com Lage (1998, p. 46-47), esse gênero jornalístico “[...] não cuida da cobertura de um fato ou de uma série de fatos, mas do levantamento *de um assunto* conforme ângulo preestabelecido”. O autor ressalta que a diferença entre a reportagem e a notícia se estabelece na pauta²³. Enquanto na notícia as pautas apenas indicam os fatos programados, a continuação dos eventos já ocorridos e dos quais se espera desfecho, na reportagem, a função da pauta é indicar de que maneira o assunto será abordado, qual o tipo e quantas ilustrações e o tempo de duração, entre outras questões relacionadas a esse gênero. Lage (1998, p. 61) sintetiza a definição de reportagem como “[...] gênero jornalístico que consiste no levantamento de assuntos para contar uma história verdadeira, expor uma situação ou interpretar fatos”. Segundo Baltar (2006, p. 132), esse gênero é o de maior complexidade e o mais elaborado do jornalismo. “Envolve coleta

²³ Segundo Lage (1998, p. 60), a pauta é uma “agenda de eventos a serem cobertos para o noticiário. Indicação do assunto, abordagem, fontes possíveis, equipamentos, deslocamentos e prazos de produção de reportagens”.

minuciosa de dados, entrevistas, consultas a outras mídias como rádio, tevê e *internet*". O autor informa que na reportagem "[...] predominam os tipos de discurso do mundo do narrar: narração e o relato interativo, com seqüências narrativas, descritivas e dialogais".

Nos parágrafos anteriores foram apresentados os principais gêneros jornalísticos destacados por autores que estudaram a temática no Brasil. No entanto, é certo que outras ênfases poderiam ser referenciadas, mas não era esse o objetivo de nosso estudo. Como já comentamos em outra seção deste capítulo, a pesquisa de Baltar (2006, p. 138), constatou "[...] o surgimento de gêneros textuais novos, que poderiam ser denominados de *gêneros jornalísticos escolares*". Isto é, os textos produzidos pelos alunos durante a sua pesquisa não tinham a mesma configuração dos textos produzidos para a grande mídia, mas também não eram apenas redações escolares. Esses textos tinham uma formatação própria. Tal constatação reforça a afirmação de Freinet (1974), de que o jornal escolar tem a sua configuração e identidade próprias.

No entanto, não se quer dizer que os gêneros jornalísticos escolares não podem ter semelhanças, no seu formato, com os gêneros textuais produzidos para a imprensa profissional. Nada impede que os alunos assim os escrevam; só não podemos é esperar que os estudantes produzam seus textos com a mesma proficiência de um escritor profissional, até porque o que se espera de um jornal escolar não é a reprodução autêntica de um jornal feito só por adultos. O jornal convencional não deve ser tomado como modelo ou entidade superior para o jornal escolar. Como ressalta Baltar (2006, 138), o que se espera com essa atividade é o desenvolvimento da "[...] competência discursiva escrita dos alunos através de um suporte legítimo para os seus textos". O jornal de sala de aula é apenas o veículo através do qual o educando poderá expor as suas ideias, desejos ou angústias. É, sobretudo, o canal em que o sujeito poderá interagir com os seus pares através da linguagem discursiva.

Neste capítulo, tratamos do jornal escolar desde a sua origem no início do século XX até a atualidade, destacando o seu uso como instrumento de ensino e aprendizagem com base, principalmente, na pedagogia de Freinet (1974) e na escola de Paulo Freire (1981; 2004), além de nos apoiarmos no trabalho em vários pesquisadores dessa mídia escolar. Por último, procuramos apresentar uma breve definição de alguns gêneros jornalísticos que podem ser encontrados nos jornais escolares. Portanto, com este capítulo finalizamos o quadro teórico que

fundamenta este nosso estudo. No próximo capítulo, informamos todos os passos como foi realizada esta pesquisa.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, fazemos uma descrição de como aconteceu a nossa pesquisa, começando pelo método adotado e as razões dessa escolha. Neste espaço trazemos um breve histórico da instituição onde foi feita a coleta de dados e também do nosso objeto de estudo. Apresentamos as três fases em que a nossa pesquisa foi realizada e, por último, o roteiro das perguntas que serviram de base para as entrevistas com os três grupos de entrevistados.

4.1 Metodologia usada na pesquisa

A metodologia adotada foi o estudo de caso, que, segundo Yin (2005, p. 28), ocorre quando “faz-se uma questão do tipo ‘como’ ou ‘por que’ sobre um conjunto contemporâneo de acontecimentos, sobre o qual o pesquisador tem pouco ou nenhum controle”. Por esta razão, esta pesquisa pretendia entender “como” e “por que” a produção de um jornal escolar interfere (ou não) na utilização de diferentes gêneros textuais por parte do aluno. Diante destas questões, entendeu-se que o estudo de caso seria a metodologia que melhor poderia explorar as fontes de evidências do projeto de pesquisa que resultou nesta dissertação.

4.2 Algumas informações sobre o local da pesquisa

A nossa pesquisa de campo aconteceu na Escola Municipal Professor Manoel Roldão das Neves²⁴, que está situada à margem da Estrada Geral da localidade de Três Riachos, na zona rural do município de Biguaçu, litoral do Estado de Santa Catarina. Essa instituição pertence à rede municipal de educação do referido município e foi fundada em 23 de março de 1956. Em 1978, a Prefeitura de Biguaçu juntamente com o governo do Estado de Santa Catarina construíram um novo prédio com uma área de 2000m², próximo à Igreja São João Batista, atendendo apenas alunos da 1ª à 4ª séries. A partir do ano de 1994 começou a funcionar a primeira turma de 5ª série e, em 1997, a escola foi autorizada a funcionar de 5ª a 8ª séries. Em junho de 2001, foi

²⁴ De agora em diante chamaremos apenas de “Escola Roldão”.

implantado o laboratório de informática e em 2003, a escola é ampliada com novas salas. De acordo com o Projeto Político Pedagógico –PPP da escola (ESCOLA ROLDÃO, 2010a), desde 2001, a Prefeitura de Biguaçu, através da Secretaria Municipal de Educação, distribui materiais escolares e uniformes para todos os alunos além de outros investimentos na escola.

Figura 1 – Fachada da Escola Roldão, onde foi realizada a pesquisa de campo²⁵.



Segundo um levantamento feito pela própria escola através das fichas de matrículas dos alunos, constatou-se que a maioria dos pais dos alunos são agricultores com escolaridade entre a 1ª e a 4ª série do ensino fundamental e pertencem à classe socioeconômica média baixa.

A Escola Roldão funciona nos turnos matutinos e vespertinos, atendendo, em 2011, um total 371 alunos, do pré-escolar à 8ª série do ensino fundamental, menos a 2ª série. A instituição dispõe de 28 servidores, sendo 01 (um) diretor, 18 professores titulares, 02 (dois) professores auxiliares de sala, 01(uma) orientadora educacional, 01 (uma) secretária, 01 (uma) bibliotecária, 02 (duas) merendeiras e 02 (duas) agentes de serviços gerais. A estrutura física da escola conta com

²⁵ Foto: arquivo da Escola Roldão.

08 (oito) salas de aula e uma biblioteca com um laboratório de informática na mesma sala. O serviço de acesso à internet está disponível apenas para a administração, a coordenação pedagógica e os professores da escola.

4.3 Algumas informações sobre o objeto da pesquisa

O tema de nossa pesquisa foi o jornal “Galera Roldão”. Esse jornal escolar foi criado no ano de 2006, por um grupo de educadores da Escola Roldão, no município de Biguaçu, Estado de Santa Catarina, com a finalidade principal de fazer dessa mídia um instrumento que pudesse servir para socializar os trabalhos produzidos pelos professores e alunos (ESCOLA ROLDÃO, 2010b). O projeto do jornal surgiu devido ao alto índice de reprovação na escola, tendo como alguns de seus objetivos: “Desenvolver o conhecimento da leitura e de escritura nos diferentes gêneros discursivos; Ler e escrever diferentes gêneros discursivos” (BIGUAÇU, 2008a, p. 78). Diante dessa constatação e dos objetivos estabelecidos, os educadores partiram para a execução do projeto do jornal, quando em novembro de 2006 foi publicada primeira edição do “Galera Roldão”. As edições posteriores ocorreram na seguinte ordem cronológica: maio de 2007, agosto de 2007, novembro de 2008, dezembro de 2009 e dezembro de 2010, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª edições respectivamente.

Os elaboradores do projeto do jornal “Galera Roldão” justificam que, com a proposta de criação de um jornal pelos alunos, “[...] espera-se fomentar [...] a interação entre diferentes sujeitos envolvidos no projeto”, pois segundo esses educadores, “[...] possibilitar a construção de um veículo de comunicação impresso é trazer o mundo para dentro da escola”. Esses educadores acreditam também que o jornal por si só possibilita aos educandos “[...] o acesso a diferentes linguagens e conhecimento, a diferentes leituras e visões de mundo” (ESCOLA ROLDÃO, 2010b, p. 3).

É importante ressaltar que, de acordo com o projeto, as atividades com o jornal escolar devem acontecer de modo interdisciplinar, envolvendo diretamente as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Artes e História. Nas disciplinas de Inglês e Espanhol, os alunos da 7ª série devem escrever um artigo em cada uma dessas línguas. Como podemos observar, embora sejam enfatizadas a leitura e a produção de diferentes gêneros discursivos, a produção de textos para o jornal “Galera Roldão” não está restrita apenas à disciplina de Língua Portuguesa. O foco maior dos elaboradores do projeto do jornal é a

interdisciplinaridade. Por esta razão, o jornal da Escola Roldão apresenta, em suas edições, trabalhos desenvolvidos pelos alunos sob a orientação de professores de várias disciplinas.

4.4 Procedimentos da pesquisa

Esta pesquisa foi executada em três procedimentos, os quais são detalhados nas seguintes subseções, a saber: 1) Pesquisa documental; 2) Identificação e análise dos gêneros textuais do jornal “Galera Roldão” e; 3) Entrevistas.

4.4.1 Primeiro procedimento: Pesquisa documental

A pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica do trabalho foi feita na Biblioteca Universitária da UFSC e na Biblioteca Universitária da Univali de Biguaçu. Foram realizadas também pesquisas em outras fontes, como: sites de divulgação de artigos acadêmicos e demais fontes de pesquisas disponíveis na internet, jornais, revistas, Projeto do jornal “Galera Roldão”, Projeto Político Pedagógico da Escola Roldão (PPP), relatos de professores da Escola Roldão e Escola Viegas, ambas do município de Biguaçu, Estado de Santa Catarina, além de outras fontes.

4.4.2 Segundo procedimento: Identificação e análise dos gêneros textuais do jornal “Galera Roldão”

A identificação dos gêneros textuais publicados nas seis edições do jornal escolar “Galera Roldão” foi explorada com base na teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin (1997) e na concepção de gêneros jornalísticos apresentada por autores como Melo (1985) e Lage (1998; 2001), cujo referencial teórico já foi apresentado nos capítulos 2 e 3 desta dissertação. Quanto à identificação da área ocupada por cada gênero encontrado no respectivo jornal, nos baseamos na análise morfológica segundo Melo (1972).

Como já mencionamos anteriormente, para o pensamento bakhtiniano, a função da língua é atender à necessidade do homem se comunicar, se expressar. O ouvinte/receptor não recebe a mensagem passivamente, mas ele interage concordando ou não com o seu emissor, de maneira parcial ou total. “Essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante”

(BAKHTIN, 1992, p. 271). É essa alternância dos sujeitos do discurso que estabelece os limites do enunciado como unidade de comunicação, “[...] que cria limites precisos do enunciado nos diversos campos da atividade humana e da vida, dependendo das diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação, é de natureza diferente e assume várias formas” (1992, p. 275). Bakhtin/Voloshinov (2006, p. 115) ressalta também que “[...] toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato que se dirige a alguém”. A palavra é “[...] o produto de interação do locutor e do ouvinte. [...] é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. [...] é o território comum do locutor e do interlocutor”.

Segundo Bentes (2008, p. 255), “a produção textual é uma *atividade interacional*, ou seja, os interlocutores estão obrigatoriamente, e de diversas maneiras, envolvidos no processo de construção e compreensão de um texto”. Portanto, quando alguém escreve ou fala, faz tal ação comunicativa com o objetivo de interagir com o seu interlocutor, seja ele real ou hipotético, e essa interação se dá através de enunciados que se materializam por meio de algum gênero do discurso.

Considerando que estamos trabalhando com gêneros de textos publicados em jornais, nesta fase, nos ancoramos também em autores como Melo (1985, p. 31), que no tocante à classificação dos gêneros jornalísticos, afirma, com base em Todorov (1980), que as “propriedades discursivas” são o ponto inicial para a descrição das características da mensagem em relação à sua forma, conteúdo e temática e para o avanço na “[...] análise das relações socioculturais (emissor/receptor) e político-econômicas (instituição jornalística/Estado/corporações mercantis/movimentos sociais) que permeiam a totalidade do jornalismo”. Portanto, essa nossa análise de dados não poderia deixar de se apoiar em tais estudos.

Nesta fase foram analisadas todas as seis edições do jornal “Galera Roldão”, com o objetivo de identificar, de um modo geral, quais os gêneros textuais/discursivos publicados, contabilizá-los e identificar quais os gêneros mais frequentes em cada publicação e os que ocupam maior espaço no jornal. As análises dos gêneros publicados em cada uma das seis edições do “Galera Roldão” estão representadas em gráficos e tabelas, de maneira quantitativa e qualitativa, como pode se verificar no capítulo “Análise dos Dados”.

4.4.3 Terceiro procedimento: Entrevistas

As entrevistas foram realizadas através da aplicação de questionários, entre os dias 14 de março e 10 de abril do ano de 2011. Neste procedimento foram realizadas entrevistas, pessoalmente e através de e-mail, com os cinco educadores que participaram diretamente do projeto do jornal na Escola Roldão, os quais são: o diretor da escola, o coordenador pedagógico, os dois professores de língua portuguesa e uma professora das séries iniciais. É importante informar que a Escola Roldão tem dois professores de língua portuguesa, sendo um efetivo e outro contratado a cada ano letivo. A professora contratada (em 2011) se prontificou em responder a entrevista porque participou das três primeiras edições do jornal “Galera Roldão” nos anos de 2006 e 2007.

Foram entrevistados também 10 alunos das duas turmas da 8ª série (7ª série em 2010) que participaram da produção de textos para 6ª edição do jornal “Galera Roldão”. Esse número de entrevistados corresponde a aproximadamente 16,7% dos alunos envolvidos no projeto em 2010, já que essas duas turmas tinham um total de 60 alunos. As turmas das 7ª séries, em 2010, tinham 29 e 31 alunos respectivamente, perfazendo um total de 60 alunos. Como a pesquisa foi realizada em 2011, no momento da coleta de dados os entrevistados estavam cursando a 8ª série.

Esses estudantes foram escolhidos aleatoriamente para responder o questionário. Foram entrevistados ainda duas funcionárias (merendeiras) e três pais de alunos da Escola Roldão.

O objetivo das entrevistas era investigar como professores e alunos realizavam o trabalho de produção textual para o jornal escolar, saber qual a repercussão social causada pelo “Galera Roldão”, entre outras questões que já citamos no capítulo introdutório desta dissertação.

As entrevistas foram pautadas na concepção de Gaskell (2008, p. 65), que defende que “a entrevista qualitativa, [...], fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre atores sociais e sua situação” e na concepção de Yin (2005, p. 118), que afirma que, “[...] no geral, as entrevistas constituem uma fonte essencial de evidências para os estudos de caso, já que a maioria delas trata de questões humanas”. As questões foram previamente estabelecidas, para que se tivesse um roteiro predeterminado, o qual Gaskell (2008, p. 66) chama de “tópico guia”, a fim de se evitar o desvio do tema pesquisado. No entanto, com base nas orientações do próprio Gaskell (2008), procuramos ser flexíveis com o tópico-guia, se caso, no momento da

entrevista, surgisse alguma pergunta pertinente ao tema e que pudesse contribuir para a coleta de dados. Por esta razão foi adotada a entrevista focada (YIN, 2005, p. 111).

As perguntas que serviram de roteiro para a entrevista realizada com os educadores que participaram do projeto do jornal da Escola Roldão foi a seguinte:

- 1) Quais os gêneros textuais que são trabalhados com os alunos na produção do “Galera Roldão”?
- 2) Como você incentivou os alunos na produção dos textos para o jornal escolar? Eles são orientados a produzir um determinado gênero textual ou essa escolha acontece espontaneamente?
- 3) Que estratégias os professores utilizam para motivar os alunos a produzirem diferentes gêneros textuais/discursivos?
- 4) De que maneira o projeto do jornal “Galera Roldão” tem contribuído para a produção de diferentes gêneros textuais pelos alunos? Comente sobre algum aspecto positivo, real, que se tem notado na produção escrita desses alunos desde que se implantou o projeto do jornal na Escola Roldão.
- 5) Qual a repercussão social que o jornal “Galera Roldão” tem provocado na comunidade? O que as pessoas de fora da escola têm comentado a respeito do projeto do jornal escolar?

Para a entrevista com os alunos participantes do projeto do jornal “Galera Roldão”, utilizamos como roteiro as seguintes perguntas:

- 1) Que “tipos” de textos²⁶ de jornais que você conhece?

²⁶ Temos ciência de que a expressão “tipos de textos” se refere à tipologia textual (narração, descrição, exposição, argumentação e injunção) discutida por KOCK & FÁVERO (1985), MARCUSCHI (2002) e outros autores; no entanto, esse termo foi usado na questão dirigida aos alunos para se referir à variedade de textos com o objetivo de facilitar a compreensão desses entrevistados, pois acreditávamos que as expressões “gêneros textuais” e “gêneros discursivos” poderiam não ser conhecidas para esses alunos.

- 2) Como você e seus colegas de turma foram orientados a escrever os textos para o jornal “Galera Roldão”? Comente como foi realizada a escrita desses textos.
- 3) Para você, como é escrever um texto que será publicado no jornal “Galera Roldão”?
- 4) Quem você imagina que irá ler o seu texto quando está escrevendo para o “Galera Roldão”? Você se preocupa se essas pessoas vão entender o seu texto?
- 5) De que maneira a produção do “Galera Roldão” incentivou você a gostar mais de escrever e produzir textos melhores?
- 6) O que as pessoas que não fazem parte Escola Roldão acham do jornal escrito por vocês? Que comentários você ouviu dessas pessoas sobre o “Galera Roldão”?
- 7) Além da produção de textos, o que você acha interessante no trabalho com produção do jornal na escola?

Como já anunciamos antes, realizamos também uma entrevista com duas merendeiras e três pais (duas mães e um pai) de alunos que participaram do projeto do jornal na Escola Roldão. O objetivo dessa última entrevista era identificar como as pessoas de fora do projeto do jornal viam o “Galera Roldão”. A seguir, apresentamos as três questões que foram usadas nessa última fase das entrevistas.

- 1) Qual a importância do jornal da Escola Roldão para você e a sua comunidade?
- 2) O que você espera encontrar em um jornal escrito por alunos e professores, como o jornal “Galera Roldão”?
- 3) Que comentários positivos e/ou negativos que você ouviu das pessoas de sua região sobre o jornal “Galera Roldão”?

Embora as entrevistas tenham sido realizadas entre a primeira quinzena de março e o início de abril de 2011, a nossa pesquisa de campo iniciou-se no final do segundo semestre de 2009, quando fizemos as primeiras visitas à Escola Roldão e manifestamos o interesse de fazermos um estudo com o seu jornal escolar. Depois continuamos

mantendo contatos por telefone, por e-mail e pessoalmente (quando encontrávamos o diretor da escola na cidade de Biguaçu) enquanto aguardávamos a publicação da 6ª edição do jornal “Galera Roldão” para incluí-la em nosso estudo. Em dezembro de 2010 fizemos outra visita à escola para coletarmos essa última edição do jornal e o PPP da Escola Roldão. Portanto, a nossa pesquisa de campo não se limitou apenas à aplicação dos questionários aos grupos de entrevistados, mas contemplou todo o processo de contatos para coleta de informações iniciado desde o final do ano de 2009, como já esclarecemos neste parágrafo.

Durante todo o período da pesquisa de campo contamos com o apoio da Escola Roldão, especialmente do diretor e do coordenador pedagógico da época (2009-2010), os quais se mostraram muito interessados no o estudo feito sobre o jornal da escola. Vale ressaltar também a contribuição valiosa dos professores entrevistados, das merendeiras, da secretária, da bibliotecária da escola e dos alunos entrevistados, pois em todos os momentos foram bem participativos tanto nas entrevistas como no fornecimento de dados da referida instituição de ensino e do seu jornal.

Através dessa facilidade de acesso às informações sobre a escola e o jornal “Galera Roldão” foi possível conhecer as três primeiras edições originais desse jornal – disponíveis apenas na biblioteca – e adquirir cópias desses exemplares, além dos exemplares originais das três últimas publicações, entre outras informações que julgávamos necessárias à nossa pesquisa. Todo esse material foi indispensável para a nossa análise, a qual descreveremos a seguir, juntamente com a pesquisa empírica no capítulo “Análise dos dados”.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo apresenta a análise dos dados coletados durante a pesquisa, especialmente na segunda e terceira fases. Na primeira parte deste capítulo, estudamos as seis publicações do “Galera Roldão”, processo no qual foram identificados os gêneros textuais presentes em cada edição desse jornal e, na segunda, analisamos os dados coletados na pesquisa de campo. Na sequência, detalhamos a nossa análise dos dados.

5.1 Análise das edições do jornal “Galera Roldão”

Neste espaço, apresentamos o trabalho de identificação, contagem e análise dos gêneros textuais/discursivos encontrados nas seis edições do jornal “Galera Roldão”, publicadas entre novembro de 2006 e dezembro de 2010. A análise de cada edição do jornal se encontra em subseções específicas compostas por uma figura da capa dessa publicação, um quadro com os títulos dos textos publicados no jornal e dois gráficos – sendo que o primeiro indica a quantidade de cada gênero de texto e o segundo, a porcentagem da área ocupada por esses gêneros –, seguidos por descrições das respectivas publicações.

5.1.1 Análise da Primeira Edição

Nesta subseção apresentamos a nossa análise da primeira edição do “Galera Roldão”.

Figura 2 – Capa da 1ª edição do “Galera Roldão” – Data: 14/11/2006; Formato: tamanho A4 (21 x 29,7 cm); Total de páginas: 10; Tiragem: não informada.



Os gêneros de textos que compõem esta edição estão discriminados no Quadro 1 – que é uma síntese dos textos encontrados no jornal analisado – e representados através dos gráficos 1.1 e 1.2.

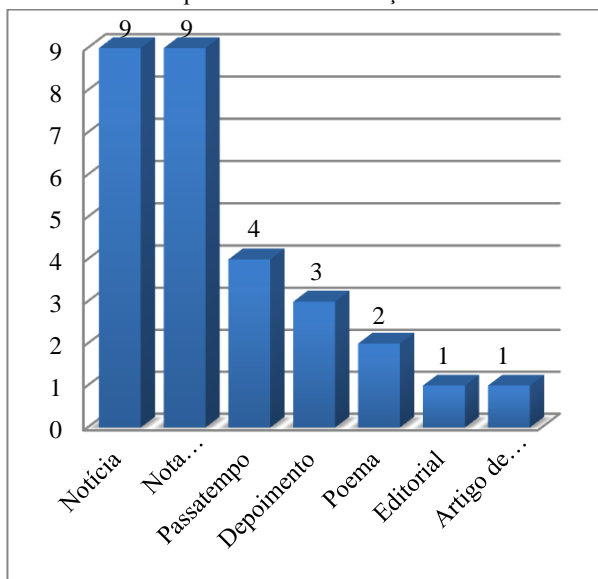
Quadro 1 – Títulos dos textos publicados na 1ª edição do “Galera Roldão”.

GÊNERO TEXTUAL	TÍTULO	ÁREA IMPRESSA (cm ²)
Editorial	Editorial	4,1%
Depoimento	Em movimento	0,9%
	Matemática e a leitura	1,0%
	Os Rebeldes	2,0%
Notícia	Ensinando valores, formando cidadãos	4,5%
	Valorizando o Patrimônio	5,7%
	Copa do Mundo 2006	5,3%
	Matemática e o teatro	5,7%
Notícia	História em Quadrinhos	6,1%
	Ciências – Fungos	5,3%
	Brincando com a imaginação	5,9%
	Conhecendo meu corpo	5,2%
	Ação e Leitura	8,0%
Nota informativa	Para sacudir e envolver toda a galera	3,5%
	Espanhol – Vocabulário	1,9%
	Formandos 2006 8ª Série	3,1%
	Moleque bom de bola	2,4%
	Jornal em Inglês	1,7%
	Horta na escola	2,4%
	Dia das crianças	2,7%
	Dança na escola	2,0%
7 de setembro	2,4%	
Artigo de opinião	Papo da Galera	3,5%
Passatempo	Jogo dos 7 erros	2,0%
	Wordsquare	3,1%

Passatempo	Passatempo	2,0%
	O quadrado e as vaquinhas	3,5%
Poema	Amar é...	1,7%
	Funk da Natureza	2,4%

O jornal “Galera Roldão” teve a sua 1ª edição²⁷ publicada no dia 14 de novembro de 2006. O formato desta edição, assim como as outras duas seguintes (2ª e 3ª) estão no tamanho A4 (21 x 29,7 cm). Na capa, como pode se observar na Figura 2, temos uma chamada principal numa coluna seguida de outra com menos destaque e mais cinco chamadas menores em outra coluna referente às seções internas. O jornal está estruturado em seis seções, sendo elas: *Editorial*, *Fala Professor*, *O que rolou no ano*, *Tem tudo a ver*, *Passatempo* e *Variedades*. Nessas seções encontramos gêneros textuais como *editorial*, *depoimento*, *notícia*, *nota informativa*, *poema*, *artigo de opinião* e *passatempo*.

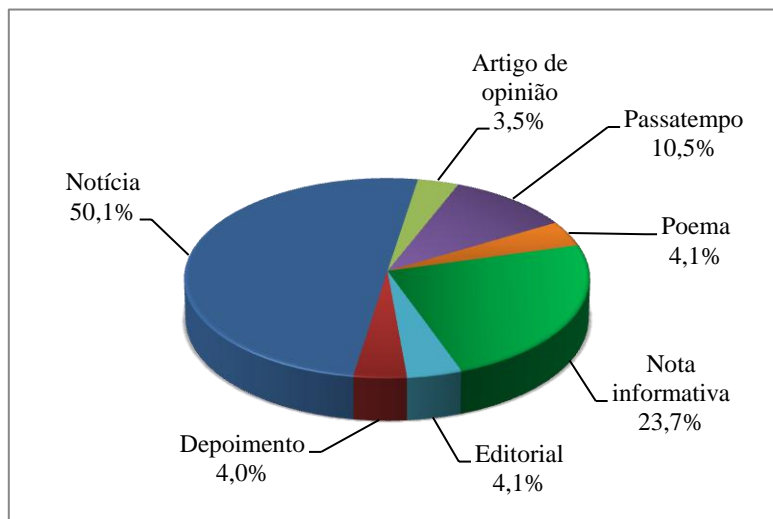
Gráfico 1.1 – Gêneros textuais publicados na 1ª edição do “Galera Roldão”.



²⁷ Não foi possível obter informações sobre a tiragem da 1ª, 2ª e 3ª edições.

Conforme a representação do Gráfico 1.1, observa-se que dos 29 textos publicados na 1ª edição, 18 deles são textos informativos (*notícia* 9; *nota informativa* 9), correspondendo a 2/3 de todos os gêneros publicados no jornal da Escola Roldão, restando apenas 1/3 para os gêneros opinativos (*editorial*, *artigo de opinião* e *depoimento*) e os gêneros de entretenimento (*passatempo* e *poemas*).

Gráfico 1.2 – Espaço ocupado por cada gênero de texto na 1ª edição do “Galera Roldão”.

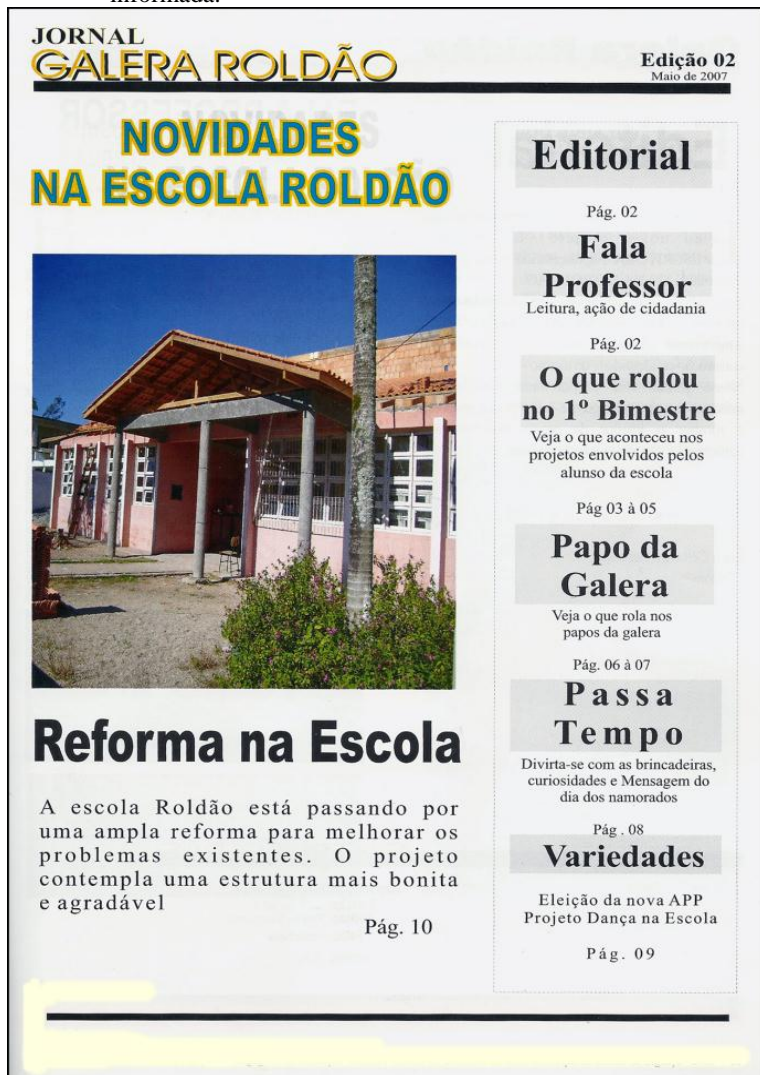


Ao analisar a área impressa ocupada por cada um dos gêneros publicados na 1ª edição do “Galera Roldão”, pode se perceber que 73,8% do espaço do jornal foi dedicado aos textos informativos (*notícia* e *nota informativa*), enquanto que os textos opinativos (*editorial*, *artigo de opinião* e *depoimento*) ocuparam apenas 11,6%. Os textos dos gênero *passatempo* e *poemas* ocuparam 14,6% do espaço impresso do jornal.

5.1.2 Análise da Segunda Edição

Na sequência, fazemos a análise da segunda edição do “Galera Roldão”.

Figura 3 – Capa da 2ª edição do “Galera Roldão” – Data: Maio/2007; Formato: tamanho A4 (21 x 29,7 cm); Total de páginas: 10; Tiragem: não informada.



Os textos publicados nesta edição estão discriminados no Quadro 2, como pode se conferir a seguir, e representados através dos gráficos 2.1 e 2.2.

Quadro 2 – Títulos dos textos publicados na 2ª edição do “Galera Roldão”.

GÊNERO TEXTUAL	TÍTULO	ÁREA IMPRESSA (cm ²)
Editorial	Editorial	3,7%
Artigo de opinião	Leitura no processo de alfabetização	4,3%
	Juventude e liberdade	7,4%
Notícia	Aquecimento global e suas consequências	6,3%
	Conhecendo mais um gênero literário: “POEMAS” ²⁸	12,3%
	Construindo a identidade da Turma	12,8%
	Aprendendo o aquecimento global em Inglês	6,0%
	Moleque Bom de Bola FEMININO	6,0%
	Eleição da Nova APP	4,4%
	Reforma da Escola	9,6%
Nota informativa	Dança na escola	5,8%
	Formandos 8ª série 2007	3,4%
Passatempo	Caça-palavras	3,1%
	Jogo dos 7 erros	2,8%
Poema	Funk da vida	7,4%
	12 de Junho Dia dos Namorados – Soneto de Fidelidade, Vinícius de Moraes	4,7%

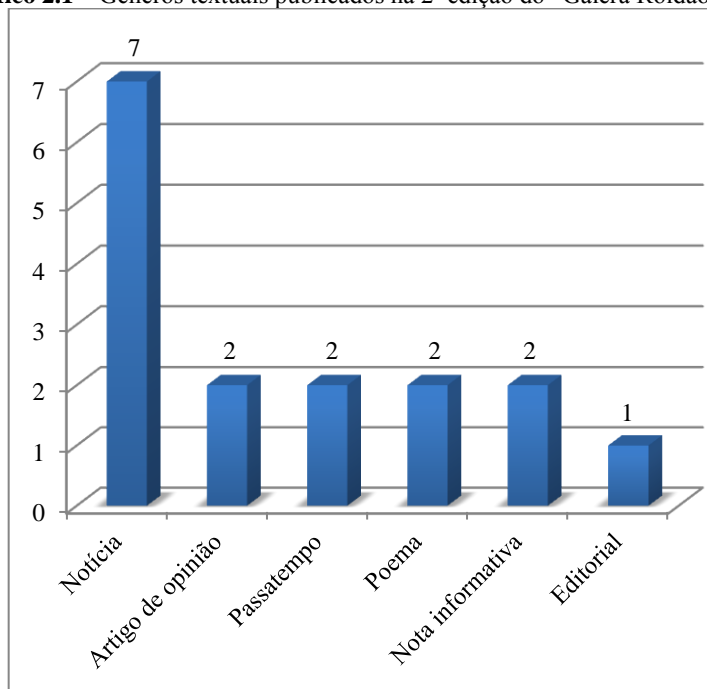
A estrutura desta edição segue o mesmo padrão da edição anterior, tanto nas chamadas da capa²⁹ como as seções do interior do jornal. As seções da 2ª edição são: *Editorial, Fala Professor, O que*

²⁸ Dentro deste gênero notícia há três poemas escritos pelos alunos.

²⁹ Conferir a Figura 3 nesta subseção.

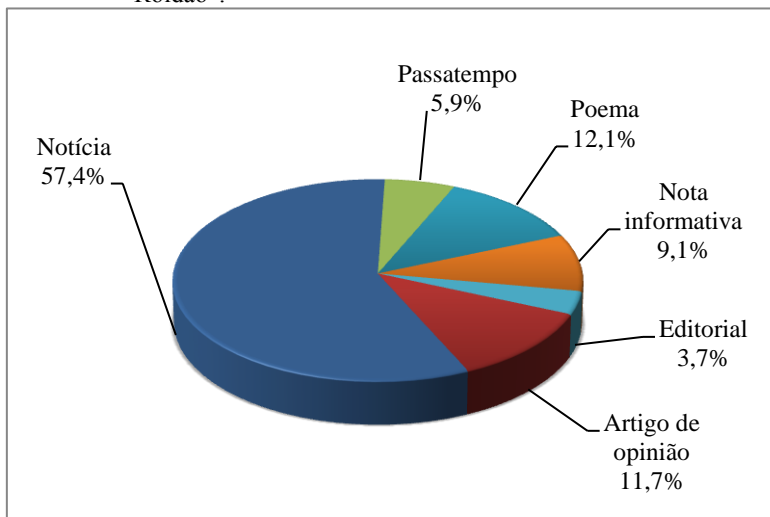
rolou no 1º Bimestre, *Tem Tudo a Ver*, *Passatempo* e *Variedades*. Os gêneros textuais publicados nesta edição são basicamente os mesmos da anterior, diferenciando apenas na quantidade desses gêneros, como pode se comparar no gráfico a seguir.

Gráfico 2.1 – Gêneros textuais publicados na 2ª edição do “Galera Roldão”



De acordo com a análise quantitativa apresentada no Gráfico 2.1, percebe-se que na 2ª edição do “Galera Roldão” foram publicados 16 textos de seis diferentes gêneros textuais. Nesta edição destaca-se o gênero *notícia* correspondendo a quase metade de todos os textos publicados no jornal.

Gráfico 2.2 – Espaço ocupado por cada gênero de texto na 2ª edição do “Galera Roldão”.



Quanto ao espaço ocupado por cada gênero na 2ª edição do “Galera Roldão”, nota-se uma certa semelhança com a edição anterior, pois os textos informativos (*notícia* e *nota informativa*) correspondem a 66,5%, os de entretenimento (*passatempo* e *poema*), 18% e os opinativos (*editorial* e *artigo de opinião*), 15,4%.

5.1.3 Análise da Terceira Edição

Neste espaço fazemos a análise da 3ª edição do jornal da Escola Roldão.

Figura 4 – Capa da 3ª edição do “Galera Roldão” – Data: 31/08/2007; Formato: tamanho A4 (21 x 29,7 cm); Total de páginas: 17; Tiragem: não informada.

The image shows the front cover of the school newspaper 'Galera Roldão'. At the top, it features the title 'Jornal GALERA ROLDÃO' in large, stylized letters, with 'Edição 03' and 'Informativo bimestral da Escola Professor Manoel Roldão' below it. The date '31 de Agosto de 2007' is printed in the top right corner. The main headline is 'O PLANETA QUE NOS QUEREMOS' (The Planet We Want), accompanied by a graphic of a globe being held by two hands. To the right of the globe are icons for recycling: Metal, Papel (Paper), Plástico (Plastic), and Vidro (Glass). Below the headline, there are several article teasers in boxes with red headers: 'Professor Pardal' (Págs. 11-12), 'Tem tudo a ver!' (Pág. 11), 'Na real' (Pág. 15), and 'Varinha Mágica?' (Pág. 10). On the right side, there is a vertical column of section headers: 'Editorial' (Pág. 02), 'Fala Professor' (Reciclagem! Pág. 02), 'O que rolou no ano' (Veja o que aconteceu nos projetos desenvolvidos pelos alunos da escola Pág. 03), 'Jogo Jogue Limpo' (Divirta-se com o jogo de trilha Jogue Limpo. Encarte), 'Flagras' (Momentos alegres da Galera Roldão. Pág. 14), 'Variedades' (Prefeito faz entrega do kit escolar. Pág. 11), and 'Passa Tempo' (Divirta-se com as brincadeiras, curiosidades e jogos. Pág. 09). At the bottom right, there is a cartoon baby crawling with the text 'Que Flagra!!' and speech bubbles saying 'Ei Ei El...'.

Jornal GALERA ROLDÃO
Edição 03
Informativo bimestral da Escola Professor Manoel Roldão
31 de Agosto de 2007

O PLANETA QUE NOS QUEREMOS

Jornal “ Galera Roldão” recebe novo visual, mostrando a comunidade que estamos tentando fazer mudanças para melhor informar a comunidade. Não deixe de conferir as novidades que aqui estão postas. Para termos um mundo melhor, é necessário que haja uma mudança e o comportamento imediato, a Preservação Ambiental é de uma importância tal que transcende o que muita gente pensa.

Não se resume aos cuidados que se devam ter com as plantas e os animais, é muito mais que isso. Para isso são muitos os casos de mudança de hábito da sociedade.

Professor Pardal
Faça um folheto com caixa de papelão, areia e muita criatividade, confira na seção do professor pardal e se divirta.
Pág 12

Tem tudo a ver!
Meloque Bom de bola. Confira a matéria sobre as vitórias das nossas meninas. Consideradas as melhores jogadoras da região.
Pág 11

Na real
A reciclagem e o tema que mais se destaca nas discussões sobre meio ambiente, veja o artigo completo sobre os três Rs e use o conhecimento adquirido para se divertir com um jogo de trilha.
Pág 15

Varinha MÁGICA?
Exito mesmo mágica para aprender algumas coisas? Confira alguns segredos para você se dar bem na escola.
Pág 10

Editorial
Pág 02

Fala Professor
Reciclagem!
Pág 02

O que rolou no ano
Veja o que aconteceu nos projetos desenvolvidos pelos alunos da escola
Pág 03

Jogo Jogue Limpo
Divirta-se com o jogo de trilha Jogue Limpo.
Encarte

Flagras
Momentos alegres da Galera Roldão.
Pág 14

Variedades
Prefeito faz entrega do kit escolar.
Pág 11

Passa Tempo
Divirta-se com as brincadeiras, curiosidades e jogos.
Pág 09

Que Flagra!!
Ei Ei El...
Ei Ei El...

Nesta subseção, apresentamos no Quadro 3 todos os textos publicados na 3ª edição. Outras informações como quantidade de gêneros publicados e áreas ocupadas em cada publicação estão representadas nos gráficos 3.1 e 3.2.

Quadro 3 – Títulos dos textos publicados na 3ª edição do “Galera Roldão”.

GÊNERO TEXTUAL	TÍTULO	ÁREA IMPRESSA (cm ²)
Editorial	O planeta que nós queremos	3,3%
	Editorial	3,2%
Artigo de opinião	Reciclagem!	1,9%
Notícia	Preservação do meio ambiente	7,0%
	Pan Rio 2007 e meio ambiente	7,3%
	Jogos interséries	3,8%
	Brinquedos com sucatas	3,9%
	Fábulas – 3ª Séries I e II	7,5%
	Consciência ambiental - reciclagem	8,0%
	Inclusão social e meio ambiente	3,7%
	Meio ambiente e os animais	3,1%
	Moleque bom de bola	2,9%
	Prefeito entrega uniformes	2,4%
Nota informativa	Julho – Mês de festa	1,6%
	Consultoria	1,3%
Passatempo	Arca do tesouro	1,9%
	Pinte o 7	1,9%
	Jogo dos 7 erros	1,5%
Adivinhas	O que é o que é?	0,7%
	O que é o que é?	0,4%
Piadas	Piada do Português	0,5%
Nota de serviços	Português	1,6%
	Qual é forma correta	1,2%
	Matemática – Frações descomplicada	2,3%
	Matemática – Cálculos rápidos	1,8%
Receita	Professor Pardal	16,8%
Reportagem	Reciclagem: Grande ideia ³⁰	8,5%

³⁰ Texto retirado da *web*.

Nesta edição, embora a capa³¹ apresente uma estrutura semelhante a das anteriores, assim como as seções internas, o jornal apresenta uma evolução em termos de visual (estética, *design* gráfico). Porém, destacamos que essa questão não depende exclusivamente dos alunos envolvidos na produção do jornal, mas também de quem faz a diagramação³², da qualidade da impressão, além de outros fatores que podem influenciar na fase final do trabalho.

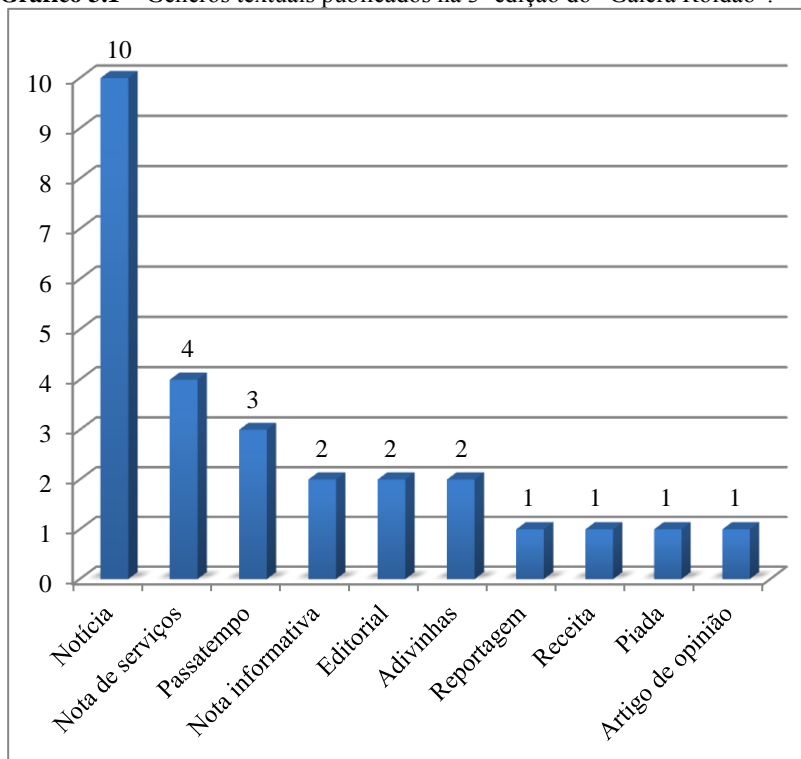
Quanto ao número de páginas, houve uma grande ampliação, passando de dez para dezessete páginas em relação às duas edições anteriores, aumentando assim a possibilidade de se publicar mais textos no jornal. No entanto, algumas páginas foram preenchidas apenas com fotos³³ e legendas, além de um texto copiado da *internet* – que identificamos como *reportagem* – cujo espaço poderia ter sido ocupado por textos produzidos pelos próprios alunos.

A 3ª edição do jornal “Galera Roldão” está estruturada em onze seções, as quais são: *Editorial, Fala Professor, O que rolou no 2º Bimestre, Tem Tudo a Ver!, Passatempo, Varinha Mágica, Variedades, Professor Pardal, Flagras Roldão, Na Real, e Jogue Limpo*. Os gêneros textuais encontrados nessas seções são: *editorial, artigo de opinião, notícia, nota informativa, passatempo, adivinhas, piadas, nota de serviços, receita e reportagem*.

³¹ Veja a Figura 4 nesta subseção.

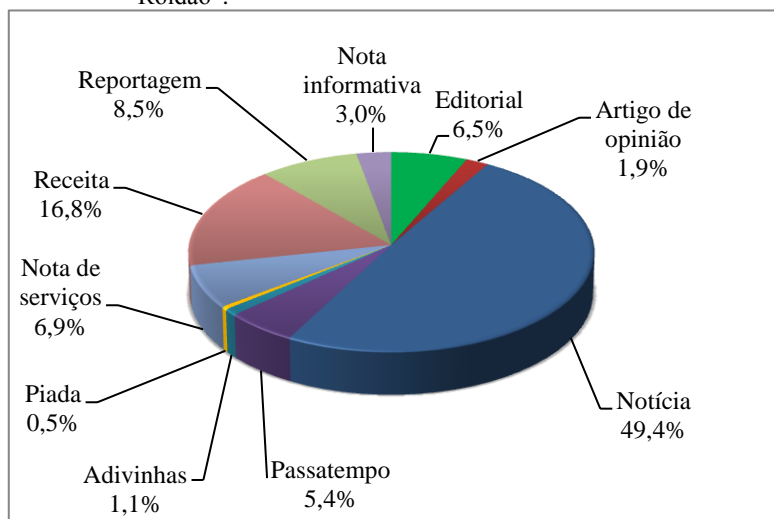
³² A diagramação das três primeiras edições do “Galera Roldão” foi feita pelos professores da própria escola.

³³ Não estamos nos posicionando contrário ao uso de fotos nesse tipo de mídia, apenas esperávamos que fosse priorizado mais a publicação de textos escritos pelos alunos.

Gráfico 3.1 – Gêneros textuais publicados na 3ª edição do “Galera Roldão”.

De acordo com as informações no Gráfico 3.1, foram publicados 27 textos de 10 diferentes gêneros textuais na 3ª edição do “Galera Roldão”. Mais uma vez, destaca-se o gênero *notícia* com mais de 1/3 de todos os textos publicados.

Gráfico 3.2 – Espaço ocupado por cada gênero de texto na 3ª edição do “Galera Roldão”.



Em relação ao espaço ocupado por cada gênero textual/discursivo na 3ª edição do jornal da Escola Roldão, observa-se que os gêneros informativos (*notícia*, *reportagem*, *nota de serviços* e *nota informativa*) ocupam 67,8%, os gêneros de entretenimento (*passatempo*, *receita*³⁴, *adivinhas* e *piada*), 23,8% e os opinativos (*editorial* e *artigo de opinião*), 8,4%.

³⁴ O gênero *receita* encontrado no “Galera Roldão” está relacionado mais ao entretenimento do que a outro gênero, já que se trata de atividades recreativas.

5.1.4 Análise da Quarta Edição

Nesta subseção tratamos da análise da 4ª edição do jornal da Escola Roldão. Apresentamos a sua estrutura, os gêneros textuais encontrados e algumas diferenças em relação às publicações anteriores.

Figura 5 – Capa da 4ª edição do “Galera Roldão” – Data: Novembro/2008; Formato: tablóide (28,2 x 34,1 cm); Mancha gráfica: 22,4 x 30,5 cm; Total de páginas: 4; Tiragem: 2000 exemplares.

Jornal Galera Roldão

4ª Edição
Novembro/2008

Reforma da Escola



Foi através do orçamento participativo que a comunidade solicitou a reforma da escola. O engenheiro e a empresa que ganhou a licitação foram contratados pela prefeitura, o Secretário da Educação. A reforma começou em fevereiro de 2007 e terminou em fevereiro de 2008.

A escola, esta hoje, atendendo a necessidade da comunidade conforme licitação. Ela é agora um ambiente mais prazeroso, bonito e tranquilo.

Danielle Martins Eizício, Turma 7ª I.



A Árvore da Sabedoria

Como definir o que é o bem geral? Esse trabalho de religião proposto pela Profª Isabel de definir o que é bem, não no sentido individual mas no coletivo reconhecendo a importância da tomada de consciência para desenvolvimento, a autonomia e a autoconfiança.

O objetivo da árvore da sabedoria foi mostrar os temas trabalhados em sala de aula de forma lúdica e concreta.

As mãos que deram lugar as folhas significam que estamos sempre de mãos abertas para receber o outro, respeitando a igualdade de cada um.

“Aprendi que o respeito de agora é o nosso espelho do futuro. O que a gente aprende agora levamos para o resto de nossas vidas”. Diz a aluna Milena 5ª I.

A sabedoria esta na união de todos para um mundo melhor. Ideias e experiências compartilhadas entre as turmas levou a atitudes de sabedoria, diálogo e justiça.

Welson de Campos, Gabriel N. Vicente, Jefferson L. de Aguiar, Leandro Alves, Turma 7ª I.

Cinema na Escola



Cinema na escola é um projeto que a profª Andréia D. Casarin realizou com as 7ª séries.

“Partiu de um curso, onde aprendi a realizar trabalhos que criam a ilusão do movimento (como o Fenacoscópio e o Taumatógrófo), bem como utilizar os recursos digitais para produzir um vídeo curta metragem com fotos (Stop motion)”. Relata a professora Andréia.

Assim, nós alunos da 7ª série conhecemos a linguagem do cinema e algumas técnicas de fundamental importância para o desenvolvimento de nossas capacidades e potencialidades, bem como o conhecimento e expressão. Foi bem interessante, pois envolveu recursos digitais

(computadores e máquinas digitais). A maior dificuldade que a profª encontrou foi fazer com que todos trouxessem o material necessário para dar continuidade ao trabalho, em todas as aulas.

“Alguns grupos até surpreenderam e inovaram, utilizando novos programas que eu nem conhecia”. Diz a profª Andréia.

Para concluir foi realizado uma sessão de cinema onde apresentamos todos os trabalhos.

Cibely A. Jacob, Zekina G. Farias, Maria Eduarda R. Francisco, Turma 7ª I.

Paisagens Rurais e Urbanas

O professor Joel (geografia) trabalhou paisagens rurais e urbanas para mostrar aos alunos a diferença entre as diferentes paisagens e os problemas que as afetam.

Os alunos fizeram trabalhos de colagem mostrando as paisagens rurais e urbanas bem como os problemas encontrados.

“Foi importante abordar o assunto, pois eles tiveram a oportunidade de diferenciar as duas paisagens e os problemas existente nelas tais como: agrícolas, queimadas, favelas e a poluição”. Comenta o Profª Joel.

Com a ajuda da profª Andréia (artes) foram feitas historias em quadrinhos para ilustrar os problemas das paisagens Rurais e Urbanas.

Jair Alexandre, Mateus Paris, Gustavo, Turma 7ª I.

foram à Paris, na França, acompanhadas da profª Andréia D. Casarin e da Secretária de Educação Zulmara L. Gessar. A viagem ocorreu no dia 11 de junho, elas conheceram o museu de Louvre e a Torre Eiffel, elas voltaram muito felizes com a experiência.

Jorge Fernando Alves Turma 7ª I.



Olimpiada de Língua Portuguesa - Escrevendo o Futuro

Com o tema “O lugar onde vivo”, a Olimpíada valoriza a interação dos alunos com a realidade em que vivem, resgata histórias, estreita vínculos com a comunidade e aprofunda o conhecimento sobre o lugar. A Olimpíada acontece em nível nacional e a aluna Bruna 7ª série I representou o Estado de Santa Catarina na etapa estadual, ela contou com a ajuda a professora Regiane e do senhor Jacob João de Andrade que concedeu uma entrevista para os alunos contando como era Três Riachos antigamente.

Edilaine dos alunos das séries 7ª I e 7ª I, Ingridiane, Daliza Diniz Casarin, Turmas. Tiragem: 2000 exemplares. Fotos: arquivo da escola. Diagramação: Jaqueli Spackler Nye. Agradecimentos aos professores (as), à direção, aos servidores e aos alunos.

1

No Quadro 4 encontramos os títulos dos textos desta edição e os gráficos 4.1 e 4.2, que tratam da quantidade dos gêneros publicados e da área ocupada no jornal, respectivamente.

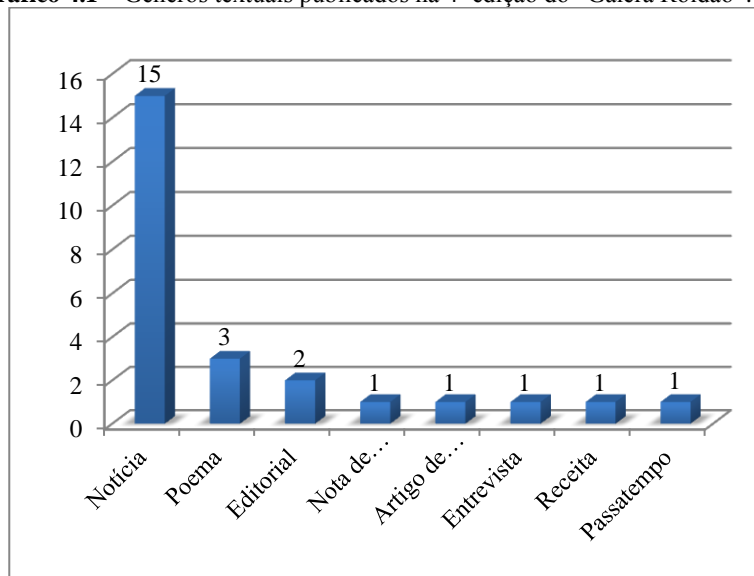
Quadro 4 – Títulos dos textos publicados na 4ª edição do “Galera Roldão”.

GÊNERO TEXTUAL	TÍTULO	ÁREA IMPRESSA (cm ²)
Notícia	Reforma da Escola	3,5%
	A Árvore da Sabedoria	5,3%
	Cinema na Escola	5,8%
	Paisagens Rurais e Urbanas	3,1%
	Concurso Proactiva	2,4%
	Olimpíada de Língua Portuguesa – Escrevendo o Futuro	2,5%
	Formandos 8ª série/2008	3,2%
	Reciclagem	3,6%
	DST	3,5%
	Folclore	3,1%
	Máscaras	4,4%
	Teatro de Varas	5,6%
	Literatura Infantil	3,5%
	Projeto Rapunzel	4,5%
Matemática concreta	3,6%	
Editorial	Editorial	3,2%
	Escrita dos Alunos	3,5%
Nota de serviços	Informes Especiais	4,5%
Artigo de opinião	Quadra de esportes do Roldão. Que problema sério!	5,2%
Entrevista	Entrevista com a nutricionista Camila Elizandra Rossi	8,0%
Receita	Origamis	8,1%
Poema	Por você!	1,6%

Poema	A mentira	2,0%
	Narrativa Poética – Indiana Jones	3,4%
Passatempo	Sudoku	2,9%

A 4ª edição foi apresentada totalmente reestruturada. O número de páginas foi reduzido para quatro, porém, no tamanho semelhante ao do formato *tablóide*³⁵. A capa³⁶, em vez de apresentar chamadas das seções internas, já inicia com vários textos. Nesta edição aparecem apenas duas pequenas seções na última página: *Varal literário* e *Passatempo*. Já os gêneros textuais encontrados no jornal são: *notícia, editorial, nota de serviços, artigo de opinião, entrevista, poemas e passatempo*. No entanto, o que mais merece destaque nesta edição é que dos 24 textos publicados, 18 deles estão assinados pelos próprios alunos, o que não ocorria nas três edições anteriores.

Gráfico 4.1 – Gêneros textuais publicados na 4ª edição do “Galera Roldão”.

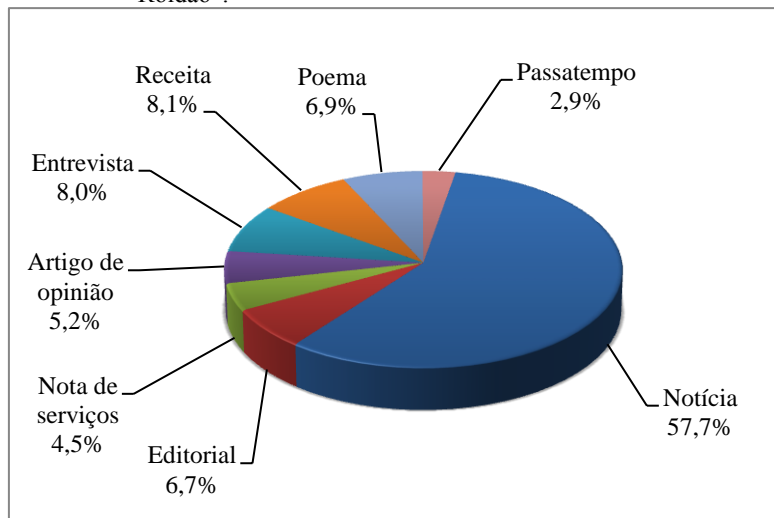


³⁵ Formato *tablóide*: 27,94 x 43,18 cm.

³⁶ Conferir na Figura 5.

Na 4ª edição foram publicados 25 textos de oito diferentes gêneros textuais. Como nas edições anteriores, o gênero *notícia* representa mais da metade dos textos publicados nesta edição. O segundo colocado, o gênero *poema* representa apenas quatro textos.

Gráfico 4.2 – Espaço ocupado por cada gênero de texto na 4ª edição do “Galera Roldão”.



Os dados do Gráfico 4.2 apontam que na 4ª edição do “Galera Roldão” os textos informativos (*notícia*, *entrevista* e *nota de serviços*) ocupam 70,2% do espaço do jornal, os de entretenimento (*receita*, *poema* e *passatempo*) representam 17,9% e opinativos (*editorial* e *artigo de opinião*), 11,9%.

5.1.5 Análise da Quinta Edição

Dando continuidade ao nosso estudo, apresentamos neste espaço a análise da 5ª edição do jornal “Galera Roldão”.

Figura 6 – Capa da 5ª edição do “Galera Roldão” – Data: dezembro/2009; Formato: tablóide (29,0 x 38,2 cm); Mancha gráfica: 26,0 x 36,2 cm; Total de páginas: 4; Tiragem: 1500 exemplares.



Os textos desta publicação estão discriminados no Quadro 5 e as análises relacionadas à quantidade de gêneros e à área ocupada no jornal estão representados nos gráficos 5.1 e 5.2.

Quadro 5 – Títulos dos textos publicados na 5ª edição do “Galera Roldão”.

GÊNERO TEXTUAL	TÍTULO	ÁREA IMPRESSA (cm ²)
Editorial	Editorial	2,8%
	Editorial dos Alunos	2,0%
Notícia	Sustentabilidade, uma atitude inteligente (capa)	23,4%
	Projetos e atividades de destaque	20,2%
	Biblioteca Escolar Novos Horizontes	9,1%
	8ª Série a toda	5,7%
	Dramatização teatral aprendizagem significativa	11,3%
Entrevista	Merenda é coisa de profissional	9,3%
Artigo de opinião	Novamente a Quadra de Esportes	5,1%
Enquete	O gosto musical da galera do Roldão	3,4%
Piada	Piada	0,7%
Passatempo	Sudoku ³⁷	2,4%
Poema	Esperança	1,2%
	Morrendo de Amor	1,8%
	Os pássaros	1,6%

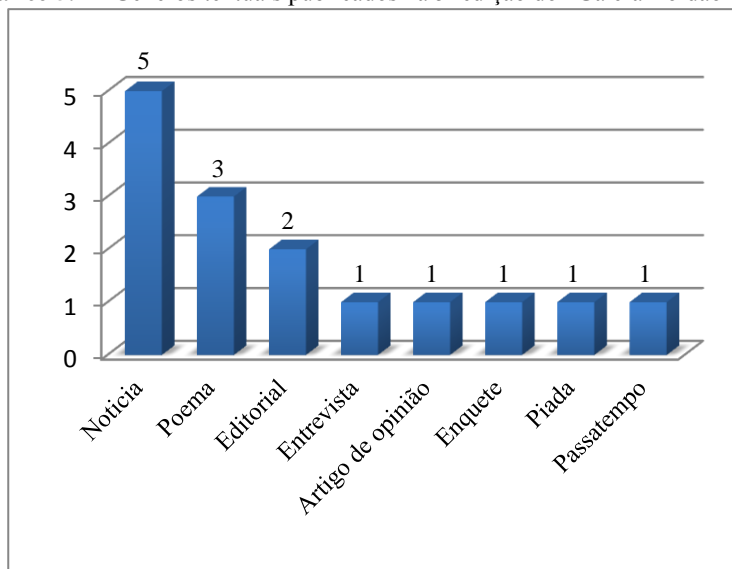
Esta publicação tem um *design* semelhante ao da edição anterior, pois usa o formato *tablóide*, tem apenas quatro páginas, não tem divisão em seções e nem chamadas na capa. Os gêneros textuais, *notícia*, *editorial*, *entrevista*, *artigo de opinião*, *passatempo*, *poema*, *piada* e

³⁷ Reprodução da escrita de acordo com a que estava no jornal.

enquete são basicamente os mesmos das edições anteriores, exceto os dois últimos gêneros. Vale mencionar que esta edição se destaca em relação às anteriores por apresentar a capa³⁸ com um visual bem colorido e estampado com várias fotografias, porém, somente esta e a última página são coloridas, além do mais, os textos assinados pelos alunos são apenas a *entrevista* e os *poemas*³⁹. No entanto, vale ressaltar que a existência do texto “Editorial dos alunos” diferenciando do texto “Editorial”, como pode se observar no Quadro 5, marca bem que o jornal é dos alunos.

Nesta edição, foi usado apenas o nome genérico “Jornal da Escola Básica Municipal Prof. Manoel Roldão das Neves” ao invés de se apresentar com o seu nome próprio “Jornal Galera Roldão” ou simplesmente, “Galera Roldão”. Tal mudança se deve ao fato desta edição ter sido diagramada e impressa através do jornal biguaçuense JB Foco, o que não ocorreu com as demais publicações do jornal objeto deste estudo.

Gráfico 5.1 – Gêneros textuais publicados na 5ª edição do “Galera Roldão”

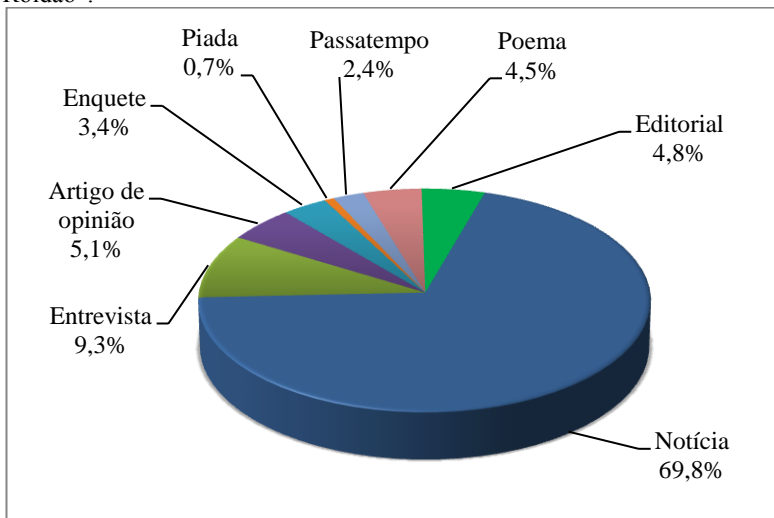


³⁸ Ver a Figura 6 nesta subseção.

³⁹ Uma das poesias está assinada pelo professor de Língua Portuguesa.

No Gráfico 5.1, verifica-se que na 5ª edição do jornal “Galera Roldão” foram publicados 15 textos de oito gêneros textuais diferentes, sendo que 1/3 pertence ao gênero *notícia* e os demais estão divididos entre os outros sete gêneros textuais desta publicação.

Gráfico 5.2 – Espaço ocupado por cada gênero de texto na 5ª edição do “Galera Roldão”.



Segundo as informações apresentadas no Gráfico 5.2, pode-se observar que os gêneros informativos (*notícia* e *entrevista*) representam 79,1% de toda a área impressa. O espaço restante está ocupado pelos gêneros opinativos (*artigo de opinião* e *editorial*) com 9,9%, pelos gêneros de entretenimento (*poema*, *passatempo* e *piada*) com 7,6% e por utilitários (*enquete*) com 3,4%. Nesta 5ª edição do “Galera Roldão”, ao contrário das edições anteriores, os gêneros opinativos superam os de entretenimentos e aparece pela primeira a *enquete* que faz parte dos gêneros utilitários.

5.1.6 Análise da Sexta Edição

Nesta subseção apresentamos a análise da 6ª edição do jornal da Escola Roldão.

Figura 7 – Capa da 6ª edição do “Galera Roldão” – Data: dezembro/2010; Formato: tablóide (29,0 x 38,2 cm); Mancha gráfica: 26,0 x 36,2 cm; Total de páginas: 4; Tiragem: 1000 exemplares.

Apelo Cultural
FOLHA Jornal Galera Roldão
 BARRIGA VERDE Itaipava - SC, Dezembro/2010 Edição 6

Desfile da Escola no 7 de Setembro de 2010

CONSIDERANDO MAIS O LIXO: RECICLANDO MATERIAIS, CONSTRUINDO CONHECIMENTOS

Os problemas econômicos e sociais e a má utilização e espoliação dos recursos naturais pelo homem tem sido responsáveis por graves desequilíbrios ambientais no mundo. Entre esses desequilíbrios surgem os resíduos que são rejeitados diariamente por nós e que acabam retornando à natureza na forma de gases, água e nutrientes, nesse caso lixo.

Assim, em busca de novos conceitos e valores de sustentabilidade e na procura pelo conhecimento a escola Roldão abordou no dia 06 de 2010 a importância e a necessidade de termos um olhar mais atento ao lixo. Lixo não é um problema da natureza. A natureza não tem lixo porque tudo nela se recicla.

Cultura **Quema 7s Meio Ambiente**

No dia 28 de junho, todos os alunos da escola assistiram a exibição do filme infantil que trata em uma linguagem cultural do Brasil. As apresentações ocorreram no Teatro Pedro Ivo, na Sede Administrativa do Governo do Estado.

Acompanhados pelo prof. Isson de Geografia e pela prof. Viviane de Ciências, os alunos da 7ª série I e II participaram da 2ª Mostra de Produção Audiovisual Independente “Circulo Teia Verdã”, realizado no auditório DaviCrispim Mira.

No Quadro 6 encontramos a síntese dos textos publicados nesta edição. No Gráfico 6.1 temos a análise quantitativa dos gêneros textuais publicados no jornal tema deste estudo. No Gráfico 6.2 apresentamos a área ocupada pelos respectivos gêneros.

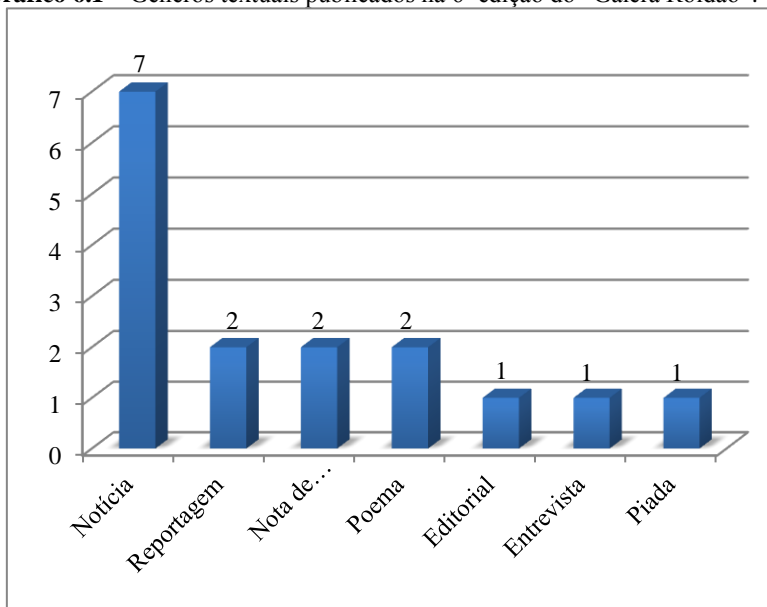
Quadro 6 – Títulos dos textos publicados na 6ª edição do “Galera Roldão”.

GÊNERO TEXTUAL	TÍTULO	ÁREA IMPRESSA (cm ²)
Notícia	Considerando mais o lixo: reciclando materiais, construindo conhecimentos (capa)	21,7%
	Cinema 7s Meio Ambiente (capa)	6,7%
	Moleque bom de bola	6,8%
	Falsos cognatos	6,6%
	Projeto Horta Escolar	14,6%
	Folclore	4,6%
	Geometria na tabuada e no planeta	4,1%
Editorial	Editorial	4,6%
Reportagem	Política de Implantação do Ensino de Nove Anos: implicâncias e implicações	12,4%
	Culinária	4,5%
Entrevista	Entrevista com Amanda Guesser	7,0%
Nota de serviços	Livros indicados	1,2%
	Filmes indicados	1,2%
Piada	Piada	0,8%
Poema	À Procura	1,3%
	Confissão	2,0%

Esta edição apresenta algumas características idênticas à 5ª edição, como *design*, tamanho⁴⁰ e quantidade de páginas (4 páginas). A distribuição das páginas coloridas também segue o mesmo padrão da edição anterior, isto é, apenas 1ª e 4ª páginas. Nesta publicação há somente duas seções: *Atividades em destaque* e *Variedades*. Os gêneros textuais encontrados são: *notícia*, *editorial*, *reportagem*, *entrevista*, *nota de serviços*, *piada* e *poema*.

Nesta edição, a autoria dos alunos é mais valorizada do que na 5ª edição. Aqui, os alunos assinam os textos: “Editorial”, “Política de Implantação do Ensino de Nove Anos: implicância e implicações”, “Moleque bom de bola”, “Entrevista com Amanda Guesser⁴¹”, “À Procura” e “Confissão”. Nos demais textos, os autores não são identificados.

Gráfico 6.1 – Gêneros textuais publicados na 6ª edição do “Galera Roldão”.

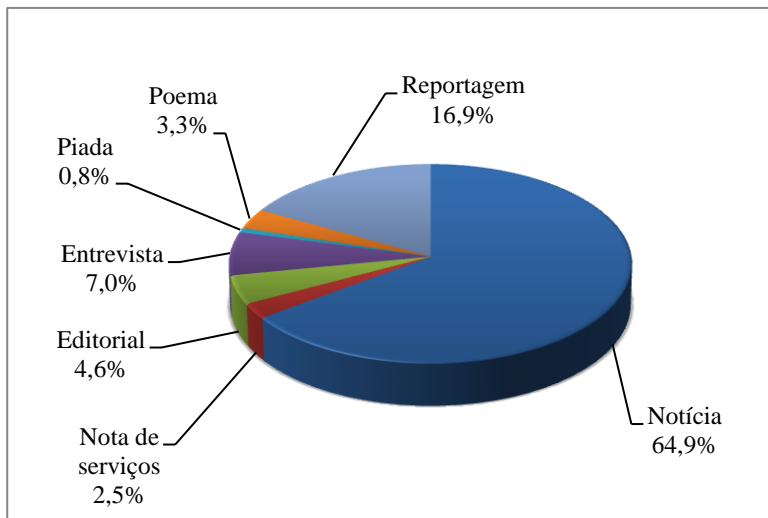


⁴⁰ Formato *tablóide*.

⁴¹ Vereadora mirim da Escola Roldão em 2010.

De acordo com as informações apresentadas no Gráfico 6.1, na 6ª edição do “Galera Roldão” encontram-se 16 textos de sete gêneros textuais/discursivos. Nesta tiragem, o gênero *notícia* representa quase a metade de todos os gêneros textuais publicados.

Gráfico 6.2 – Espaço ocupado por cada gênero de texto na 6ª edição do “Galera Roldão”.

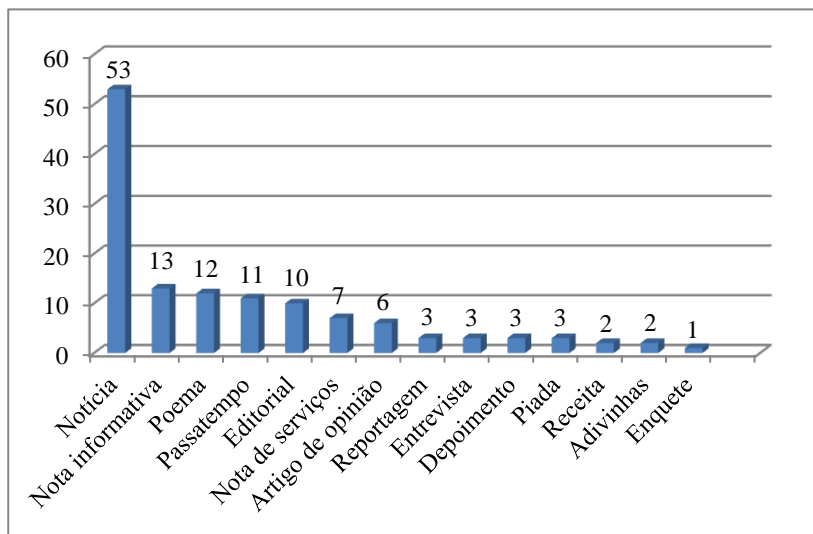


Os dados apresentados no Gráfico 6.2 apontam para a predominância dos gêneros informativos (*notícia*, *reportagem*, *entrevista* e *nota de serviços*) na 6ª edição do “Galera Roldão”, ocupando 91,3% da área impressa do jornal. O restante do espaço está ocupado por gêneros opinativos (*editorial*) com 4,6% e de entretenimentos (*poema* e *piada*) com 4,1%. Nesta publicação, a ordem de ocupação dos gêneros é semelhante à 5ª edição, porém, com uma ampliação do predomínio dos gêneros informativos em relação às cinco edições anteriores.

5.2 Conclusão da análise das seis edições do jornal “Galera Roldão”

Para se ter uma visão geral de todas as informações apresentadas através dos gráficos e quadros da seção 5.1, sintetizamos todos estes dados nos gráficos 7.1 e 7.2.

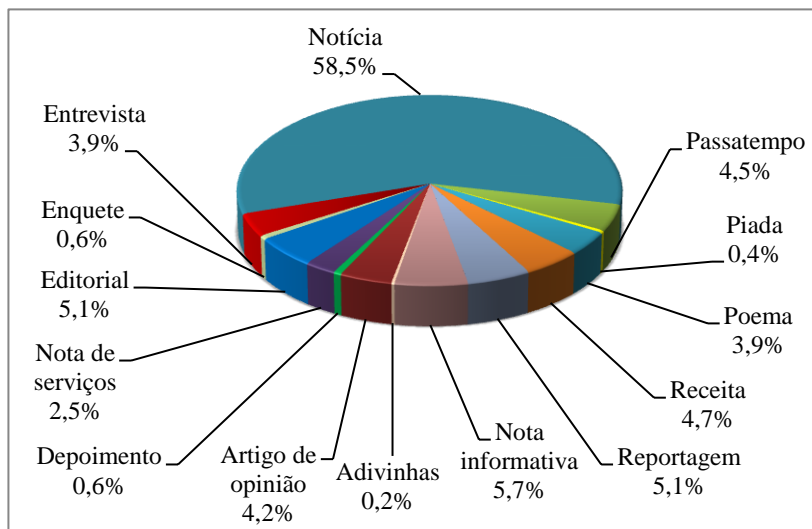
Gráfico 7.1 – Resumo dos gêneros textuais publicados nas seis edições do jornal “Galera Roldão”.



No Gráfico 7.1, verificamos que nas seis edições do “Galera Roldão” foram publicados 14 diferentes gêneros de textos, sendo que os mais comuns e com maior quantidade são *notícia* (53), *nota informativa* (13), *poema* (12), *passatempo* (11), *editorial* (9) e *artigo de opinião* (6). Destacamos que em três edições encontramos mais de um texto que se enquadra como *editorial*, já que expressam a opinião do jornal. Destacamos também que os gêneros *notícia* e *editorial* são encontrados em todas as publicações e os gêneros *notas (de serviços ou informativa)*, *passatempo*, *poema* e *artigo de opinião* estão presentes em cinco das seis tiragens do jornal “Galera Roldão”.

Já no gráfico seguinte, encontramos o percentual do espaço ocupado por todos esses gêneros nas seis edições do jornal da Escola Roldão:

Gráfico 7.2 – Espaço ocupado por cada gênero de texto publicado nas seis edições do “Galera Roldão”



Como podemos observar no Gráfico 7.2, a área impressa das seis edições do “Galera Roldão” foi ocupada 75,7% com gêneros informativos (*notícia, reportagem, nota informativa, entrevista e nota de serviços*), 13,7% com gêneros de entretenimento (*passatempo, receita, poema, piada e adivinhas*), 9,9% com gêneros opinativos (*editorial, artigo de opinião e depoimento*) e 0,6% com o único gênero utilitário (*enquete*) encontrado em todas as seis edições do jornal.

Com a identificação dos gêneros textuais/discursivos publicados no jornal “Galera Roldão”, tanto quantitativa quanto qualitativamente, foi possível chegar às seguintes conclusões:

- a) A justificativa do primeiro projeto do jornal da Escola Roldão informa que “as atividades desenvolvidas pelos professores da escola estão relatadas no jornal que representa uma forma de socialização das experiências vivenciadas na escola com os alunos” (BIGUACU, 2008a, p. 78). Em outras palavras: o jornal serviria para a divulgação das atividades realizadas pelos professores e a escola, e não como um instrumento para divulgar essencialmente os textos dos alunos. As três primeiras edições do “Galera Roldão” exerceu essa função, pois são raros os textos que aparecem assinados pelos alunos. A maioria dessas produções são relatos dos trabalhos dos

professores. De acordo com a professora Indiamara D. A. Pauli⁴², esse registro de atividades através do jornal visava também atender às reivindicações de alguns pais que queriam saber o que os seus filhos faziam na escola.

- b) Os gêneros informativos predominam em todas as edições, tanto em número como em área impressa do jornal, representando 75,7% do espaço ocupado pelos textos do jornal. Essa hegemonia está encabeçada pelo gênero *notícia*, que sozinho representa 58,5% desse espaço. Esse interesse pelos gêneros informativos talvez esteja relacionado ao interesse de socializar as experiências vividas na escola com os alunos, conforme já comentamos no item anterior.
- c) Na 4ª edição, o espaço do “Galera Roldão” foi dedicado quase que exclusivamente à publicação dos textos dos alunos. Dos 25 textos de oito diferentes gêneros publicados nesta edição, apenas seis não foram assinados pelos alunos: “Olimpíada de Língua Portuguesa – Escrevendo o Futuro”, “Editorial”, “Escrita dos Alunos”, “Origamis” e “Passatempo”. Nas edições seguintes (5ª e 6ª), os textos assinados pelos alunos dividem espaço com a divulgação dos trabalhos realizados pelos professores e a escola.
- d) As três primeiras edições do jornal da Escola Roldão foram impressas na própria escola. Segundo a professora Indiamara D. A. Pauli, aproximadamente 200 exemplares eram feitos em impressoras jato de tinta colorida e a outra parte era fotocopiada em preto e branco, sendo que todas essas impressões eram feitas no papel tamanho A4 fornecido pela Secretaria Municipal de Educação de Biguaçu. A diagramação, redação e revisão eram feitas pelos próprios professores da Escola Roldão. Somente a partir da 4ª edição é que o jornal passou a ser impresso numa gráfica, no tamanho *tablóide* e em papel-jornal.
- e) Não há uma padronização “visual” e estrutural em todas as publicações do jornal “Galera Roldão”. As três primeiras edições apresentam estruturas semelhantes tanto na capa quanto na distribuição das seções internas, além de ter o

⁴² Professora efetiva da 3ª série da Escola Roldão que participa desde a primeira edição do “Galera Roldão”.

mesmo formato (páginas no tamanho A4). A 3ª edição, embora com diagramação semelhante às anteriores, apresentam um visual mais colorido. Nessa publicação, além do nome principal “Galera Roldão”, aparece também o *slogan* “Informativo bimestral da Escola Professor Manoel Roldão”, o qual vem reforçar a identidade do jornal. Por outro lado, nota-se que a partir da 4ª edição o jornal deixa de seguir o modelo adotado nas publicações anteriores. Nas 4ª, 5ª e 6ª edições cada jornal tem um *design* gráfico diferente, apesar de serem usadas páginas maiores, no formato *tablóide*, como já citamos antes. Na 5ª edição, o nome próprio “Galera Roldão” é substituído pelo nome genérico “Jornal da Escola Básica Municipal Prof. Manoel Roldão das Neves” e retomado na 6ª edição como “Jornal Galera Roldão”. No entanto, de acordo com informações dos próprios professores, nos últimos três anos cada edição desse jornal escolar foi impressa por um dos jornais da cidade de Biguaçu, conforme a seguinte discriminação: 4ª edição, novembro/2008: Jornal Barriga Verde; 5ª edição, dezembro/2009: Jornal Biguaçu em Foco; 6ª edição, dezembro/2010: Jornal Barriga Verde. Acreditamos que essa constante alternância de empresa responsável pela impressão do jornal seja o principal causador da falta de um padrão gráfico do “Galera Roldão”. Acreditamos também que a falta dessa padronização gráfica e estrutural dificulta a criação de uma identidade própria do jornal. As três primeiras publicações têm o modelo gráfico semelhante porque foram diagramadas e impressas na própria Escola Roldão.

- f) Em alguns textos assinados pelos alunos percebe-se forte influência do professor, como pode se observar nesse título: *“Política de Implantação do Ensino de Nove Anos: implicâncias e implicações”*, como também em alguns trechos do mesmo texto: “[...] é decorrente de uma legislação, através do cumprimento da lei 11.274 de 6 de fevereiro de 2006, que altera a redação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9394/96.” e “[...] e, por isso, há discussões na academia em diversos grupos de pesquisa no Brasil, contestando o ingresso de crianças de seis anos no modelo escolarizante”, entre outros trechos desse mesmo texto que apresentam linguagem semelhante e que não é comum à linguagem de estudantes da 7ª série (8º ano) do ensino fundamental. Dos 40 textos assinados pelos alunos nas seis

publicações do “Galera Roldão”, 45% foram produzidos individualmente e 55% foram produzidos por duplas e/ou pequenos grupos de até cinco alunos, conforme registros do próprio jornal.

A análise das seis edições do “Galera Roldão” foi fundamental para se compreender todo o processo de produção do objeto tema desta pesquisa. Através desta investigação detalhada também foi possível identificar os gêneros textuais mais frequentes desse meio de comunicação e conhecer um pouco da história do jornal da Escola Roldão e suas várias alterações até chegar ao formato atual. Porém, o mais importante foi constatar que, embora lentamente, esse jornal escolar está deixando de ser apenas um meio de divulgação dos trabalhos da escola e se tornando um instrumento de aprendizagem dos alunos.

5.3 Análise das entrevistas

Como já mencionamos no capítulo “Metodologia”, os questionários usados na pesquisa de campo foram destinados a três grupos diferentes de entrevistados: educadores; educandos e; pais de alunos e merendeiras da Escola Roldão. As entrevistas, conforme já informamos no capítulo anterior, foram realizadas entre os dias 14 de março e 10 de abril de 2010, pessoalmente e via e-mail. Neste tópico, apresentamos as respostas dos entrevistados de cada um desses grupos que participaram direta ou indiretamente da produção do jornal “Galera Roldão” e a sua respectiva análise.

5.3.1 Entrevista com os educadores da Escola Roldão

Para esta entrevista, foram escolhidos cinco participantes, os quais são: o diretor da escola, o coordenador pedagógico, os dois professores de língua portuguesa e uma professora das séries iniciais. Esses educadores foram escolhidos para participar desta pesquisa porque foram os organizadores e/ou colaboradores da produção, tanto da 6ª edição como de publicações anteriores do “Galera Roldão”. Desses entrevistados, dois professores responderam o questionário pessoalmente e três deles mandaram suas respostas via e-mail.

A primeira pergunta apresentada aos educadores foi: **Quais os gêneros textuais que são trabalhados com os alunos na produção do “Galera Roldão”?**. Os entrevistados deram as seguintes respostas:

Mensagens, colunas, bilhetes, cartas, editoriais (J. C. C.).

Poemas, fábulas, entrevistas (I. D. A. P.).

São diversos os gêneros trabalhados, poemas, entrevistas, músicas etc. (M. A. R. S.).

Os gêneros textuais trabalhados são: editorial, notícia, reportagem, pesquisa e entrevista (J. G. A.).

Os gêneros textuais mais utilizados na elaboração do jornal são:

- Reportagem, texto de opinião, carta ao leitor e notícia, onde os alunos têm como objetivo a leitura e desenvolvimento da capacidade de argumentar e produzir nas modalidades de decalque, reprodução e transcrição;
- Receita, regras de jogo, onde os alunos têm como objetivo a leitura e desenvolvimento da capacidade de descrever ou regular ações e produzir nas modalidades de decalque, reprodução e transcrição;
- Piada, onde os alunos têm como objetivo a leitura e desenvolvimento da capacidade de narrar e produzir nas modalidades de decalque, reprodução e transcrição (F. Z. S.).

As respostas apresentadas pelos professores para esta primeira pergunta nos mostram que a ideia de gênero textual desses educadores corresponde, na sua maioria, com os textos produzidos pelos alunos para o jornal. Pois, a maioria dos gêneros mencionados pelos entrevistados são encontrados no “Galera Roldão”, como *notícia*, *poema*, *entrevista*, *editorial*, *texto de opinião* (ou *artigo de opinião*) e *reportagem*, embora notam-se alguns equívocos quando alguns dos entrevistados citam “mensagem”, e “pesquisa” como sendo gêneros de textos específicos.

A pergunta seguinte para os professores foi: **Como você incentivou os alunos na produção dos textos para o jornal escolar? Eles são orientados a produzir um determinado gênero textual ou essa escolha acontece espontaneamente?** As respostas obtidas foram as seguintes:

São apresentados os diferentes gêneros, estudados, conceituados. Após o aluno faz a opção (J. C. C.).

No planejamento das aulas já faço com que os conteúdos sejam desenvolvidos de forma a gerar uma produção textual, por exemplo, quando trabalho com um tema e esse tema desencadeia uma produção textual. Os alunos são orientados a produzir um gênero textual o qual está sendo estudado (M. A. R. S.).

A orientação é feita pelo professor, e o incentivo dá-se a partir da análise de outros textos já produzidos, dentro de cada gênero textual (J. G. A.).

O professor apresenta aos alunos diferentes jornais que circulam na sociedade, a partir dessa apresentação são trabalhados com os alunos os principais gêneros que contêm um jornal. Nesse momento inicia a escolha dos gêneros que farão parte do jornal que eles irão produzir, dessa maneira não é possível que haja espontaneísmo em relação à escolha de gêneros textuais que poderão ou não fazer parte do trabalho (F. Z. S.).

De acordo com as respostas dos entrevistados, a produção dos textos para o jornal da Escola Roldão não se dá de maneira espontânea, isto é, os alunos não escrevem qualquer gênero de texto, mas são orientados pelo professor ou professora a escreverem a partir do contato com alguns textos que são apresentados aos alunos, como textos de jornais que circulam na região. No entanto, esses textos servem como referência, como ponto de partida e como um modelo de reprodução.

Os educadores entrevistados não mencionaram quais os gêneros que são priorizados para a publicação no jornal, mas, de acordo com a análise dos gêneros encontrados no “Galera Roldão”, apresentada no tópico 5.1, pode se perceber que os gêneros *notícia*, *nota informativa*, *poema*, *passatempo* e *editorial* são os que tiveram maior ocorrência nas seis edições do jornal foco deste estudo.

Ao serem perguntados **Que estratégias os professores utilizam para motivar os alunos a produzirem diferentes gêneros textuais/discursivos?**, os entrevistados responderam o seguinte:

Trabalho com textos que problematizem um debate e gere a produção textual, uso filmes, textos xerocados (poema, entrevista, reportagem), músicas e vídeos do Youtube projetados no data show (M. A. R. S.).

A prática de exercícios diversos, a análise de outros jornais e a divisão da turma em equipes para ter mais de um aluno trabalhando um mesmo gênero (J. G. A.).

A possibilidade deles (alunos) serem os escritores do jornal da escola, pois o fato de uma turma produzir o jornal da escola motiva muito o grupo. Entretanto, na apresentação do projeto para a turma enfatiza-se o fato de que para se produzir o jornal é preciso conhecer sua estrutura, e conseqüentemente os alunos começam a ter acesso aos diferentes gêneros textuais (F. Z. S.).

Através das respostas dos educadores para esta última pergunta, verificamos que os professores entrevistados usam várias estratégias para incentivar a produção de textos para o jornal da Escola Roldão. Para esse tipo de atividade, os professores usam textos para provocar debates na turma, usam também filmes, músicas e vídeos baixados da *internet*, fazem análise de textos de jornais (professor e alunos) e realizam atividades em grupos.

Outra estratégia usada pelos professores para motivar a escrita dos educandos é a conscientização dos alunos de que ao escreverem para o jornal estão sendo escritores reais que produzem textos para leitores reais.

Diante da pergunta: **De que maneira o projeto do jornal “Galera Roldão” tem contribuído para a produção de diferentes gêneros textuais pelos alunos? Comente sobre algum aspecto positivo, real, que se tem notado na produção escrita desses alunos desde que se implantou o projeto do jornal na Escola Roldão**, os professores deram as seguintes respostas:

Vem melhorando os trabalhos escritos. Os alunos estão mais críticos, observadores (J. C. C.).

Os tornaram bons leitores e incentivou muito nas leituras e escrita dos alunos (I. D. A. P.).

Como trabalhei no início deste projeto, sinto que hoje os alunos e professores desenvolvem essa habilidade de leitura e escrita em todas as disciplinas e que os alunos já desenvolvem essa habilidade com mais facilidade. Isso foi incorporado e aceito por todos os alunos. Sinto que os alunos de séries finais têm essa facilidade maior do que os das séries iniciais (5ª e 6ª séries) (M. A. R. S.).

O jornal se trata de um amplo caminho a ser percorrido pelos alunos, na apropriação dos diversos gêneros textuais, e o que tem de positivo que pode ser percebido é um maior interesse em sala pela produção textual (J. G. A.).

A condição de autoria que a produção do jornal como projeto oferece em sua proposta de trabalho aos alunos contribui para que eles leiam e acompanhem as aulas com maior propriedade.

Nesse aspecto notou-se um interesse maior de todos pela leitura e escrita, que na realidade é eixo de trabalho da escola. Também é possível verificar uma maior procura por livros na biblioteca para serem lidos em casa, nas turmas que tiveram a oportunidade de participar desse projeto, ampliando dessa forma o nível de leitura da turma, a própria escrita e sua estruturação também apresentaram níveis de melhora (F. Z. S.).

Os educadores entrevistados apontaram vários aspectos positivos que foram promovidos pelo jornal escolar no contexto da Escola Roldão. Os professores participantes da pesquisa afirmaram que com a execução do projeto do jornal na escola tem se percebido nos alunos mais criticidade em relação à produção textual, maior interesse pela produção de textos em sala de aula, apropriação de diversos gêneros textuais, melhora nos níveis de leitura e aumento da procura de livros na biblioteca para a leitura em casa.

Questionados sobre **Qual a repercussão social que o jornal “Galera Roldão” tem provocado na comunidade? O que as pessoas**

de fora da escola têm comentado a respeito do projeto do jornal escolar?, os professores responderam o seguinte:

Tem elogiado a iniciativa, observando a participação dos alunos nas discussões dos assuntos da escola (J. C. C.).

Foi muito repercutido entre a comunidade e outras. As pessoas de fora da escola comentaram muito sobre o trabalho da escola e passaram a saber o que estava sendo trabalhado. Houve outra escola [Escola Viegas] que se interessou pelo projeto. Vieram até a Escola Roldão pedindo ajuda para montar um jornal em sua escola. Resultou em uma ou duas edições na outra escola (I. D. A. P.).

O jornal serve como elemento para divulgação de algumas ações pedagógicas desenvolvidas na escola ao longo de um período, e, portanto, quando ele fica pronto e é distribuído aos alunos, atingimos também suas famílias, o que em nosso entendimento é muito bom, pois muitos pais por vezes não têm dimensão dos trabalhos desenvolvidos na escola ao longo do ano.

Assim o jornal da escola acaba desempenhando uma função social e pedagógica articulada, pois ele circula tanto no bairro como em toda a Comarca de Biguaçu, já que é diagramado, impresso e distribuído gratuitamente por meio da parceria que a escola tem com o Jornal Folha Barriga Verde, colaborador que apóia essa iniciativa de projeto (F. Z. S.).

De acordo com as respostas dos entrevistados, a comunidade tem elogiado o trabalho com o jornal, pois através do mesmo tem observado a participação dos alunos nos assuntos relacionados à escola. Além disso, nota-se que a repercussão do jornal foi além dos limites da comunidade local, inspirando a Escola Professor Viegas, da rede municipal de Biguaçu, porém bem distante da Escola Roldão, a procurar informações sobre o projeto, resultando pelo menos em uma edição do Jornal Viegas Animal, nessa outra escola. Os professores veem o jornal também como um instrumento de divulgação das atividades realizadas na escola. Como todos os alunos recebem um exemplar do jornal e leva

para casa, toda a família poderá acessar as informações veiculadas no “Galera Roldão”.

5.3.2 Entrevista com alunos da Escola Roldão

Esta entrevista, composta de sete perguntas, foi realizada com 10 alunos da 8ª série do ensino fundamental que participaram da produção do jornal “Galera Roldão” no ano de 2010. Na época, os entrevistados eram estudantes da 7ª série, conforme já informamos no capítulo “Metodologia”, desta dissertação.

Com o objetivo de verificar qual o conhecimento que os alunos tinham dos diversos gêneros de textos encontrados nos jornais impressos, iniciamos o questionário com a seguinte pergunta: **Que ‘tipos’ de textos⁴³ de jornais que você conhece?**. Para esta questão, os alunos entrevistados deram as seguintes respostas:

Cultural, entrevista, expositivo (A. I. C.).

Esporte, lazer, publicidade (A. P. V.).

Empregos, notícias etc. (D. M.).

Tutorial (D. S.).

Notícia, esporte, lazer, entrevista (E. S.).

Entrevista, cultural (E. S. M.).

Cultural (H. F. S.).

Reportagem (N. M. C. F.).

Expositivo, cultural (N. W. D.).

Reportagens, entrevistas e notícias (T. C. X. F.).

Através das respostas para esta primeira pergunta, observa-se que a noção de variedade de textos entre os alunos pesquisados ainda não está completamente formada, pois entre os dez possíveis gêneros de

⁴³ No capítulo 4, “Metodologia”, subseção 4.4.3 explicamos por que usamos a expressão “tipos de textos” para esta pergunta, em vez de “gêneros textuais”.

textos apontados pelos estudantes, apenas cinco se enquadram como gêneros textuais, como *entrevista* (4), *notícia* (3), *reportagem* (2), *publicidade* (1) e *tutorial* (1) – que é um gênero comum em *softwares* ou em páginas da *internet*, mas, não em jornais. Os outros nomes citados pelos alunos como espécies de textos, na verdade, são comuns aparecerem como seções ou cadernos de jornais, como *cultural* (4), *esporte* (2), *lazer* (2), *emprego* (1). O termo “*expositivo*” (com duas ocorrências nas entrevistas) não se refere a um gênero textual. Ele se refere à tipologia textual⁴⁴.

Na segunda questão, cujo enunciado era: **Como você e seus colegas de turma foram orientados a escrever os textos para o jornal “Galera Roldão”? Comente como foi realizada a escrita desses textos**, os alunos apresentaram respostas como:

Foi realizada com a ajuda dos professores (A. I. C.).

Os professores faziam temas no quadro pra a gente escolher. Em grupos e diálogos (A. P. V.).

Entrevistar a pessoa, copiar as respostas das pessoas e depois para o computador (D. M.).

Sim, fomos orientados a escrever o que achávamos que era legal e que importava (D. S.).

Nós fazíamos nossos textos conforme nossa atividade do dia a dia (E. S.).

Foi realizado com a ajuda dos professores (E. S. M.).

A gente fez uma entrevista, gravamos no celular, depois passamos para uma folha, resumimos e construímos o texto (N. M. C. F.).

Foi realizada com a ajuda dos professores (N. W. D.).

⁴⁴ Veja a explicação na nota de rodapé da página anterior.

Nós fazíamos grupos, os professores faziam temas de textos e nós escolhíamos os temas e nós fazíamos textos sobre isso. Íamos a empresas etc. (T. C. X. F.).

As respostas para esta questão apontam três informações importantes: a) a produção de textos para o jornal da Escola Roldão é mediada pelos professores; b) as atividades são realizadas em grupos, e; c) pelo menos algumas vezes, os alunos fizeram pesquisa fora da escola.

Os alunos, diante da questão **“Para você, como é escrever um texto que será publicado no jornal ‘Galera Roldão’?”**, responderam:

Pra mim, escrever é uma honra por tá botando os meus textos no jornal (E. S.).

É muito legal, pois várias pessoas irão ler (N. M. C. F.).

É interessante, pois as minhas ideias estavam expostas nele (N. W. D.).

É muito legal saber que várias pessoas vão ler aquele, então nós ficamos nervosos para saber se as pessoas vão gostar ou não (T. C. X. F.).

Para 40% dos alunos entrevistados, é interessante escrever para o jornal porque os seus textos poderão ser lidos por outras pessoas. Essa possibilidade de leitura por uma pessoa que não seja o próprio escritor do texto desperta mais preocupação se o futuro leitor vai gostar ou não do seu texto. Estas respostas indicam entusiasmo, motivação e reconhecimento. É uma indicação de que os textos dos alunos ganham um novo sentido quando há a possibilidade de serem lidos, quando se tem um interlocutor.

Na questão seguinte perguntamos aos alunos: **“Quem você imagina que irá ler o seu texto quando está escrevendo para o ‘Galera Roldão’? Você se preocupa se essas pessoas vão entender o seu texto?”**, os entrevistados responderam o seguinte:

Alunos, pais e professores. Sim (A. I. C.).

Muitas pessoas. Sim (A. P. V.).

Os pais, os alunos. Sim (D. S.).

Acho que além das pessoas que estudam na escola, mais a comunidade também. Sim (E. S. M.).

Professores, alunos e pais, mais ou menos (H. F. S.).

Os pais e parentes dos alunos. Sim, eu me preocupo (N. M. C. F.).

Sim, pois quero que entendam as minhas ideias (N. W. D.).

Eu imagino que toda escola vai ler. Sim, eu me preocupo com isso (T. C. X. F.).

Ao analisarmos as respostas para esta pergunta, identificamos que para os 60% dos entrevistados, os possíveis leitores dos seus textos publicados no “Galera Roldão” são os familiares dos alunos, os próprios alunos, os professores e demais funcionários da escola. 20% incluem toda a comunidade onde o jornal circula. 80% dos alunos pesquisados afirmam que se preocupam com a reação das pessoas ao lerem o seu texto e que compreendam as suas ideias.

Perguntados **De que maneira a produção do “Galera Roldão” incentivou você a gostar mais de escrever e produzir textos melhores?**, obtivemos as seguintes respostas:

Eu já gostava de escrever (A. I. C.).

Me incentivou a gostar mais de escrever (D. M.).

Eu já gosto de escrever histórias (H. F. S.).

Não me ajudou muito porque eu sempre gostei de escrever e sempre criei bons textos (N. M. C. F.).
Incentivando a minha escrita (N. W. D.).

Eu sempre gostei de escrever textos para as pessoas lerem (T. C. X. F.).

Entre os entrevistados, quatro alunos afirmaram que a produção do jornal na escola não alterou o seu interesse pela escrita de textos porque já gostavam de escrever antes das atividades. Já dois alunos

afirmaram que o trabalho com o jornal lhes incentivou a produzir textos melhores.

Com o objetivo de se verificar a repercussão social do jornal foi elaborada a seguinte questão: **O que as pessoas que não fazem parte Escola Roldão acham do jornal escrito por vocês? Que comentários você ouviu dessas pessoas sobre o “Galera Roldão”?**. Os alunos responderam:

Acham bom. Elas comentam que gostaram muito e acham interessante (A. I. C.).

Muito ‘massa’. Que o jornal é muito legal, que podia ser mais folhas de entrevista (D. M.).

Acham interessante. Elas comentam que acharam muito legal (E. S. M.).

Acham legal e falam que teve bastante criatividade (N. M. C. F.).

Segundo 40% dos estudantes entrevistados, as pessoas da comunidade onde circula o “Galera Roldão” fazem comentários positivos sobre o jornal e elogiam a criatividade dos seus produtores. De acordo com as respostas dos alunos, percebe-se que o jornal da Escola Roldão é bem aceito na comunidade.

Finalizando a entrevista com os alunos, foi perguntado: **Além da produção de textos, o que você acha interessante no trabalho com produção do jornal na escola?**. Os alunos apresentaram as seguintes respostas:

Os quadrinhos, piadas e as receitas (A. I. C.).

Os jogos (A. P. V.).

Da dedicação dos alunos e professores (D. M.).
Os jogos, as fotos (E. S.).

As piadas e os desenhos em quadrinhos (E. S. M.).

Esse trabalho incentivou a ler mais, não só poemas, mas sim, livros e revistas para obtermos mais informações (H. F. S.).

As piadas, os documentários e os poemas (N. W. D.).

O aprendizado (T. C. X. F.).

As respostas dos estudantes entrevistados indicam que além da produção de textos, 50% desses alunos gostam de gêneros de entretenimento (jogos, piadas, poemas etc.) e 30% destacam a dedicação dos professores e alunos na produção do jornal, o aprendizado e o incentivo à leitura. Os outros 20% não responderam a esta pergunta.

5.3.3 Entrevista com familiares de alunos e merendeiras da Escola Roldão

Este último grupo de entrevistados é composto por duas mães e um pai de alunos e por duas funcionárias merendeiras da Escola Roldão. O objetivo principal da entrevista com este grupo era investigar a repercussão social do “Galera Roldão” sob o olhar de pessoas que não participavam diretamente do projeto do jornal.

A nossa entrevista com este grupo foi iniciada com a pergunta: **Qual a importância do jornal da Escola Roldão para você e a sua comunidade?** As respostas foram as seguintes:

Dos pais de alunos:

Para ficar sabendo sobre as coisas do colégio (C. B. G.).

O jornal nos deixa por dentro de todos os eventos que ocorrem na escola e na comunidade (A. A.).

A importância do jornal para a comunidade é a informação sobre tudo que ocorre na escola, deixando os pais e a comunidade em si bem informados sobre a qualidade de ensino. Gostaria de ressaltar que não depende só dos professores, mas da participação dos pais e da família (T. R. F. R.).

Das merendeiras da escola:

Importante para os pais saberem as notícias da escola onde os seus filhos estudam (G. K. C. S.).

Divulgação dos acontecimentos escolares (A. B. J. P.).

Ao analisarmos as respostas dos cinco participantes desta entrevista, verificamos que todos os entrevistados destacam a importância do “Galera Roldão” apenas do ponto de vista da informação, como um instrumento de divulgação das atividades realizadas pela escola, no entanto, a questão do ensino e aprendizagem dos alunos através do jornal escolar não é levado em conta.

Na pergunta seguinte: **O que você espera encontrar em um jornal escrito por alunos e professores, como o jornal “Galera Roldão”?**, os entrevistados deram as seguintes respostas:

Dos pais de alunos:

Espero encontrar dicas, opiniões sobre diversões e até mesmo relatos sobre atividades feitas pelos alunos (A. A.).

Informação sobre o que os alunos realmente aprenderam nos anos anteriores e como estão se preparando para os próximos (T. R. F. R.).

Das merendeiras da escola:

Assuntos sobre a escola, projetos e objetivos alcançados (G. K. C. S.).

Notícias sobre a escola, projetos e outros (A. B. J. P.).

Mais uma vez este grupo de entrevistados dá ênfase à informação, como função principal do jornal da Escola Roldão. De acordo com as respostas dadas para esta segunda questão, os entrevistados esperam encontrar, no jornal, notícias dos acontecimentos e atividades relacionadas à escola, aos professores e aos alunos. Para este grupo, essa mídia deve relatar o que os seus filhos fazem na escola e que atividades e projetos são desenvolvidos pelos seus professores. Em outras palavras, o que este grupo espera do jornal escolar é a informação.

A terceira e última questão apresentada para este grupo de entrevistados foi: **Que comentários positivos e/ou negativos que você ouviu das pessoas de sua região sobre o jornal “Galera Roldão”?**

Diante deste questionamento, os entrevistados apresentaram os seguintes comentários:

Dos pais de alunos:

De positivo temos o conhecimento de saber o que acontece na escola. De negativo é não ter espaço para a comunidade, alunos, professores para fazer reclamações e opiniões sobre o que falta na comunidade e na escola (A. A.).

Positivos: ouço pouco, mas ouvi alguns pais que se “importaram” ou se “importam”, acham uma forma de fazer com que os alunos se interessem e se preocupam com o seu futuro. Negativos: não ouvi em momento algum comentário negativo (T. F. R.).

Das merendeiras da escola:

Negativo, ainda não ouvi. Positivo, ‘que bom a escola ter um jornal onde todos participam’ (alunos, professores e funcionários) (G. K. C. S.).

Nesta última questão percebemos mais uma vez a ênfase à informação. Por outro lado, podemos observar a repercussão social do “Galera Roldão”, tanto os seus aspectos positivos como a informação sobre a escola, a participação dos alunos e professores no projeto do jornal e o incentivo para os alunos se preocuparem com o futuro entre outros aspectos. Já de negativo só foi apontado a falta de espaço para a comunidade participar no jornal, como meio de reivindicar melhorias para a própria comunidade.

5.4 Conclusão da análise da pesquisa empírica

As entrevistas realizadas com os três grupos de entrevistados: professores, alunos e funcionários e familiares de alunos apontam para as seguintes conclusões:

- a) A concepção de gêneros textuais/discursivos demonstrados pelos professores está de acordo com os gêneros encontrados no jornal “Galera Roldão”. Já os alunos entrevistados não demonstraram segurança quanto à noção de variedade de

textos que circulam no jornal da Escola Roldão e na sociedade em geral;

- b) A produção de textos para o “Galera Roldão” é mediada pelos professores. A escolha do gênero a ser produzido não é feita aleatoriamente pelos alunos, mas acontece sob a orientação dos próprios educadores envolvidos no projeto do jornal;
- c) Os professores usam textos para discussão em sala de aula, filmes e vídeos da *internet* e analisam textos de jornais como estratégias para a produção escrita dos alunos para o “Galera Roldão”;
- d) Os professores acreditam que o projeto do jornal escolar promoveu, aos alunos, mais criticidade, mais interesse pela leitura e pela produção de textos e a apropriação de diversos gêneros textuais;
- e) De acordo com os entrevistados, o “Galera Roldão” é elogiado e bem aceito na comunidade. A sua repercussão foi além dos limites da comunidade de Três Riachos, onde está situada a Escola Roldão, despertando o interesse da Escola Municipal Professor Viegas⁴⁵ pelo jornal escolar, resultando na publicação da primeira edição do “Jornal Viegas Animal”.
- f) O jornal “Galera Roldão” é visto pelos entrevistados como instrumento de socialização das atividades da escola na comunidade;
- g) A ação de escrever para o jornal escolar é uma atividade que desperta interesse aos alunos pelo fato de existir a possibilidade de alguém ler do seu texto, por esta razão o aluno se preocupa que as suas ideias sejam compreendidas pelo seu leitor;
- h) Os gêneros de entretenimento desperta o interesse de 50% dos alunos entrevistados. O envolvimento de professores e alunos na produção do jornal, o aprendizado e o incentivo à leitura são lembrados apenas por 30% desses estudantes;
- i) Para as merendeiras da escola e os familiares dos alunos, a importância do jornal escolar se resume na informação, ou seja, a divulgação das atividades realizadas pelos educadores e

⁴⁵ A Escola Municipal Professor Viegas de Amorim está situada no bairro Janaína, em Biguaçu, SC e faz parte da mesma rede de ensino da Escola Roldão.

educandos. O “Galera Roldão” é apenas um meio para informar o que acontece na escola.

A coleta de dados através destes três grupos de entrevistados contribuiu para se compreender como acontece a produção de textos para o jornal de sala de aula nesse contexto escolar e como as pessoas envolvidas diretamente – professores e alunos – e indiretamente – merendeiras e familiares de alunos – veem o jornal “Galera Roldão”.

Por outro lado, identificamos que enquanto os professores esperam a aprendizagem dos alunos através do jornal escolar, metade dos alunos valorizam o entretenimento e as merendeiras e os pais de alunos valorizam, acima de tudo, a informação veiculada através do jornal da Escola Roldão.

Neste capítulo, analisamos os dados coletados durante todo o processo de nossa pesquisa. Como foi possível observar, começamos fazendo uma análise das seis edições do jornal “Galera Roldão”, identificando os gêneros textuais e representando-os através de gráficos e quadros. No segundo momento, estudamos as informações obtidas através da pesquisa empírica com os alunos, professores e merendeiras e pais de alunos. No capítulo seguinte, trazemos as considerações finais deste trabalho com os resultados obtidos através deste estudo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como informamos no início desta dissertação, esta pesquisa surgiu a partir do interesse de se estudar alternativas para o ensino da língua materna com base nos gêneros textuais, conforme preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e propostas curriculares como a do Estado de Santa Catarina.

A nossa inquietação nos levou a adotar o jornal escolar como tema deste estudo, por considerarmos essa mídia um importante suporte pedagógico, uma vez que esse instrumento possibilita a publicação dos textos produzidos pelos alunos, permitindo assim, a sua circulação e interação com outros leitores. Vimos no jornal escolar a oportunidade para o aluno expressar os seus sentimentos (suas angústias, alegrias, descobertas etc.), de fazer uso real da linguagem escrita, dando um novo sentido à produção textual realizada na escola.

Para fundamentarmos este estudo, elaboramos o nosso quadro teórico, num primeiro momento, apoiando na concepção de gêneros do discurso de Bakhtin (1997). Com o objetivo de elucidarmos cada vez mais a nossa discussão teórica, lançamos mão de estudos de pesquisadores da obra de Bakhtin, como Rodrigues (2001) e Sobral (2009). Procuramos também estudar os gêneros a partir da perspectiva do interacionismo sócio-discursivo de Bronckart (2006), tendo como apoio, os estudos de Baltar (2006) para melhor compreendermos essa abordagem teórica e, fechando a primeira parte da nossa fundamentação, apresentamos uma breve discussão sobre os gêneros textuais e o ensino da língua materna.

Em um segundo momento, destacamos alguns aspectos históricos do jornal escolar e o seu uso como instrumento pedagógico, tomando como base Freinet (1974) – que foi um pioneiro e um dos maiores defensores do uso dessa mídia na escola. Nesse espaço procuramos usar também como suporte teórico a pedagogia de Freire (1981; 2004), que enfatiza questões como liberdade e autonomia como práticas a serem adquiridas e usadas permanentemente pelo educando. Nos ancoramos também em Demo (1998), que ressalta, entre outros temas, a prática da pesquisa pelo estudante como forma de construção do seu próprio conhecimento. Serviram também de apoio para esta pesquisa os estudos e as experiências com o uso do jornal escolar vivenciados por Santos (1993), Ijuim (2005) e Baltar (2006), além de uma resumida definição de alguns gêneros textuais jornalísticos que podem ser encontrados nos jornais escolares, tomando como base os estudos de Melo (1985) e Lage

(1998; 2001), entre outros vários autores referenciados nesta dissertação.

Como informamos na introdução deste trabalho, este estudo foi motivado por cinco objetivos específicos. Portanto, o nosso primeiro propósito era investigar qual o conhecimento que os professores e os alunos envolvidos na produção do jornal escolar tinham a respeito dos gêneros textuais/discursivos, especialmente os da área jornalística, como artigo de opinião, editorial, crônica, reportagem, notícia e demais textos desse campo do conhecimento. Para responder tal intento, nos apoiamos na concepção de gêneros textuais/discursivos de Bakhtin (1997), de Bronckart (2006) e, nas obras de autores que também estudam a questão dos gêneros, como Rodrigues (2001), Sobral (2009) e Baltar (2006), cuja fundamentação se encontra no capítulo 2 deste trabalho. Tomamos também como base teórica a abordagem apresentada na seção 3.5, espaço no qual, apoiando-nos em autores como Melo (1985), Lage (1998; 2001), elaboramos uma breve classificação de alguns gêneros jornalísticos que podem ser encontrados em jornais escolares. Nos ancoramos também nos dados da nossa pesquisa empírica que nos apontaram a seguinte conclusão: como já comentamos no final do capítulo anterior, os gêneros textuais/discursivos mencionados pelos professores estão de acordo com os gêneros encontrados no jornal “Galera Roldão”. Porém, vale mencionar que foram identificados alguns equívocos quanto à noção de gêneros apresentada pelos professores, como “mensagens” e “pesquisas”, como se estes fossem gêneros específicos. No entanto, entendemos que tais equívocos são irrelevantes no processo de ensino e aprendizagem da língua materna ou na prática de letramento do estudante através do uso do jornal escolar. Portanto, de acordo estas informações, podemos afirmar que os educadores entrevistados demonstraram ter conhecimento da noção de gêneros. Por outro lado, os alunos entrevistados não mostraram segurança quanto à ideia de variedade de textos que circulam no jornal da Escola Roldão e na sociedade em geral. A concepção de gêneros e da variedade de textos em circulação no meio social ainda precisa ser amadurecida nos alunos.

O segundo objetivo específico era identificar quais os gêneros textuais/discursivos mais comuns nas publicações do jornal “Galera Roldão”. Através do trabalho de identificação de todos os gêneros

publicados nas seis primeiras edições desse jornal escolar⁴⁶, com base nas informações teóricas sobre a identificação e classificação dos gêneros jornalísticos apresentadas por autores como Melo (1985) e Lage (1998; 2001), discutidas na última seção 3.5, chegamos à conclusão que na Escola Roldão, o gênero textual *notícia*⁴⁷ é o que predomina em todas as edições do seu periódico, possuindo o maior número de ocorrências, com 53 textos e ocupando o maior espaço em todas as edições do jornal, com cerca de 58,5% da área impressa dos seis números do jornal pesquisado.

O terceiro objetivo específico desta pesquisa era investigar como os professores envolvidos na produção do jornal escolar motivavam os alunos participantes desse projeto a conhecerem e a produzirem diferentes gêneros discursivos para esse suporte midiático. Para obtermos a resposta para tal questionamento, ancoramos na fundamentação teórica apresentada na seção 2.4, que trata do tema gêneros textuais e ensino e na abordagem teórica apresentada na seção 3.3, espaço em que discutimos a importância do jornal escolar no ensino e aprendizagem da língua materna, com base nos estudos de alguns autores, como Freinet (1974) e Freire (1981; 2004). De posse desse referencial teórico, partimos para o capítulo 5, “Análise de Dados”, na seção 5.3, onde confrontamos as respostas dos professores com as dos alunos. A partir da fundamentação teórica e da análise dos dados informados aqui, chegamos à conclusão de que os professores usam as seguintes estratégias para motivar os alunos na produção de textos para o “Galera Roldão”: 1) escolha prévia de um determinado gênero textual a ser trabalhado com os alunos; 2) orientação dirigida aos alunos como deve ser a escrita desse gênero textual; 3) uso de textos, filmes e vídeos da *internet* para discussão com os alunos em sala de aula, e; 4) análise de textos de jornais que circulam na região realizada pelos alunos, para que estes conheçam a estrutura dos gêneros jornalísticos. Esses quatro itens configuram as ações principais adotadas pelos professores para motivar os alunos na produção escrita do jornal “Galera Roldão”.

O quarto objetivo específico estabelecido para esta pesquisa era identificar quais as possíveis contribuições do jornal escolar no ensino e

⁴⁶ A identificação desses gêneros encontra-se detalhada na primeira parte do capítulo 5 desta dissertação.

⁴⁷ Grifo nosso.

aprendizagem da língua escrita para o aluno. Com a finalidade de chegarmos à resposta para este questionamento, nos baseamos na discussão teórica abordada nas seções 3.3 e 3.4, onde discutiu-se a relevância do jornal escolar no ensino e aprendizagem da língua materna e as vantagens do uso do jornal escolar, respectivamente e, na análise dos dados apresentada nas seções 5.3 e 5.4, onde avaliamos as informações coletadas na nossa pesquisa empírica. Concluímos que, de acordo com o depoimento dos professores da Escola Roldão, o projeto do jornal escolar promoveu, aos alunos, mais criticidade, mais interesse pela leitura e pela produção de textos e a apropriação de diversos gêneros textuais. Para os alunos, a ação de se escrever para o jornal faz com que eles se preocupem em escrever com mais clareza, a fim de que o seu possível leitor compreenda as suas ideias. Em suma, as contribuições do jornal escolar no ensino e aprendizagem da língua para o aluno foram: a) desenvolvimento de uma visão mais crítica em relação à produção escrita; b) mais interesse pela leitura; c) valorização da produção de textos em sala de aula, e; d) preocupação com a reação do leitor diante do seu texto.

O quinto objetivo específico desta pesquisa era investigar a existência de repercussão social da experiência do jornal escolar da Escola Roldão. Através de nossa pesquisa bibliográfica identificamos que o projeto do jornal “Galera Roldão” ocupou 12 páginas no segundo volume do “Caderno Pedagógico” publicado pela Secretaria Municipal de Educação de Biguaçu em 2008, sob o título “Projeto 18 – Leitura e Escrita Galera Roldão” (BIGUAÇU, 2008, p. 77-89) e mais 27 páginas no terceiro volume do “Caderno Pedagógico” publicado também em 2008, com o título: “Projeto 3 – Leitura e Escrita: Jornal Galera Roldão” (BIGUAÇU, 2008, p. 38-64). Por intermédio da nossa pesquisa de campo, percebemos que o jornal alvo deste estudo é conhecido não apenas na comunidade local, mas em outras regiões do município biguaçuense, pois a sua repercussão foi além dos limites da localidade de Três Riachos, onde se situa a Escola Roldão, inspirando, indiretamente, professores da Escola Professor Viegas, da rede municipal de Biguaçu, no bairro Janaína, a procurarem informações sobre o projeto do jornal “Galera Roldão”, resultando em uma edição do “Jornal Viegas Animal”, nessa outra escola. Também foi possível perceber a influência positiva na comunidade direta, como professores, funcionários, pais e alunos, que destacaram a importância do “Galera Roldão” tanto como suporte para a publicação dos textos dos alunos como para a divulgação e socialização dos eventos e atividades

realizados na escola, contribuindo para maior integração entre a instituição escolar e a comunidade.

Enfim, o objetivo principal deste estudo foi alcançado, pois a dissertação configurou-se como um espaço de análise da relevância do jornal escolar para a produção de textos de diferentes gêneros textuais/discursivos no ensino e aprendizagem da língua. Para atingirmos o que foi proposto com nossa pesquisa, elaboramos preliminarmente o nosso quadro teórico nos capítulos 2 e 3 desta dissertação com base nos gêneros do discurso, segundo a perspectiva bakhtiniana e o interacionismo sócio-discursivo bronckartiano, na proposta de ensino com o jornal escolar de Freinet (1974) e na pedagogia da autonomia de Freire (1981; 2004). Nesse contexto, destacamos especialmente a nossa abordagem feita na seção 3.3, cuja discussão ressalta a relevância do jornal escolar no ensino e aprendizagem da língua materna. Na sequência, nos baseamos nos dados coletados na pesquisa empírica com nosso objeto de estudo, o jornal “Galera Roldão”, através das entrevistas e da análise das edições dessa mídia escolar. Uma vez confrontados os dados da pesquisa de campo com o nosso referencial teórico, este estudo apontou os seguintes resultados para o nosso objetivo geral: 1) no quesito variedade de gêneros textuais encontramos 14 gêneros publicados em apenas seis edições do “Galera Roldão”, o que nos leva afirmar que o trabalho como o jornal escolar possibilita ao aluno o contato, a produção e a apropriação de textos de natureza cada vez mais variada, em oposição à redação escolar que se limita a um único gênero trabalhado em sala de aula; 2) o uso desse tipo mídia na escola estimula a escrita do aluno, fazendo com que este venha procurar a escrever com mais clareza, a fim de que as suas ideias possam ser entendidas pelos seus leitores; 3) o trabalho com o jornal escolar contribui para melhorar a escrita dos alunos, tornando-os mais críticos em relação à produção de textos na escola; 4) a utilização dessa mídia impressa no ambiente escolar facilita o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita nas demais disciplinas, não se limitando apenas à língua portuguesa; 5) o jornal de sala de aula promove aos alunos maior interesse pela produção escrita, já que os textos passam a exercer a função de comunicar e de interagir na sociedade, e; 6) o uso do jornal escolar é relevante para o aluno porque esse suporte de comunicação é um instrumento que lhe dá voz e vez para se expressar por meio da escrita na sociedade da qual ele faz parte.

Por outro lado, é importante ressaltar que no contexto da Escola Roldão, o jornal escolar precisa ser explorado com mais frequência para

que os educandos possam tirar maior proveito na sua aprendizagem através dessa mídia escolar, pois, apesar dos aspectos relevantes apontados nesta pesquisa não apenas para o ensino e aprendizagem da língua materna, mas para as demais disciplinas do currículo escolar, acreditamos que apenas uma edição anual do jornal “Galera Roldão” é insuficiente para promover a competência discursiva escrita dos alunos por intermédio desse suporte midiático.

Reconhecemos que o nosso estudo tem limitações, devidas ao tempo relativamente reduzido disponível para se escrever uma dissertação de mestrado. No entanto, os nossos estudos apontam outras perspectivas de pesquisa que poderão ser exploradas por estudiosos que venham a se interessar por esta temática, como o uso do jornal escolar para práticas de letramento, ensino e aprendizagem da língua materna na perspectiva dos gêneros textuais/discursivos através do jornal escolar on-line, o uso do jornal on-line como instrumento de interação entre alunos de Educação a Distância (EaD), além de outras possibilidades de estudos que podem ser identificadas nesta dissertação por intermédio de diferentes leituras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Heloísa. *Sequência didática e ensino de gêneros textuais*. Disponível em:

<http://escrevendo.cenpec.org.br/ecf/index.php?option=com_content&view=article&id=183&catid=18:artigos&Itemid=148>. Acesso em 10 Dez. 2011.

ANTUNES, Irlandé. *Aula de Português: encontro & interações*. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ASESBP. *Gêneros literários: crônica*. Disponível em: <<http://www.asesbp.com.br/literatura/cronica.htm>>. Acesso em 15 Jun. 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*; [tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira; revisão da tradução Maria Appenzeller]. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).

BAKHTIN, Mikhail/VOLOSHINOV, Valentin N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, p. 115, 2006. Disponível em: <http://www.linguaeducacao.net/livros/Bakhtin_-_Marxismo_e_filosofia_da_linguagem%5B2%5D.pdf>. Acesso em 18 Abr. 2010.

BALTAR, Marcos Antonio Rocha. *Competência discursiva & gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula*. 1ª ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

BENTES, Anna Christina. *Linguística textual*. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, vol. 1. 5ª ed. São Paulo: Cortez, p. 245-287, 2006.

BIGUAÇU, Secretaria Municipal de Educação. *Leitura e escritura: Jornal Galera Roldão*. In: BIGUAÇU, Secretaria Municipal de Educação. *Caderno Pedagógico: relatos do cotidiano da Rede Municipal de Ensino de Biguaçu*. Kátia Bernadeth da Silva, Roselane Scheidt dos Santos, Zulmara Luiza Gesser (orgs.). Biguaçu: PZ Business Ltda, 2008. [Caderno Pedagógico, 2].

BIGUAÇU, Secretaria Municipal de Educação. *Leitura e escritura Galera Roldão*. In: *Princípios pedagógicos da educação infantil e relatos do cotidiano da Rede Municipal de Ensino de Biguaçu*. Kátia Bernadeth da Silva, Roselane Scheidt dos Santos, Zulmara Luiza Gesser (org.). Biguaçu: PZ Business Ltda., 2008. [Caderno Pedagógico, 3].

BONINI, Adair. *Metodologias do ensino de produção textual: a perspectiva da enunciação e o papel da Psicolinguística*. Florianópolis: EDUFSC, v. 20, n. 1, p. 23-47, 2002.

_____. *Jornal escolar: gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de linguagem*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. V. 11, N. 1. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v11n1/v11n1a09.pdf>>. Acesso em 05 Ago. 2011.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: Ensino de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 5ª a 8ª séries: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITTO, Luiz Percival Leme. *Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares)*. In: GERALDI, João Wanderlei (org.) *O texto na sala de aula*. 3ª ed. São Paulo: Ática, p. 117-125, 2003.

BRONCKART, Jean-Paul. *Os gêneros de textos e os tipos de discurso como formatos das interações propiciadoras de desenvolvimento*. In: _____. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio (orgs.); Anna Rachel Machado, Maria de Lourdes Meirelles Matencio [et al.] (trad.). Campinas: Mercado de Letras, 121-160, 2006. (*Coleção ideias sobre linguagem*).

CICLO DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS. *Ovídio Decroly: a Escola da Ermida, os Centros de Interesse*. Ciclo de Estudos Pedagógicos, nº 4.

Disponível em:

<<http://www.pedagogiaespirita.org/ebook/04Decroly.pdf>>. Acesso em 10 Nov. 2010.

COMUNICAÇÃO E CULTURA. *O que é o Clube do Jornal?*

Disponível em: <<http://comcultura.org.br/nossos-programas/clube-do-jornal/>>. Acesso em: 20 Jul. 2011.

_____. *Conheça o Fala Escola*. Disponível em: <<http://comcultura.org.br/nossos-programas/fala-escola/>>. Acesso em: 10 Jul. 2010.

_____. *O que é e como surgiu o Primeiras Letras*. Disponível em: <<http://comcultura.org.br/nossos-programas/primeiras-lettras/>>. Acesso em: 10 Jul. 2010.

DAOUN, Michel. *Alunos jornalistas: jornal de escola – como usar o laboratório de informática para exercitar a escrita...* In: *Carta na Escola*. Edição nº 20. São Paulo: Editora Confiança, p. 62, 63, outubro/2007.

DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. 3ª ed. Campinas: Autores Associados, 1998.

DOLZ, Joaquim e SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona)*. In: Gêneros orais e escritos na escola. ROJO, Roxane e CORDEIRO, Gláís Sales (trad. e org.). Campinas: Mercado da Letras, 2004.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. *Célestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *Jornal escolar: fundamentos & experiências*. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anaisjornal/jornal2/Textos/Mesa_Redonda/SAL_A3-MarisaDelCioppoElias.htm>. Acesso em 26 Jun. 2010.

ESCOLA ROLDÃO. *Projeto Político Pedagógico*. Biguaçu: Escola Roldão, 2010.

_____. *Projeto Jornal “Galera Roldão”*: um jornal produzido por alunos e professores. Biguaçu: Escola Roldão, 2010.

FREINET, Célestin. *O jornal escolar*. Trad. Filomena Quadros Branco. Lisboa: Estampa, 1974. (Técnicas de educação).

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GASKELL, George. *Entrevistas individuais e grupais*. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. GUARESCHI, Pedrinho (trad.). 7ª ed. Petrópolis: Vozes, p. 64-89, 2008.

GERALDI, João Wanderlei. *Concepções de linguagens e ensino de português*. In: O texto na sala de aula. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. O texto na sala de aula. Cascavel: Assoeste, 1984.

IJUIM, Jorge Kanehide. *Jornal escolar e vivências humanas: um roteiro de viagem*. Bauru (SP): EDUSC; Campo Grande (MS): UFMS, 2005.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. *A produção de texto escrito na escola a partir de gêneros discursivos*. In: SILVA, Elizabeth Ramos da (org.). *Texto & Ensino*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 19-36, 2002.

MEDINA, Jorge Lellis Bonfim. *Gêneros jornalísticos: repensando a questão*. In: Revista Symposium. Ano 5 nº 1. Universidade Católica de Pernambuco, janeiro-junho, 2001, p. 45-55. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/3196/3196.PDF>>. Acesso em 15 Jun. 2011.

MELO, José Marques. *Estudos de Jornalismo Comparado*. São Paulo: Pioneira, 1972.

_____. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MEURER, José Luiz; MOTTA e ROTH, Desirée (orgs.). *Parâmetros de textualização*. Santa Maria: Editora da UFSM, 1997.

MIRANDA, Iraildes Dantas de. *Manual de redação (Folha de São Paulo)* (resumido). Disponível em: http://www.4shared.com/document/9C61A9au/Livro_-_Manual_De_Redao_-_Folh.html>. Acesso em: 12 Jun. 2011.

OLIVEIRA, Maria do Socorro. *Gêneros textuais e letramento*. In: REVISTA BRASILEIRA DE LINGUÍSTICA APLICADA, v. 10, n. 2. Belo Horizonte: ALAB/Faculdade de Letras da UFMG, p. 325-345, 2010.

PÉCORÁ, A. *Problemas de redação*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1981].

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

RODRIGUES, Rosângela Hammes. *A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. São Paulo: 2001. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. *Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares*. Florianópolis: COGEN, 1998.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. *Proposta Curricular de Santa Catarina: Estudos Temáticos*. Florianópolis: IOESC, 2005.

SANTOS, Maria Lúcia dos. *A expressão livre no aprendizado da língua portuguesa: pedagogia Freinet*. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 1993. (*Série Pensamento e ação no magistério. Recursos didáticos para o magistério*).

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado das Letras, 2009. (*Série ideias sobre linguagem*).

SOBREIRO, Marco Aurélio. *Célestin Freinet e Janusz Korczak, precursores do jornal escolar*. Disponível em: <http://www.bemtv.org.br/.../FreinetEKorkzak_Precursores_do_jornalescolar_MarcoAurelioSobreiro.pdf>. Acesso em: 19 Jun. 2010.

TOMKIEWCZ, S. *Originalidade e atualidade da obra pedagógica de Janusz Korczak*. In: KORCZAK, Janusz. *Como amar uma criança*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 11-20, 1997.

_____. *Prefácio*. In: KORCZAK, Janusz. *Direito da criança ao respeito*. São Paulo: Perspectiva, 7-18, 1984.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1978].

ANEXOS

ANEXO A – Questionário aplicado aos educadores da Escola Roldão



pós-graduação em lingüística

Universidade Federal de Santa Catarina, CCE, UFSC, CPGLg, sl. 201, Trindade
CEP 88040-970, Florianópolis, SC, Brasil - Fone: (048) 331.9581 - Fax: (048) 331.6604

E-mail: pgl@cce.ufsc.br
<http://www.cce.ufsc.br/80/~pgl>

PESQUISA PARA O MESTRADO EM LINGUÍSTICA

MESTRANDO: Reginaldo Amorim de Carvalho e-mail:

racrbe@hotmail.com

ENTREVISTADOS: Educadores da EBM Prof. Manoel Roldão das
Neves

Nome: _____

- 1) Quais os gêneros textuais que são trabalhados com os alunos na produção do “Galera Roldão”?
- 2) Como você incentivou os alunos na produção dos textos para o jornal escolar? Eles são orientados a produzir um determinado gênero textual ou essa escolha acontece espontaneamente?
- 3) Que estratégias os professores utilizam para motivar os alunos a produzirem diferentes gêneros textuais/discursivos?
- 4) De que maneira o projeto do jornal “Galera Roldão” tem contribuído para a produção de diferentes gêneros textuais pelos

alunos? Comente sobre algum aspecto positivo, real, que se tem notado na produção escrita desses alunos desde que se implantou o projeto do jornal na Escola Roldão.

- 5) Qual a repercussão social que o jornal “Galera Roldão” tem provocado na comunidade? O que as pessoas de fora da escola têm comentado a respeito do projeto do jornal escolar?

ANEXO B – Questionário aplicado aos alunos da Escola Roldão



E-mail: pgl@cce.ufsc.br
<http://www.cce.ufsc.br/80/~pgl>

pós-graduação em lingüística

Universidade Federal de Santa Catarina, CCE, UFSC, CPGLg. sl. 201, Trindade
CEP 88040-970, Florianópolis, SC, Brasil - Fone: (048) 331.9581 - Fax: (048) 331.6604

PESQUISA PARA O MESTRADO EM LINGÜÍSTICA

MESTRANDO: Reginaldo Amorim de Carvalho e-mail:

racrbe@hotmail.com

ENTREVISTADOS: Alunos da EBM Prof. Manoel Roldão das Neves

Nome (apenas as iniciais): _____

- 1) Que “tipos” de textos de jornais que você conhece?
- 2) Como você e seus colegas de turma foram orientados a escrever os textos para o jornal “Galera Roldão”? Comente como foi realizada a escrita desses textos.
- 3) Para você, como é escrever um texto que será publicado no jornal “Galera Roldão”?
- 4) Quem você imagina que irá ler o seu texto quando está escrevendo para o “Galera Roldão”? Você se preocupa se essas pessoas vão entender o seu texto?
- 5) De que maneira a produção do “Galera Roldão” incentivou você a gostar mais de escrever e produzir textos melhores?

- 6) O que as pessoas que não fazem parte Escola Roldão acham do jornal escrito por vocês? Que comentários você ouviu dessas pessoas sobre o “Galera Roldão”?

- 7) Além da produção de textos, o que você acha interessante no trabalho com produção do jornal na escola?

ANEXO C – Questionário aplicado aos funcionários e pais de alunos da Escola Roldão



pós-graduação em lingüística

Universidade Federal de Santa Catarina, CCE, UFSC, CPGLg, sl. 201, Trindade
CEP 88040-970, Florianópolis, SC, Brasil - Fone: (048) 331.9581 - Fax: (048) 331.6604

E-mail: pgl@cce.ufsc.br
<http://www.cce.ufsc.br:80/~pgl>

PESQUISA PARA O MESTRADO EM LINGUÍSTICA

MESTRANDO: Reginaldo Amorim de Carvalho e-mail:

racrbe@hotmail.com

ENTREVISTADOS: Funcionários e pais de alunos da EBM Prof. Manoel Roldão

Nome (apenas as iniciais): _____

- 1) Qual a importância do jornal da Escola Roldão para você e a sua comunidade?

- 2) O que você espera encontrar em um jornal escrito por alunos e professores, como o jornal “Galera Roldão”?

- 3) Que comentários positivos e/ou negativos que você ouve das pessoas de sua região sobre o jornal “Galera Roldão”?

ANEXO D – Projeto Jornal “Galera Roldão”

EBM. Prof. Manoel Roldão das Neves
Encruzilhada – Três Riachos – Biguaçu

PROJETO JORNAL “GALERA ROLDÃO”
Um jornal produzido por alunos e professores



Março de 2010

"Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer.
Porque eu sou do tamanho do que vejo
e não do tamanho da minha altura..."

Fernando Pessoa

INTRODUÇÃO

A opção em desenvolver o jornal "Galera Roldão" como instrumento de ação pedagógica, surge na escola no ano de 2006, e em seu bojo, o grupo de educadores que atuavam na escola Roldão¹ naquele período já pensavam nesta proposta como um elemento que servisse para socializar os trabalhos realizados por professores e alunos.

No decorrer do processo o projeto do jornal foi se tornando consistente, tanto que no ano de 2007 foram editadas duas edições, seguindo o primeiro modelo.

Já no ano de 2008, é editada a 4ª edição. Entretanto essa edição merece destaque, pois se difere das anteriores, já que foram os alunos os editores e escritores do jornal. Situação que demonstrou de modo gratificante ao grupo de educadores da escola o envolvimento, interesse e participação dos alunos na produção do periódico.

A escola Roldão por manter seu projeto de "Leitura e Escrita" pretende dar continuidade neste projeto de trabalho coletivo, procurando despertar assim, um pensamento crítico e o interesse não somente pela leitura e escrita, mas também pelo conhecimento da estrutura de um jornal, pelo trabalho em equipe, pelo uso correto da ortografia, da produção textual e reescrita de notícias e informações.

¹ Passaremos a nos referir à escola simplesmente como "Roldão", (como ela é conhecida na comunidade).

Justificativa

A escola, como tantas outras instituições na maioria das vezes acaba tornado-se estabelecimentos relativamente fechados, onde os alunos devem meramente receber instrução e formação. Na maioria das vezes os alunos ficam nesses ambientes escolares isolados da sociedade que evolui a sua volta.

Como apregoa a função social que consta Proposta Curricular do município de Biguaçu,

A escola tem por função específica proporcionar aos seus alunos o acesso ao conhecimento científico, e por função social, a formação de cidadãos comprometidos com a transformação da sociedade. Neste sentido, a escola é um espaço de contradição e tem como função primordial possibilitar o desenvolvimento do ser humano, que só ocorre na interação que se estabelecem entre os sujeitos e destes com a natureza. (2003, p.22)

Assim, a proposta da elaboração de um jornal pelos alunos como atividade conjunta e que contemple as orientações pedagógicas de trabalho coletivo na escola, espera-se fomentar dessa maneira a interação entre os diferentes sujeitos envolvidos no projeto, pois, possibilitar a construção de um veículo de comunicação impresso é trazer o mundo para dentro da escola.

Dessa maneira pode-se afirmar que o jornal seria uma "janela de papel", conforme aponta Faria:

Através dessa janela, o aluno pode atravessar as paredes da escola e entrar em contato com o mundo e com a atualidade. Jornais e revistas são, portanto, mediadores entre a escola e o mundo. (1999, p. 11)

Sendo que o jornal é também uma fonte primária de informação, um portador de diferentes gêneros textuais (textos opinativos, editorial, cartas dos leitores, críticas, notícias, reportagens, dicas culturais, classificados entre outros) distribuídos em diferentes cadernos, acaba por si só possibilitar aos alunos o acesso a diferentes linguagens e conhecimentos, a diferentes leituras e visões de mundo.

Objetivo Geral

Elaboração da 6ª edição do jornal "Galera Roldão" pelos alunos da 7ª série I e II, no primeiro semestre. No segundo semestre a 7ª edição do jornal será elaborada pelos alunos da 8ª série.

Objetivos Específicos

► Promover o conhecimento dos principais gêneros que aparecem nos jornais: editorial, notícias, reportagens, entrevistas, variedades e caderno de cultura diferenciando-os dos demais artigos e/ou publicações.

► Propiciar aos educandos o contato com os diferentes gêneros textuais que compõe diferentes publicações jornalísticas, destacando-se a distribuição dos textos de acordo com o enfoque e a visão de cada setor do jornal;

Metodologia

O jornal será dividido em seis eixos: editorial, notícias, entrevistas, reportagens, variedades e caderno cultural. Os alunos serão organizados em seis grupos, cada grupo será responsável por um eixo durante todo o processo de trabalho.

Este projeto será realizado de modo interdisciplinar e envolverá diretamente as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Artes e História.

As disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática e Artes estarão desenvolvendo conceitos pertinentes a etapa de estudos das turmas envolvidas em todos os eixos. Já a disciplina de História irá desenvolver seus estudos em relação ao eixo do Caderno cultural, que abordará também seis temáticas, sendo que cada grupo irá desenvolver um tópico.

As disciplinas de Inglês e Espanhol produzirão um artigo em sua língua. Sendo que os alunos da 7ª I ficarão encarregados de produzi-lo em espanhol e os alunos da 7ª II em inglês.

A princípio será adotado um caderno de desenho por aluno que servirá como referência dos registros e trabalhos desenvolvidos em cada etapa do projeto.

Primeira etapa –

1. Conversar com os alunos sobre o Projeto Jornal “Galera Roldão” e apresentar os seis eixos (editorial, notícias, entrevistas, reportagens, variedades e caderno cultural);
2. Formar os grupos que trabalharão com cada eixo (os grupos devem ter número igual de participantes, conforme divisão de número total de alunos por sala);
3. Definição com as turmas e grupos de como será o jornal da escola, e organizar quais grupos caberá determinada parte de produção do jornal;
4. Expor uma variação de jornais para que os mesmos identifiquem os diferentes gêneros neles contidos e os que serão abordados no jornal da escola;
5. Estabelecer relação entre as diferentes funções e níveis de linguagem presentes nos jornais;

Segunda etapa –

1. O objetivo desta etapa é colher as informações que os alunos apresentam sobre a estrutura organizacional de um jornal, estabelecendo uma relação cronológica entre um fato noticioso e a sua publicação;
2. Identificar nos diversos jornais as diferentes seções e, em sala de aula, montar um painel onde será exposta cada seção que constará no veículo de comunicação da escola;
3. Será solicitado que registrem as informações numa tabela com as seguintes colunas:
 - Editorial;
 - Notícias;
 - Entrevistas;
 - Reportagens;
 - Variedades;
 - Caderno cultural;

Terceira etapa –

1. Apresentar aos alunos três textos de cada eixo temático, solicitar a leitura de cada um dos textos e perguntar aos alunos as diferenças que percebem entre eles e quais os objetivos de cada um;
2. Cada grupo deverá iniciar o esboço do eixo temático no qual estará trabalhando;
3. Apresentação da notícia escrita por eles.

Quarta etapa –

1. Avaliação da necessidade e a disponibilidade de recursos materiais, como papel, máquinas fotográficas, computadores, despesas em geral, (filmes, revelação, gráfica...), além de patrocinadores e publicidade;

Quinta etapa –

1. Definir as atividades e temas que estão sendo trabalhados na escola pelos diferentes professores, bem como a sua relação com a comunidade que a cerca;

Sexta etapa –

1. Produção textual e releitura e reescrita dos mesmos;

Sétima etapa –

1. Produção do esboço do jornal com base nos conteúdos trabalhados em sala de aula para posterior formatação, produção e edição.

Avaliação

A avaliação dar-se-a gradativamente no decorrer da produção e elaboração de cada etapa do processo de criação do jornal. A partir da reescrituração feita pelos próprios alunos. Os professores, concomitantemente, estarão acompanhando a evolução dos mesmos quanto à apropriação dos conhecimentos e conceitos.

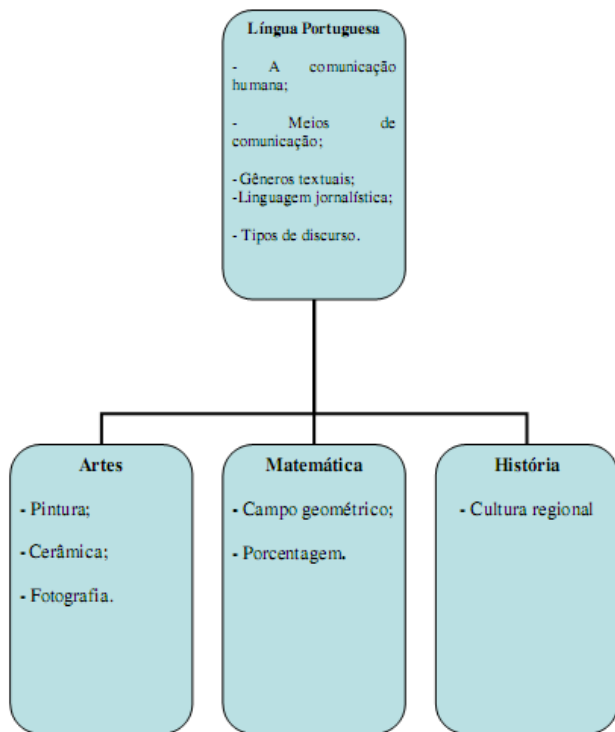
Exemplos de formas avallativas: Síntese individual por parte dos alunos sobre conhecimentos e conceitos trabalhados nas etapas do projeto; observação do espírito coletivo e solidário na construção das respectivas etapas e do produto final.

Ao término das atividades desenvolvidas no projeto os alunos da 7ª I e 7ª II realizarão sob a coordenação dos professores envolvidos um seminário de apresentação de cada eixo para todas as turmas do período matutino como forma de socializar e trocar experiências dessa trajetória.

Áreas do conhecimento envolvidas no projeto –

- 1 Língua Portuguesa. 05 aulas semanais, sendo duas destinadas ao projeto;
- 2 Matemática. 04 aulas semanais, sendo duas destinadas ao projeto;
- 3 Artes. 02 aulas semanais, sendo uma destinada ao projeto;
- 4 História. 02 aulas semanais, sendo que a cada quinzena trabalhará 02 aulas destinadas ao projeto;
- 5 Inglês. 01 aula semanal, sendo que a cada quinzena trabalhará uma aula destinada ao projeto;
- 6 Espanhol. 01 aula semanal, sendo que a cada quinzena trabalhará uma aula destinada ao projeto.

8



8

Cronograma

DATA	ATIVIDADES
14/04	Apresentação e discussão do projeto com os alunos
a	Apresentação e discussão do projeto com os alunos
	Apresentação e discussão do projeto com os alunos
20/04	Apresentação e discussão do projeto com os alunos
	Apresentação e discussão do projeto com os alunos
22/04	Contato dos alunos com diferentes jornais
a	Contato dos alunos com diferentes jornais
	Contato dos alunos com diferentes jornais
	Contato dos alunos com diferentes jornais
28/04	Contato dos alunos com diferentes jornais
	Contato dos alunos com diferentes jornais
29/04	Montagem de painel e definição das diferentes seções
	Montagem de painel e definição das diferentes seções
	Montagem de painel e definição das diferentes seções
a	Montagem de painel e definição das diferentes seções
	Montagem de painel e definição das diferentes seções
	Montagem de painel e definição das diferentes seções
	Montagem de painel e definição das diferentes seções
	Montagem de painel e definição das diferentes seções
14/05	Montagem de painel e definição das diferentes seções
	Montagem de painel e definição das diferentes seções
17/05	Produção textual das matérias que constarão no jornal
a	Produção textual das matérias que constarão no jornal
	Produção textual das matérias que constarão no jornal
04/6	Produção textual das matérias que constarão no jornal
07/06	Reescritura textual
a	Reescritura textual
	Reescritura textual
	Reescritura textual
16/06	Reescritura textual
21/06	Esboço do jornal
a	Esboço do jornal
	Esboço do jornal
	Esboço do jornal
25/06	Esboço do jornal
28/06	
a	Formatação e impressão do jornal
02/07	
A partir de 03/07	Circulação do jornal

Referências

BIGUAÇU, Secretaria Municipal de Educação, Desporto e Cultura. **Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Biguaçu**. Biguaçu: SEMEDEC, 2003.

FARIA, Maria Alice de Oliveira. **Como usar o jornal na sala de aula** Maria Alice de Oliveira Faria. 4ªed. São Paulo: Contexto, 1999.

As imagens utilizadas na capa do projeto referem-se as três primeiras edições do jornal "Galera Roldão", nos anos de 2006 e 2007.